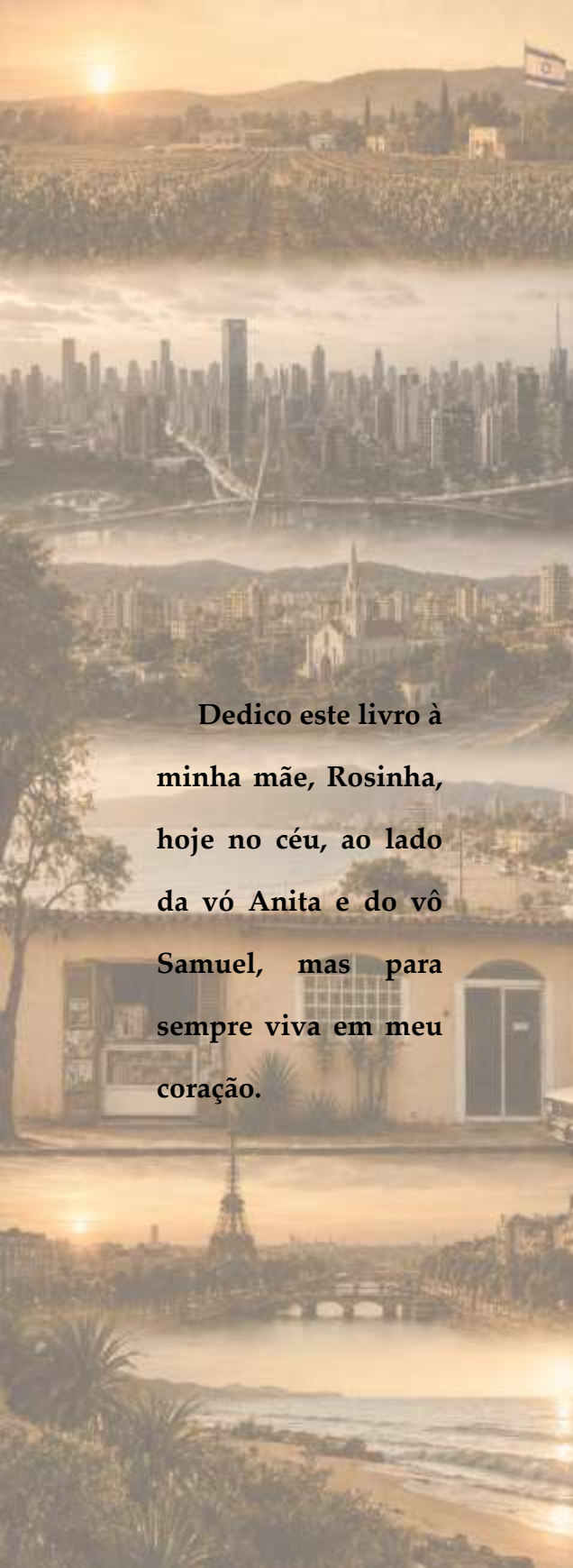




Uma Vida em Muitas Vidas

Israel: a terra, a guerra e o sonho distante

Flávio Dellazzana



Dedico este livro à
minha mãe, Rosinha,
hoje no céu, ao lado
da vó Anita e do vô
Samuel, mas para
sempre viva em meu
coração.



Uma Vida em Muitas Vidas

Israel: a terra, a guerra e o sonho distante

FLAVIO DELLAZZANA

ISBN: 978-65-02-10617-4



A Garrafa de Vinho do Porto

O dia era o meu aniversário de dezoito anos.

Naquela idade, a gente acredita que atravessou uma fronteira. Não atravessou. Apenas recebe, dos outros, a autorização para começar a se enganar com mais solenidade. Eu achava que me tornava homem naquela noite. Hoje sei que, de certo modo, foi minha mãe quem nasceu outra vez diante de mim.

A casa estava em silêncio, aquele silêncio de algo fora do lugar, como um papel de presente amassado em algum canto.

Meu pai foi dormir. Minha irmã também. As vozes desapareceram lentamente, como se a noite as recolhesse uma a uma.

Eu me preparava para ir para o meu quarto quando minha mãe me chamou: *“Luquinha.”*

Era assim que ela me chamava quando eu era criança.

Eu já tinha dezoito anos, mas aquele nome ainda me alcançava num lugar anterior à idade.

Luquinha era o menino que corria pela casa, que voltava da praia com areia nos pés, que fazia perguntas demais, que se escondia atrás da mãe quando o mundo parecia grande.

Na boca dela, aquele apelido tinha o poder de me devolver a uma infância que eu fingia já ter abandonado.

“Vem aqui um pouco”, disse ela.

Havia algo diferente em sua voz.

Não era tristeza. Não era alegria. Era uma gravidade calma, como se ela tivesse carregado uma pedra por muito tempo e finalmente decidisse colocá-la sobre a mesa.

Fomos para a sala mais baixa da casa. Era quase um refúgio. Ficava num nível inferior, com uma lareira que, naquela noite, estava acesa. O fogo queimava devagar, iluminando as paredes com uma luz instável. As sombras se moviam como se também quisessem ouvir.

Sobre a mesa havia uma garrafa de vinho do Porto e dois cálices, ou talvez fossem apenas copos de vidro.

Eu gostaria de dizer que eram de cristal, porque a memória, quando ama uma cena, tenta enfeitá-la. Mas sejamos sinceros: não importava.

O que importava era que havia dois copos e, pela primeira vez, minha mãe parecia disposta a beber comigo quase de igual para igual.

Eu já bebia desde os dezesseis.

Em casa, meus pais não faziam disso um escândalo. Às vezes me davam pequenos goles de caipirinha, de vinho, alguma bebida em dia de festa, sempre sob aquela vigilância familiar que transforma a transgressão em costume. Mas aquela noite era diferente. Não era um gole dado a um filho curioso. Era uma garrafa colocada entre nós, como quem coloca uma testemunha.

Ela serviu doses altas. Altas demais.

O vinho caiu espesso nos copos, escuro, quase rubro, e a luz da lareira pareceu acender dentro dele. Minha mãe segurou o próprio cálice com as duas mãos por alguns segundos antes de beber. Observei seus olhos.

Eu conhecia aqueles olhos, ou achava que conhecia. Eram os olhos da minha mãe.

Os olhos que fiscalizavam se eu havia me alimentado direito, se havia estudado, se estava mentindo, se precisava de bronca ou de abraço.

Os olhos da dona da casa, da mulher que gostava de viajar, da esposa que permanecia, da mulher que sabia ser dura quando queria e doce quando resolvia. Eram olhos familiares.

Mas naquela noite havia neles outra profundidade.

Um brilho distante.

Como se, por trás da minha mãe, existisse uma mulher mais antiga, esperando há décadas para ser chamada.

O vinho era forte, doce e quente. Desceu pela garganta como uma pequena coragem. Minha mãe bebeu mais do que eu esperava.

Não de modo vulgar, não como quem procura esquecimento. Bebia como quem se aproxima de uma porta e precisa da mão firme para girar a chave.

Depois ficou em silêncio.

A lareira estalou.

Dentro da casa, tudo parecia imóvel.

Eu me lembro de ter pensado que ela talvez fosse falar sobre meu futuro. Faculdade, responsabilidade, mulheres, dinheiro, trabalho, qualquer uma dessas conversas que mães acreditam ser urgentes quando os filhos fazem dezoito anos.

Mas ela não falou disso.

Ela me olhou durante muito tempo.

Então disse: *“Luquinha, a mãe tem uma história para te contar.”*

Sorri, talvez por nervosismo.

“História?”

Ela não sorriu.

“Uma história. Mas você precisa me prometer três coisas.”

A palavra promessa, dita por ela daquele jeito, tirou qualquer brincadeira de mim.

“Que coisas?”

Ela levantou um dedo.

“Primeiro: você não vai me julgar antes de eu terminar.”

Fiquei quieto. Ela levantou o segundo.

“Segundo: você não vai repetir essas palavras enquanto eu estiver viva.”

A sala pareceu ficar menor.

“Mãe...”

“Promete.” Não era pedido. Era ordem.

Assenti.

“Prometo.”

Ela levantou o terceiro dedo, mas, dessa vez, demorou um pouco antes de falar.

“E terceiro: se um dia eu partir...”

A frase ficou suspensa.

Não gostei de ouvi-la dizer aquilo.

Aos dezoito anos, a morte dos pais ainda parece uma injustiça teórica, algo que acontece com os outros, com famílias distantes, nunca dentro da nossa casa, nunca diante da nossa lareira, nunca entre uma garrafa de vinho do Porto e dois copos de vidro.

Ela se levantou e caminhou até uma parede da sala e pousou a mão sobre ela.

A luz do fogo desenhou sua sombra comprida. Por um instante, aquela mulher pequena, doméstica, minha mãe, pareceu maior que a casa inteira.

“Dentro desta parede”, disse ela, “há uma sacola cimentada.”

Eu não entendi. *“Como assim?”*

Ela não respondeu à minha pergunta. Continuou olhando para a parede.

“Tem documentos. E outras coisas.”

Senti um frio subir pela nuca.

“Que documentos?”

Ela virou-se para mim.

“Você vai saber quando for a hora. Essa sacola deve ser entregue em um endereço em São Paulo.”

“Que endereço?”

“Está dentro da sacola.”

Minha cabeça começou a procurar explicações comuns.

Talvez papéis antigos da família. Alguma herança. Algum problema com os aluguéis. Alguma dívida. Algum segredo de casamento. Mas nada na voz dela combinava com essas possibilidades. Minha mãe falava como alguém que passara a vida preparando aquela frase.

Voltou a se sentar. Serviu mais vinho.

O Porto era doce demais. Forte demais. A noite também.

Ela respirou fundo.

“Antes de eu ser sua mãe, eu fui outra pessoa.”

Essa frase me incomodou.

Todo filho sabe, em teoria, que a mãe existiu antes dele.

Mas saber em teoria não é saber de verdade. Para nós, os filhos, as mães começam quando nascemos.

Elas podem ter fotografias antigas, vestidos antigos, namorados antigos, mas tudo isso parece pertencer a uma pré-história sem carne. Uma mãe ter sido outra pessoa é uma ideia aceitável apenas enquanto não se senta diante de nós, com vinho nos olhos, para provar que foi.

“Outra pessoa como?”, perguntei.

Ela olhou para o fogo.

“Outro nome.”

A lareira estalou novamente.

“Que nome?”

Ela demorou.

Quando respondeu, sua voz pareceu vir de muito longe.

“Hannah.”

Repeti mentalmente, sem entender. Hannah.

Não parecia nome da minha mãe.

Minha mãe era Graciana.

Graciana Zariel D'Alviano.

A dona da casa. A mulher que orientava a empregada, conferia os contratos, decidia sobre os carros da locadora, acompanhava a compra de novos veículos, organizava o imposto de renda, cuidava da livraria, das malas antes das viagens, das contas, das chaves e daquela infinidade de pequenas urgências invisíveis que mantêm uma família em pé, como vigas escondidas dentro das paredes.

A mulher que brigava com meu pai, que ria quando queria, que se fechava quando alguma coisa a feria, que sabia transformar o cotidiano em ordem e, às vezes, em mistério.

Graciana era um nome pequeno, quase doméstico.

Hannah era outro mundo.

“Eu morei em Israel”, disse ela.

“Sim, eu sei, mãe.”

“Não. Você não sabe.”

A maneira como falou aquilo me calou.

Ela deu outro gole no vinho.

“Você sabe que estive lá. Sabe a versão que podia ser contada. Uma moça jovem, uma temporada, um kibutz, trabalho, juventude. Isso é uma casca. Uma casca verdadeira, mas ainda casca.”

Eu olhava para ela e já não sabia onde apoiar meus pensamentos.

“O que aconteceu lá?”

Ela não respondeu de imediato.

Enfiou a mão no bolso do robe ou da roupa que usava, não lembro com precisão. A memória, nesse ponto, guarda o gesto e esquece o tecido. Tirou algo pequeno, embrulhado em um pano antigo. Colocou sobre a mesa.

Não abriu. Apenas pousou ali.

“Eu vou contar desde o começo”, disse. “Mas você precisa entender uma coisa antes.”

“O quê?”

Ela inclinou-se na minha direção.

Os olhos dela estavam úmidos, mas não frágeis.

“Tudo que fiz, fiz por Israel. E tudo que escondi, escondi por vocês.”

Eu deveria ter feito alguma pergunta. Não fiz.

Há momentos em que uma pergunta pequena demais pode quebrar uma revelação grande demais. Eu apenas fiquei ali, com dezoito anos recém-completos, um copo de vinho do Porto na mão, a lareira acesa, minha mãe diante de mim e uma parede da casa guardando, segundo ela, uma sacola cimentada com documentos e outras coisas.

Outras coisas. Essa expressão me acompanharia por muitos anos.

Ela então começou.

Falou de uma jovem de dezenove anos que chegou a Israel com uma mala pequena e uma alma que parecia ter chegado antes do corpo.

Falou do kibutz, das vinhas, do trabalho no campo, das uvas que ela adorava colher.

Falou de um amor antigo, Eitan, instrutor de tiro, e de tardes olhando desertos.

Falou do pai, David, no Brasil, dono de uma alfaiataria, esperando talvez que a filha voltasse e coubesse na vida que ele havia costurado para ela.

Mas minha mãe não cabia. Nunca coube.

Enquanto ela falava, a sala baixa de uma pequena cidade do litoral gaúcho começou a mudar.

A lareira já não era apenas lareira. Era fogo de parreiral.

O vinho já não era apenas vinho. Era sangue antigo, memória, coragem fermentada em silêncio.

A parede já não era apenas parede. Era fronteira.

E minha mãe, sentada diante de mim, deixava de ser apenas minha mãe.

Ou melhor: tornava-se minha mãe de verdade, talvez pela primeira vez.

Não aquela que eu conhecia pela superfície dos dias, mas a mulher inteira, feita de nomes, exílios, amores, mortes, missões, culpas, renúncias e um amor por Israel que eu ainda não tinha idade para compreender.

Naquela noite, ela me entregou uma história; não sei se inteira. Hoje penso que não.

Ninguém entrega a própria vida inteira a outra pessoa, nem mesmo a um filho; sempre ficam lacunas, zonas protegidas, nomes omitidos, datas embaralhadas, mortes sem explicação, rostos que a memória se recusa a devolver.

Mas o que ela me deu foi suficiente para que eu nunca mais olhasse para ela do mesmo modo.

E talvez este livro comece aqui por isso. Não em Israel. Não no kibutz. Não diante das vinhas.

Mas numa casa em uma pequena cidade do litoral gaúcho, depois de uma festa de aniversário, quando todos dormiam, uma mãe chamou o filho pelo apelido de criança para lhe revelar que, antes de ser Graciana Zariel D'Alviano, antes de ser esposa, mãe, guardiã da casa, dos carros, dos aluguéis, da livraria, das contas e das chaves, antes de parecer apenas caseira e discreta, ela havia sido Hannah.





O Kibutz Kerem Or

Em 1954, Israel ainda parecia uma promessa escrita sobre a poeira.

Ela tinha dezenove anos e carregava uma mala leve demais para quem atravessava uma vida inteira. Dentro dela havia poucas roupas, uma fotografia dobrada, um lenço que ainda guardava o cheiro de casa e uma carta que ela relia sem admitir a ninguém. O resto vinha por dentro: medo, orgulho, curiosidade e aquela coragem própria dos muito jovens, que às vezes não sabem se são valentes ou apenas ignoram a dimensão do mundo.

O kibutz surgia baixo, quase confundido com a terra.

Não havia grandeza ali, ao menos não a grandeza vista de longe. Havia galpões, árvores novas, caminhos de barro seco, vozes em hebraico, painéis enormes, crianças correndo sem procurar a mãe, homens e mulheres queimados de sol, todos trabalhando como se cada gesto ajudasse a sustentar o país inteiro.

E talvez ajudasse.

Na primeira manhã, antes que o sol se levantasse por completo, alguém bateu à porta de seu quarto.

Ela não entendeu as palavras, mas compreendeu o chamado. Levantou-se depressa, amarrou os cabelos, vestiu a roupa simples que lhe haviam dado e saiu.

O ar ainda era frio. Ao longe, uma vaca mugiu. Mais perto, uma mulher riu alto, com uma liberdade que a espantou.

Ela pensou em sua mãe. Pensou na casa deixada para trás. Pensou que talvez ninguém, em lugar nenhum, estivesse preparado para começar de novo.

Então caminhou.

Porque naquele tempo, naquele país jovem e ferido, caminhar já era uma forma de acreditar.







O Trabalho no Campo

O trabalho começava antes que o sol tivesse coragem de mostrar o rosto inteiro.

No kibutz, ninguém perguntava se a noite havia sido boa, se o corpo estava cansado ou se a saudade havia pesado demais sobre o peito. A manhã chegava como uma ordem antiga. Era preciso levantar, vestir a roupa grossa, prender os cabelos, engolir depressa alguma coisa no refeitório e seguir para o campo, onde a terra esperava sem gentileza, mas também sem mentira.

De todos os trabalhos, ela preferia as vinhas.

Havia algo nas uvas que a encantava. Talvez fosse o modo como os cachos amadureciam em silêncio, escondidos entre as folhas largas, recebendo o sol lentamente, como se guardassem dentro de si uma promessa. Talvez fosse o cheiro doce e áspero da plantação, misturado à poeira, ao suor e à manhã. Ou talvez fosse simplesmente porque, entre as fileiras de parreiras, ela sentia que a vida possuía uma ordem secreta.

As mãos ficavam marcadas. As unhas, sujas. Os braços, arranhados. O sol queimava a nuca e fazia a camisa colar nas costas. Mas ela gostava.

Gostava do peso do cesto, do gesto repetido, do corpo inteiro obedecendo a uma finalidade. Ali, ninguém era apenas sonho. Era preciso produzir, carregar, cortar, colher.

A terra não se comovia com discursos. Ela aceitava apenas o trabalho.

E isso lhe parecia justo.

Às vezes, inclinada entre as vinhas, ela pensava em seu pai.

David, no Brasil, deveria estar abrindo a alfaiataria àquela hora. Ela podia vê-lo com clareza: a chave girando na fechadura, o cheiro de tecido guardado, o balcão limpo, as tesouras grandes repousando como instrumentos de precisão, os moldes dobrados, os carretéis alinhados, os ternos pendurados à espera de homens que desejavam parecer mais importantes do que eram.

Seu pai tinha mãos de artesão. Mãos que mediam, cortavam, ajustavam. Mãos pacientes. Mãos que conheciam o valor de um centímetro e o perigo de uma costura torta.

Para David, o mundo precisava de forma. Tudo podia ser corrigido com cuidado: uma manga comprida demais, uma cintura apertada, uma gola mal assentada.

Talvez ele acreditasse que o destino também pudesse ser ajustado assim, com alfinetes invisíveis e boa vontade.

Ele sonhara que a filha ficasse.

Não por egoísmo, ou não apenas por isso. Sonhara vê-la perto, talvez ajudando na loja, talvez aprendendo o ofício, talvez casando-se com alguém conhecido, alguém de boa família, alguém que não a levasse para longe. Ele desejava para ela uma vida decente, protegida, compreensível. Uma vida onde se soubesse o nome das ruas, o rosto dos vizinhos, o preço do pão, a hora de voltar para casa.

Mas não havia casa capaz de contê-la.

Havia nela uma inquietação que não se curvava aos móveis da sala, nem às conversas de domingo, nem ao futuro bem dobrado que os outros lhe ofereciam. Desde menina, alguma coisa a chamava de um lugar que ela ainda não conhecia. Não era capricho. Não era rebeldia simples.

Era mais profundo.

Era como se uma voz anterior ao seu nascimento a chamasse pelo nome.

A terra de Israel não lhe apareceu como uma novidade, mas como uma lembrança. Quando tocou aquele solo pela primeira vez, algo dentro dela despertou. Não foi uma paixão de adolescente, dessas que queimam depressa e deixam cinzas. Foi um amor mais grave, mais antigo, quase silencioso. Um amor que não precisava explicar-se. Um amor que não pedia permissão.

Ela não amou Israel como se ama uma paisagem bonita.

Amou como quem reconhece uma mãe perdida.

Por isso trabalhava nas vinhas com uma alegria que surpreendia as outras moças. Enquanto algumas reclamavam da dureza do campo, ela sorria. Nem sempre. Não de maneira ingênua. Havia dias de cansaço, dias de sede, dias em que a saudade do Brasil lhe atravessava a garganta como um caroço de fruta. Mas, mesmo nesses dias, quando erguia os olhos e via a luz repousando sobre as plantações, sentia que estava onde deveria estar.

Aos poucos, também começaram os treinamentos militares.

No início, entregaram-lhe um uniforme simples, pesado demais, e um fuzil que parecia pertencer a uma história maior do que ela.

Alguns rapazes sorriram ao vê-la segurá-lo. Era o sorriso previsível dos que confundem delicadeza com fragilidade.

Ela nada disse.

Aprendeu a desmontar e montar a arma com atenção feroz. Aprendeu a marchar, a deitar-se no chão, a rastejar, a mirar, a ouvir comandos rápidos em hebraico.

O corpo, antes entregue ao ritmo das vinhas, descobriu outro ritmo: o da disciplina, da vigilância, da sobrevivência.

E ela gostou.

Havia no treinamento uma seriedade que a atraía. Não era gosto pela violência. Isso seria pequeno demais para explicar o que sentia. O que a atraía era a responsabilidade.

A consciência de que aquela terra amada também precisava ser defendida. Cada árvore plantada, cada criança no refeitório, cada casa simples do kibutz, cada canção cantada à noite, tudo parecia existir sobre uma fronteira invisível.

Ela se destacou depressa.

Tinha boa pontaria, mas não era apenas isso. Tinha calma. Uma calma estranha, que surgia justamente quando os outros se agitavam.

O instrutor percebeu. As companheiras também. Ela ouvia, observava, repetia. Não precisava se exhibir. Não queria vencer ninguém. Queria apenas estar à altura do chamado que a trouxera até ali.

Certa tarde, após horas de exercício sob o sol, quando o grupo descansava em silêncio, ela sentou-se sobre uma pedra e olhou para as próprias mãos.

Eram mãos diferentes das mãos de seu pai.

As dele cortavam tecidos. As dela colhiam uvas e seguravam um fuzil.

Mas, de algum modo misterioso, talvez fizessem parte da mesma história.

David também conhecia a sobrevivência. Também sabia o que era reconstruir a vida em terra estrangeira. Também carregava, à sua maneira, a memória de um povo que aprendera a caber em malas, documentos, sobrenomes alterados, línguas emprestadas e orações murmuradas longe de casa.

Ela pensou que talvez seu pai não compreendesse sua partida, ou talvez compreendesse demais, e por isso sofresse.

Porque há pais que desejam proteger os filhos do mesmo fogo que os manteve vivos. David queria poupá-la da incerteza, da distância, da história. Queria dar-lhe uma vida com teto, endereço e costuras firmes. Mas ela havia escolhido outra espécie de tecido: o da terra, do vento, da língua antiga, do perigo, da colheita e da promessa.

Naquela noite, escreveu-lhe uma carta.

Não contou tudo. Não falou do receio. Não falou dos tiros, nem do peso do fuzil, nem da solidão que às vezes a visitava quando todos dormiam. Escreveu sobre as uvas, sobre o trabalho, sobre as moças do kibutz, sobre o sol que parecia nascer mais perto da pele. Disse estar bem.

Depois parou, com a caneta suspensa.

Como explicar a um pai que sua filha não havia fugido dele?

Como dizer que partir não era rejeitar sua casa, mas obedecer a uma raiz mais profunda que a própria infância?

Ela escreveu apenas: “Papai, quando caminho por esta terra, sinto que alguma coisa em mim parou finalmente de procurar.” Dobrou a carta com cuidado.

Do lado de fora, o kibutz mergulhava em silêncio. Ao longe, alguém cantava uma melodia baixa, quase uma prece.

O céu estava cheio de estrelas, mas ela olhava para a terra.

Era dali que vinha a força.

Dali, daquele solo duro e antigo, onde cada pedra parecia guardar uma memória, cada vinha parecia prometer continuidade, cada amanhecer parecia dizer que o impossível, às vezes, aceita ser construído por mãos humanas.

E ela, que nascera longe, começava enfim a pertencer.



שלום, Papai,

Quando caminho por esta terra,
sinto que alguma coisa em mim
finalmente parou de procurar.

Escrevo com saudade, mas também
com paz. Há algo neste solo, neste
vento e nesta luz que me fala de um
modo que eu ainda não sei explicar.
Não fugi de casa. Apenas segui
uma raiz mais funda do que a
própria infância.

באהבה,
Sua filha



Hannah

A convivência no kibutz não era fácil.

De longe, talvez alguém pudesse imaginar aquela vida como uma fraternidade sem fissuras, uma comunidade de jovens movidos apenas por canções, bandeiras e ideais. Mas a verdade era mais humana. Havia cansaço, disputas pequenas, invejas silenciosas, palavras atravessadas no refeitório, tarefas mal divididas, saudades que azedavam o humor e dias em que a fé coletiva parecia pesada demais para ombros tão jovens.

Hannah aprendeu isso depressa.

Foi esse o nome que recebeu, o nome pelo qual a chamavam naquele tempo.

Mais tarde, muito mais tarde, ela seria Graciana, mas essa é outra história, dessas que pertencem a outro capítulo da vida, quando os nomes mudam porque o destino também muda de roupa.

Ali, naquele começo, ela era Hannah.

E Hannah não se negava ao trabalho.

Podiam mandá-la para a cozinha, para a lavanderia, para a limpeza dos galpões, para o cuidado das crianças, para as vinhas ou para qualquer tarefa que surgisse antes mesmo que o sol subisse. Ela ia. Não porque fosse submissa, mas porque havia nela uma espécie de orgulho silencioso. Não queria ser poupada. Não queria que dissessem que a moça vinda do Brasil era frágil, vaidosa ou incapaz de compreender a dureza da terra.

O trabalho, ao contrário do que muitos pensavam, não a diminuía. Revigorava-a.

Nas vinhas, sobretudo, ela parecia reencontrar uma energia que nem sabia possuir. O corpo doía, sim. As costas reclamavam. Os braços ficavam marcados, as mãos endureciam, o sol queimava sua pele. Mas havia uma alegria limpa naquele esforço, quase primitiva. Cada cacho colhido, cada fileira vencida, cada cesto carregado parecia afastá-la um pouco mais da indecisão e aproximá-la de si mesma.

No campo, ninguém precisava explicar a vida. Era preciso vivê-la.

Os treinamentos militares tinham outro peso.

Eram mais duros, mais secos, mais atravessados por uma seriedade que não permitia distração. Havia comandos, marchas, exercícios, desmontagem de armas, prática de tiro, vigilância. Tudo exigia atenção, disciplina, resistência.

E foi ali que ela conheceu Eitan. Ele era o instrutor de tiro.

Não era um homem de muitas palavras. Tinha o rosto queimado de sol, os olhos atentos e uma maneira calma de observar os outros antes de dizer qualquer coisa. Sua voz não precisava subir para ser obedecida. Quando corrigia alguém, fazia-o sem humilhar. Quando elogiava, era breve, quase econômico, como se soubesse que certas palavras, se utilizadas demais, perdiam valor.

Hannah percebeu primeiro suas mãos.

Mãos firmes, precisas, sem brutalidade. Ele segurava o fuzil como quem segurava uma responsabilidade, não como quem exibia poder. Isso a impressionou. Havia homens que se tornavam maiores diante de uma arma. Eitan, ao contrário, parecia tornar a arma menor. Era ele quem mandava nela, não o contrário.

No início, ele a tratava como tratava todos os demais.

Corrigia sua postura, ajustava seus braços, mandava repetir o movimento. Ela obedecia com atenção feroz. Queria acertar. Queria merecer o lugar que ocupava. E talvez, embora não confessasse nem a si mesma, quisesse que ele percebesse.

Um dia, após uma sequência de tiros, o grupo aguardava o resultado. O vento levantava poeira baixa, fina, dessas que grudam no suor e fazem a pele arder. Eitan caminhou até os alvos, examinou-os em silêncio e voltou sem pressa.

Parou diante dela.

Por um instante, não disse nada.

Depois falou apenas:

— Tov, Hannah.

Foi uma palavra simples. Quase nada. Mas seu coração a recebeu como se fosse uma carta inteira.

Ela desviou os olhos depressa, irritada consigo mesma. Não queria parecer menina. Não queria que ninguém percebesse aquele sobressalto secreto, aquela desordem pequena que a invadia quando ele se aproximava.

Até então, pensara que o amor fosse coisa de histórias contadas por outras mulheres, uma febre que acontecia longe, em cidades antigas, em livros, em vidas mais disponíveis ao sonho.

Mas com Eitan seu coração batia de outro modo.

Era uma paixão juvenil, sim. Tinha a pressa, a descoberta e o assombro da juventude. Mas foi também sua primeira paixão verdadeira. Não uma brincadeira. Não um encantamento passageiro lançado sobre qualquer rosto bonito. Havia nele algo que a chamava porque tocava a mesma região profunda onde Israel já havia tocado.

Talvez fosse isso que os uniu.

Eles não se amaram primeiro por se olharem. Amaram-se porque olhavam na mesma direção.

Quando havia saídas para a cidade, ela ia junto sempre que podia. Às vezes em pequenos grupos, às vezes com tarefas a cumprir, às vezes apenas para buscar provisões, cartas, ferramentas, notícias. A cidade surgia como um intervalo entre a disciplina do kibutz e a vastidão do país.

Havia vozes, mercados, caminhões, soldados, crianças, mulheres carregando sacolas, homens discutindo política como se o destino nacional pudesse ser decidido em cada esquina.

Hannah gostava desses dias.

Mas gostava ainda mais quando, no retorno ou em algum desvio permitido pelo tempo, ela e Eitan se afastavam um pouco do barulho e ficavam olhando os desertos.

Os vastos desertos de Israel não eram vazios.

Ela aprendeu isso com ele.

Eitan dizia que o deserto parecia calado apenas para quem não sabia escutar. Havia vida ali, escondida, resistente, austera. Havia histórias enterradas nas pedras. Havia passos antigos sob a areia. Havia uma beleza que não se oferecia de imediato, uma beleza severa, quase sagrada, que exigia do olhar a mesma paciência que a terra exigia das mãos.

Muitas tardes passaram assim.

Sentados lado a lado, às vezes falando pouco, às vezes falando de tudo. Ele contava histórias de sua infância, das guerras recentes, dos amigos que haviam ficado pelo caminho, dos dias em que Israel parecera mais improvável do que real. Ela falava do Brasil, da alfaiataria de David, do cheiro dos tecidos, das ruas distantes, da língua portuguesa que lhe vinha à boca quando estava cansada ou emocionada.

Eitan sorria quando ela dizia certas palavras.

Pedia que repetisse.

Ela ria, fingindo impaciência, mas repetia.

Havia entre eles uma intimidade que crescia sem pressa e, por isso mesmo, parecia mais perigosa. Um toque de mão demorava mais do que deveria. Um silêncio ficava carregado demais. Um olhar, se sustentado por alguns segundos, dizia coisas que nenhum dos dois se apressava em traduzir.

O romance deles pertencia a essa região delicada, onde a juventude descobre o próprio corpo sem ainda saber nomear todas as consequências da descoberta.

O que aconteceu naquelas viagens, nas tardes diante do deserto, nos intervalos no qual o mundo parecia afastar-se um pouco, pertenceu a eles. Há segredos que a literatura não precisa despir. Basta acender uma lâmpada atrás da cortina, e cada leitor compreenderá a sombra projetada.

Eles se amavam. Isso era certo.

Mas o maior amor que compartilhavam era por Israel.

Era esse amor que os tornava mais do que dois jovens entregues à própria paixão. Quando falavam da terra, falavam com uma reverência que nenhum beijo poderia substituir. Para eles, Israel não era apenas país, nem bandeira, nem abrigo político. Era promessa antiga e tarefa diária. Era vinha e fuzil. Era refeitório e fronteira. Era canção ao anoitecer e guarda sob o frio da madrugada. Era o lugar onde o passado deixava de ser lembrança e se transformava em trabalho.

Hannah compreendia, ao lado de Eitan, que amar aquela terra significava aceitar também sua dureza.

Não havia romantismo fácil ali. O solo era seco, as fronteiras eram tensas, as perdas ainda tinham nomes recentes. Israel exigia muito dos que o amavam.

Exigia suor, coragem, renúncia e, às vezes, uma espécie de fidelidade que feria outros amores. Talvez por isso ela pensasse tanto em David quando estava com Eitan.

Seu pai, no Brasil, ainda devia imaginá-la em outro destino.

Talvez sonhasse com a filha entre tecidos claros, aprendendo a distinguir linho de caxemira, ajudando clientes, anotando medidas, costurando uma vida segura ao lado dele. Talvez, nas noites mais silenciosas, perguntasse a si mesmo onde havia errado para que ela tivesse ido tão longe.

Mas David não havia errado.

Ele apenas dera vida a uma filha que não cabia inteira no mundo que ele podia oferecer.

Hannah o amava. Isso nunca deixou de ser verdade.

Amava seu pai com ternura e culpa, com saudade e gratidão. Mas havia nela uma força anterior aos afetos domésticos, uma convocação que vinha de mais longe. Como se gerações esquecidas, vozes dispersas, mulheres sem retrato e homens sem túmulo a tivessem chamado pelo sangue até aquela terra.

E, quando ela tocou o solo de Israel, algo despertou.

Não uma paixão adolescente, embora a adolescência ainda brilhasse em seus olhos quando Eitan se aproximava. O que despertou foi mais profundo. Um amor inesgotável, daqueles que não se explicam sem empobrecer. Um amor que não lhe perguntava se estava pronta. Apenas a reconhecia.

Numa dessas tardes, diante do deserto, Eitan lhe perguntou:

— Você sente falta do Brasil?

Ela demorou a responder.

O vento movia de leve a barra de sua saia. Ao longe, a luz caía sobre as pedras, dourando tudo com uma beleza quase impossível. Hannah pensou no pai. Pensou na alfaiataria. Pensou na língua da infância, no cheiro da casa, nas ruas que conhecia antes de saber existirem desertos capazes de partir uma pessoa ao meio.

— Sinto — disse ela.

Eitan olhou para ela, esperando o resto.

Hannah continuou: — Mas aqui sinto que minha alma chegou antes de mim.

Ele não respondeu. Apenas tomou sua mão.

Não foi um gesto teatral. Não houve promessa solene, nem juramento, nem palavras grandes. Havia apenas duas mãos jovens unidas diante de uma terra antiga. E, naquele instante, ela entendeu que algumas vidas são feitas de escolhas que não parecem escolhas. São chamados. A pessoa vai, porque, se não for, passará o resto da existência vivendo pela metade.

Naquela tarde, Hannah não sabia que outros países, outros amores, outras dores e outras alegrias viriam costurar sua história. Não sabia que sua vida ainda mudaria de nome mais de uma vez por dentro, mesmo quando os documentos dissessem o contrário.

Naquele momento, ela era apenas Hannah.

Uma jovem, sentada ao lado de seu primeiro amor, olhando o deserto de Israel como quem olha o próprio destino.

E o destino, em silêncio, olhava de volta.



O Parreiral

Naquela tarde, Hannah voltou ao kibutz com poeira nos sapatos e sol nos cabelos.

O dia havia sido longo, mas não triste. Ela estivera na cidade com outros jovens do kibutz, entre sacos de mantimentos, caixas de ferramentas e pequenas encomendas que pareciam sem importância, embora tudo, naquele país recém-nascido, tivesse importância. Um prego, uma lâmina, um saco de farinha, uma peça de reposição, uma carta trazida do correio: cada coisa participava da construção do impossível.

Eitan caminhava não muito longe dela.

Não estavam sozinhos, mas havia entre os dois aquela espécie de segredo que transforma a multidão em paisagem.

Bastava que suas mãos se tocassem por acaso, que seus olhos se encontrassem por um segundo, que uma palavra fosse dita em tom mais baixo, e o mundo parecia inclinar-se levemente para eles.

Na volta, falaram pouco.

O calor da tarde descia sobre a estrada, e o deserto, ao longe, parecia respirar devagar.

Hannah olhava a linha clara do horizonte e sentia, sem saber explicar, uma gratidão quase dolorosa. A vida era dura, sim. A convivência no kibutz nem sempre era fácil.

Havia palavras ásperas, tarefas injustas, cansaços mal distribuídos, solidões escondidas atrás de canções coletivas. Mas ela pertencia àquilo. Pertencia ao campo, às vinhas, ao refeitório, aos treinamentos, àquela juventude armada de enxadas e fuzis.

Pertencia a Israel. Talvez tenha sido por isso que, ao ver a primeira coluna de fumaça, não compreendeu.

A princípio, parecia apenas uma nuvem escura subindo atrás das árvores. Alguém comentou alguma coisa. Outro parou de caminhar. Eitan estreitou os olhos. Durante um instante, o tempo ficou suspenso, como se todos esperassem que o mundo corrigisse sozinho aquele erro na paisagem.

Então o vento trouxe o cheiro.

Não era o cheiro comum da terra quente. Não era o cheiro de comida, nem de lenha, nem de alguma fogueira distante.

Era o cheiro das vinhas queimando.

Hannah começou a correr antes mesmo que alguém gritasse.

O kibutz apareceu adiante como uma ferida aberta. Havia fumaça sobre os galpões, gente correndo, vozes partidas, crianças sendo levadas para dentro, homens com armas nas mãos, mulheres chamando nomes que ninguém respondia. O parreiral, seu parreiral, aquele lugar onde ela havia aprendido a amar a terra com o corpo inteiro, ardia em labaredas desordenadas.

As chamas subiam pelas folhas como animais famintos.

Os cachos de uva estouravam no calor. O ar estava cheio de cinza e de um cheiro doce, terrível, quase obscuro. Era como se a própria promessa tivesse sido posta no fogo. O que pela manhã ainda era vida, cuidado, futuro, agora se tornava escuro diante dela.

Hannah parou.

Não por falta de coragem.

Parou porque alguma coisa dentro de seu peito se rompeu.



Viu um cesto caído. Viu uma sandália perdida. Viu marcas no chão. Viu sangue sobre a poeira. Mais adiante, junto à entrada do parreiral, reconheceu o lenço de uma das moças com quem havia dividido pão naquela mesma semana. O nome dela veio à sua boca, mas não saiu inteiro.

Depois viu os corpos.

Amigos, Companheiros, gente que, poucas horas antes, era feita de voz, riso, irritação, fome, juventude. Agora estavam ali, devolvidos à terra de modo brutal, sem despedida, sem sentido, sem tempo para compreenderem a própria morte.

Alguém tentou segurá-la.

Ela se soltou.

Caminhou entre a fumaça como quem atravessa um sonho errado. Cada passo parecia levá-la para mais longe de si mesma. O mundo produzia sons, mas ela os ouvia como se viessem debaixo d'água: ordens, choro, gritos, o estalo das folhas queimando, o mugido assustado de um animal preso em algum lugar, o chamado repetido de um nome que ninguém atendia.

Eitan apareceu ao seu lado.

Tinha o rosto fechado, cinza na camisa, o fuzil nas mãos.

Disse algo. Talvez seu nome. Talvez uma ordem. Talvez uma súplica. Ela não soube. Pela primeira vez desde que o conheceu, a presença dele não bastou para organizar seu coração.

Porque já não havia espaço para a delicadeza.

O que existia ali era outra coisa.

Uma dor tão grande que não parecia dor, mas metal. Algo frio, duro, enfiado no centro do peito. Hannah olhou para as vinhas em chamas e sentiu que lhe arrancavam dos braços tudo o que havia amado de uma só vez: o trabalho, os amigos, a juventude, o primeiro amor, a esperança simples de que o mundo pudesse ser reconstruído apenas com esforço e fé.

Não podia.

O mundo também sabia destruir.

E destruía depressa.

Mais tarde, diriam que fora um ataque vindo da fronteira.

Homens armados, surgidos entre a luz e a sombra, haviam atravessado caminhos que os guardas não viram a tempo. Atacaram rápido. Incendiaram o parreiral. Mataram quem encontraram. Fugiram antes que a resposta chegasse.

Mas, naquela hora, as explicações não importavam.

Nenhuma palavra era grande o bastante para cobrir os mortos.

Hannah ajoelhou-se junto a uma das moças. Tocou-lhe o rosto com dedos trêmulos. Estava sujo de terra e cinza. Tão jovem. Tão absurdamente jovem. Na véspera, haviam discutido por causa de uma tarefa mal dividida. Uma discussão pequena, dessas que pertencem à vida comum.

Agora aquela banalidade parecia uma riqueza perdida. Como era precioso poder brigar por pouco. Como era precioso não saber que o dia seguinte traria o irreparável.

Ela quis chorar.

Mas o choro não veio.

Em seu lugar veio o ódio.

Primeiro como uma centelha. Depois, como brasa.

Depois, como incêndio próprio, secreto, mais perigoso que aquele que consumia as vinhas. Não era um ódio pensado, político, elaborado. Era mais primitivo. Nascia do espanto de quem vê o paraíso violado. Nascia do amor ferido até sangrar. Nascia da juventude que, incapaz de aceitar a perda, procura imediatamente um culpado, um rosto, uma direção para onde apontar a dor.

E, junto ao ódio, veio outra coisa.

Vingança.

A palavra não lhe pareceu nobre. Não apareceu limpa.

Ela a sentiu como se sentisse um gosto amargo na boca. Soube que havia perigo naquele sentimento. Soube que ele podia deformá-la. Mas naquela tarde Hannah não queria ser justa. Não queria ser sábia. Não queria compreender as razões antigas da guerra, nem o sofrimento dos povos, nem a cadeia interminável de perdas que fazia uma dor produzir outra dor.

Ela queria que alguém pagasse.

E essa vontade a assustou menos do que deveria.

Eitan ficou ao lado dela, em silêncio.

Talvez tenha percebido a mudança. Talvez tenha visto em seus olhos a jovem desaparecer por um instante, dando lugar a alguém mais duro, alguém nascido não do amor, mas da ruptura. Ele conhecia aquele olhar. Muitos o tinham depois da primeira perda. Alguns nunca o abandonavam.

— Hannah — disse ele, enfim.

Ela se levantou.

O fogo iluminava seu rosto. Havia fuligem em sua pele, sangue seco em seus dedos, fumaça nos cabelos. Ao redor, o kibutz tentava salvar o que ainda podia ser salvo. Baldes passavam de mão em mão. Ordens eram dadas. Corpos eram cobertos. Crianças choravam nas casas. A noite começava a cair, mas o parreiral continuava ardendo como se se recusasse a terminar em silêncio.

— Eu vou ajudar — ela disse.

Eitan olhou para os baldes, para as chamas, para os homens armados.

— Agora todos vamos ajudar.

Ela balançou a cabeça.

Não era disso que falava.

Ele compreendeu.

— Não decida nada hoje.

Mas ela já havia decidido alguma coisa, ainda que não soubesse dar nome ao que era. Não ficaria parada. Não ficaria esperando que outros defendessem aquilo que ela amava. Não aceitaria ser apenas a moça que colhia uvas, escrevia cartas ao pai e se apaixonava diante do deserto.

Aquela vida havia sido arrancada de seus braços.

Se antes Israel era para ela uma mãe reencontrada, agora era também uma ferida aberta. E uma ferida exige cuidado, mas também defesa. O amor que ela sentia pela terra não diminuía. Ao contrário, tornara-se mais sombrio, mais feroz, mais adulto.

Naquela noite, ninguém cantou no kibutz.

O refeitório permaneceu quase vazio. Os que entravam comiam em silêncio ou não comiam. Do lado de fora, pequenos grupos vigiavam a escuridão. As armas pareciam mais pesadas. Os rostos, mais velhos. A juventude inteira do lugar havia envelhecido em uma tarde.

Hannah ficou sentada diante da carta que começara a escrever para David dias antes.

O papel estava aberto sobre a mesa. A lamparina lançava uma luz fraca. Por muito tempo, ela não escreveu nada. Pensou no pai, na alfaiataria, nas tesouras grandes, no cheiro de tecido novo, nos ternos pendurados. Pensou na vida que ele havia desejado para ela: segura, próxima, possível.

Pela primeira vez, essa vida lhe pareceu doce.

E, justamente por isso, impossível.

Como voltar após ver as vinhas queimarem? Como retornar ao Brasil e fingir que seu coração ainda cabia entre quatro paredes? Como aceitar uma existência tranquila quando seus amigos haviam sido deixados na terra, quando o paraíso que escolhera fora atravessado por fogo e sangue?

Ela pegou a caneta.

Escreveu devagar: *“Papai, hoje entendi que uma terra amada também pode nos ferir. Mas talvez seja por isso que não se abandona.”*

Parou. A mão tremia.

Quis escrever mais. Quis contar tudo.

Quis dizer estar com receio, que sentia raiva, que havia dentro dela uma escuridão nova, que talvez ele tivesse razão em desejá-la longe dali.

Mas não escreveu. Certas verdades eram grandes demais para caber numa carta e cruéis demais para atravessar o oceano.

Dobrou o papel sem terminar.

Lá fora, o cheiro de fumaça ainda entrava pelas frestas.

Hannah saiu.

Caminhou até o limite do parreiral.

As chamas maiores já haviam sido vencidas, mas a terra fumegava. Restavam troncos escuros, arames retorcidos, folhas reduzidas a cinza.

O lugar onde ela havia sentido a vida florescer parecia agora um campo depois do juízo.

Abaixou-se e tomou um punhado de terra queimada.

Segurou-o com força.

A cinza sujou sua palma. Misturou-se ao suor. Entrou sob suas unhas.

Ela fechou os olhos e, por um instante, viu tudo outra vez: as manhãs nas vinhas, o riso dos amigos, Eitan dizendo “tov”, o deserto ao entardecer, a primeira sensação de pertencimento, a certeza de que sua alma havia chegado ali antes dela.

Quando abriu os olhos, já não era a mesma.

Não porque tivesse deixado de amar.

Mas descobrira que o amor, quando ferido, também pode aprender a empunhar uma arma.

E, naquela noite, enquanto o kibutz guardava seus mortos, Hannah fez uma promessa que não contou a ninguém.

Não iria embora.

Não fugiria.

Não pediria permissão à dor para continuar viva.

E, se aquela terra antiga havia chamado seu coração e seu espírito, agora ela responderia não apenas com colheita, não apenas com canto, não apenas com cartas saudosas ao pai.

Responderia com fogo nos olhos.

Com disciplina.

Com memória.

E com uma coragem que já não pertencia à menina que chegara ao kibutz com uma mala pequena.

Pertencia à mulher que começava, entre cinzas, a nascer.



A Mulher que Nasceu das Cinzas

Uma coisa os israelenses sempre tiveram: resiliência.

Hannah percebeu isso nos dias que se seguiram ao ataque. A princípio, pensou que nada voltaria a existir. Como poderia? Como reconstruir um lugar depois que o fogo passara por ele com a brutalidade de uma sentença? Como voltar a comer no mesmo refeitório, a lavar roupas, a rir de uma piada, a discutir a escala de trabalho, quando amigos haviam sido cobertos com lençóis e levados em silêncio?

Mas o kibutz voltou.

Não de uma vez. Não sem dor. Não sem pesadelos.

Voltou como voltam as árvores depois do inverno: primeiro por teimosia, depois por necessidade, por fim porque a vida, quando não encontra permissão, abre caminho mesmo assim.

No dia seguinte, homens e mulheres já removiam os arames retorcidos do parreiral. Dois dias depois, alguém consertava a cerca. Na semana seguinte, havia mudas novas, ferramentas limpas, listas de tarefas refeitas, turnos de vigilância reorganizados.

As crianças voltaram a correr, primeiro com medo, depois com aquela insolência luminosa que só as crianças possuem diante da morte. No refeitório, as vozes reapareceram aos poucos. Uma risada aqui. Uma discussão ali. Uma panela batendo. Uma canção murmurada antes de alguém ter coragem de cantá-la inteira.

Era quase mágico.

Ou parecia.

Hannah sabia que não era magia. Era disciplina. Era memória. Era sobrevivência. Era aquele povo antigo recusando-se, mais uma vez, a desaparecer.

O kibutz reconstruía tudo.

Menos ela.

Por fora, Hannah continuava a mesma. Levantava cedo, cumpria ordens, comia pouco, falava quando necessário. Ninguém podia acusá-la de fraqueza. Ninguém podia dizer que ela se entregara ao luto. Se lhe pediam ajuda, ela ajudava. Se havia vigília, ela se apresentava. Se alguém precisava carregar madeira, água, munição, ferramentas, ela estava ali antes dos outros.

Mas alguma coisa havia mudado em seu olhar.

Antes, quando olhava as vinhas, via futuro.

Agora, via fragilidade.

Via folhas que podiam queimar. Via corpos que podiam cair. Via caminhos por onde homens armados podiam surgir ao entardecer. Via a distância entre uma tarde comum e uma tragédia. Essa distância era menor do que todos imaginavam. Menor do que uma cerca. Menor do que um grito. Menor do que o tempo necessário para alguém levantar os olhos e perceber a fumaça.

O lugar que ela havia chamado de paraíso não deixara de ser belo.

Mas agora ela sabia que o paraíso precisava de guarda.

Foi com dor que largou as tarefas no vinhedo.

Não anunciou isso como uma ruptura. Não fez cena. Apenas começou a trocar os turnos. Quando a escalavam para as parreiras, ela pedia para ir à vigilância. Quando havia treinamento, era a primeira a chegar e a última a sair. Quando alguém brincava dizendo que as uvas sentiriam sua falta, ela sorria de modo breve, sem responder.



As uvas já haviam levado dela o que podiam.

Também se afastou das noites de festa.

Antes gostava delas, embora não confessasse. Gostava das danças, das vozes misturadas, dos corpos jovens girando sob lâmpadas pobres, da música que parecia improvisar alegria sobre uma terra ainda ferida. Gostava quando Eitan a procurava com os olhos, quando se aproximava sem pressa, quando um comentário simples bastava para fazê-la rir.

Depois do ataque, a música lhe pareceu quase ofensiva.

Não porque os outros estivessem errados em cantar. Pelo contrário. Talvez cantar fosse necessário. Talvez fosse assim que o kibutz derrotava a morte: obrigando-a a ouvir vida onde esperava silêncio.

Mas Hannah já não conseguia.

O som das festas atravessava seu quarto como uma lembrança de alguém que ela havia sido. Às vezes ficava sentada na cama, as mãos apoiadas nos joelhos, ouvindo ao longe os passos, as palmas, as risadas. Sentia-se velha. Tinha vinte anos e sentia-se velha.

Foi então que escolheu outra espécie de dança.

A disciplina.

O combate desarmado veio primeiro.

Os instrutores perceberam sua fome de aprender. Não era curiosidade. Não era vaidade. Era necessidade. Hannah aprendia como quem fecha uma porta contra a noite. Golpes simples, torções, quedas, defesa contra agarrões, reação rápida, uso do peso do próprio corpo, ataque aos pontos vulneráveis.

O Krav Maga lhe pareceu diferente de tudo. Não era bonito. Não era uma arte para exibição. Era direto, seco, quase sem ornamentação. Sobreviver. Neutralizar.

Ela gostou disso.

Não havia poesia no golpe, mas havia verdade.

Depois vieram as armas.

Fuzis, pistolas, munições, limpeza, desmontagem, manutenção, tiro em movimento, tiro sob pressão, tiro com pouca luz. Hannah tinha boa pontaria, mas sua verdadeira qualidade era outra: ela não desperdiçava gesto.

Quando segurava uma arma, tornava-se silenciosa de um modo que incomodava os demais. Não havia excitação nela. Não havia orgulho. Havia concentração.

Eitan observava.

No início, corrigia-a como antes. A postura. O apoio dos pés. A respiração. O alinhamento dos braços. Mas, com o tempo, suas correções diminuíram. Não porque ela soubesse tudo, e sim porque aprendia depressa demais. A jovem que outrora se alegrava com um simples “tov” agora recebia o elogio sem corar. A palavra já não lhe bastava. Talvez nenhuma palavra lhe bastasse.

Vieram então as aulas mais duras: infiltração, deslocamento noturno, leitura de terreno, aproximação silenciosa, explosivos.

Hannah compreendeu que a guerra não era feita apenas de tiros. Era feita de espera, cálculo, sombra, paciência. Era feita de saber onde pisar, quando avançar, quando desaparecer. Era feita de reconhecer o perigo antes que ele ganhasse forma. Cada cerca, cada pedra, cada curva do terreno passou a lhe falar. Onde antes ela via paisagem, agora via rota. Onde via descanso, agora via exposição. Onde via horizonte, agora via possibilidade de ataque.

Aos poucos, sem que ninguém decretasse, ela se tornou parte da segurança de todos.

Os recém-chegados a procuravam com os olhos. As moças perguntavam onde deveriam ficar em caso de alarme. Os rapazes, alguns ainda arrogantes, passaram a ouvi-la quando ela falava baixo sobre os pontos fracos da cerca, os horários de maior vulnerabilidade, a posição das luzes, o silêncio errado dos animais antes de certos movimentos no escuro.

Ela não buscava autoridade.

A autoridade se aproximou dela porque o medo reconhece quem aprendeu a não o obedecer.

Eitan também mudou diante dela.

Ou talvez ela já não pudesse vê-lo como antes.

O amor deles não desapareceu de uma vez. Amores verdadeiros raramente morrem com teatralidade. Eles recuam. Perdem espaço. Ficam encostados num canto da alma, esperando uma paz que talvez nunca venha. Ainda havia momentos em que Hannah sentia o antigo tremor quando ele se aproximava.

Ainda havia tardes em que uma palavra dele despertava nela a lembrança das viagens, do deserto, das mãos unidas, da juventude respirando antes da tragédia.

Mas não havia mais lugar para doçura.

Não como antes.

A guerra, mesmo não declarada, havia entrado no kibutz pela porta dos fundos, queimado as vinhas, levado os amigos e sentado à mesa com todos eles. Podiam reconstruir os galpões, replantar o parreiral, retomar as festas, reorganizar os turnos, fingir que a normalidade era possível. Mas Hannah sabia.

Eles estavam em guerra.

Não importava se os jornais utilizavam palavras menores. Não importava se os adultos preferiam falar em incidentes de fronteira, infiltrações, ataques isolados, represálias, tensões. Ela havia visto o fogo. Havia tocado a terra queimada. Havia sentido nos dedos a prova de que a história não pedia licença para entrar na vida das pessoas.

Os que chegavam recentemente ao kibutz ainda vinham como ela havia vindo um dia.

Com malas pequenas, olhos grandes, hebraico incompleto e uma esperança quase comovente. Queriam trabalhar, cantar, colher, pertencer. Alguns olhavam para as plantações como se nelas estivesse a resposta para todos os séculos de exílio. Outros traziam no rosto a alegria limpa de quem acredita ter encontrado um começo.

Hannah os observava com uma ternura severa.

Não os desprezava.

Pelo contrário. Via neles a menina que ela fora.

A menina que chegara acreditando que bastava amar a terra para ser recebida por ela. A menina que descobrira as vinhas como quem descobre uma promessa. A menina que ouvira Eitan dizer “tov” e guardara uma palavra pequena como se fosse uma joia. A menina que escrevera ao pai dizendo que sua alma havia chegado a Israel antes do corpo.

Essa menina ainda existia?

Talvez.

Mas agora carregava uma arma.

Certa noite, durante uma festa, Eitan a encontrou fora do refeitório.

A música vinha de dentro, abafada pelas paredes. Havia risos, palmas, uma canção que falava de terra, colheita e retorno. Hannah estava apoiada junto à porta, mas não entrava. Vestia roupa simples, o cabelo preso, o rosto iluminado apenas pela luz que escapava das janelas.

— Você não dança mais — disse ele. Ela não respondeu de imediato.

Olhou para a escuridão além do pátio: — Alguém precisa vigiar.

— Há outros vigiando.

— Há sempre menos do que deveria.

Eitan ficou em silêncio.

Durante alguns segundos, ele pareceu procurar a jovem que conhecera, aquela que ria quando ele repetia palavras em português, aquela que olhava o deserto como se ele fosse uma revelação. Talvez quisesse chamá-la de volta. Talvez soubesse que ninguém volta inteiro de certas tardes.

— Hannah — disse ele, com uma suavidade que doeu nela mais do que uma ordem.

Ela fechou os olhos.

A voz dele ainda tinha poder. Esse era o problema. O amor ainda podia abrir uma fresta, e ela temia qualquer fresta. Por uma fresta entra luz, mas também entra o inimigo. Por uma fresta entra lembrança, mas também fraqueza. Ela não queria fraqueza. Não depois dos mortos. Não depois das vinhas.

— Não fala assim comigo — pediu ela.

— Assim como?

— Como se ainda estivéssemos no deserto.

A frase ficou entre eles.

Eitan baixou os olhos.

— Eu ainda estou lá — disse ele.

Hannah sentiu o golpe.

Não o respondeu com crueldade. Não queria feri-lo. Mas havia verdades que machucavam simplesmente porque chegavam tarde demais.

— Eu não — disse ela. — Eu fiquei no parreiral.

Ele a olhou.

Ela continuou, mais baixo:

— Uma parte minha ficou lá.

Do lado de dentro, alguém começou outra canção. Vozes se ergueram. A vida insistia. A vida sempre insistia. Hannah admirava isso nos israelenses, e talvez por isso os amasse ainda mais. Podiam enterrar seus mortos de manhã e reconstruir uma cerca à tarde. Capazes de chorar em silêncio e, dias depois, ensinar uma criança a plantar uma muda. Capazes de transformar ruína em trabalho e trabalho em futuro.

Mas ela já não confundia reconstrução com esquecimento.

O kibutz voltava ao normal.

Ela não.

Naquela noite, quando Eitan se afastou, Hannah permaneceu do lado de fora. Não chorou. Havia desaprendido algumas lágrimas, ou as guardava para uma idade em que pudesse finalmente se permitir ser frágil.

Caminhou até a cerca.

O ar estava frio. A terra cheirava a pó e folhas novas. Ao longe, o parreiral replantado dormia sob a lua, pequeno ainda, vulnerável, como uma criança que sobreviveu a uma febre. Hannah olhou para aquelas mudas e sentiu uma ternura quase insuportável. Não queria abandoná-las. Não queria abandonar nada. Nem o kibutz, nem Eitan, nem a menina que havia sido, nem o pai distante que talvez ainda esperasse sua volta.

Mas compreendeu que amar, às vezes, era mudar de posto.

Antes, ela amara Israel com as mãos na terra.

Agora o amaria com os olhos na escuridão.

Ajeitou o fuzil no ombro e caminhou devagar ao longo da cerca. Cada passo era uma despedida e uma promessa.

Despedia-se das tardes fáceis que nunca mais voltariam.

Prometia aos mortos que não seriam apenas lembrança.

Prometia aos vivos que, enquanto ela respirasse, ninguém entraria ali sem ser visto.

No céu, as estrelas pareciam antigas demais para se importarem com a juventude de uma mulher.

Mas a terra, aquela terra dura, ferida e amada, parecia escutá-la.

E Hannah, que um dia chegara ao kibutz com uma mala pequena, compreendeu enfim que sua vida havia deixado de ser uma busca por pertencimento.

Agora era vigília.



Laços de Sangue

O destino, às vezes, traça na areia os nossos caminhos e os apaga da mesma forma, com uma brisa.

Assim foi com Hannah.

Ela havia planejado morar ali para sempre. Não como quem faz planos de juventude, frágeis e vistosos, mas como quem reconhece um lugar e, ao reconhecê-lo, acredita ter encerrado a procura. O kibutz seria sua casa. As vinhas, sua alegria. Israel, sua pátria reencontrada. Talvez Eitan, em algum canto impossível do futuro, pudesse ser também parte dessa vida. Não havia certezas, mas havia uma direção. E, durante algum tempo, a direção bastava.

Depois veio o fogo. Depois os mortos.

Depois a menina que amava as uvas aprendeu a andar na escuridão.

Naquela manhã, tudo parecia normal.

Essa era uma das crueldades da vida: depois dos acontecimentos que rasgam uma alma, o mundo insiste em parecer comum.

O sol nasce. A água ferve. As panelas batem. Alguém reclama do pão. Uma criança chora porque perdeu um botão. Os homens discutem ferramentas, turnos, munição, política. E a terra, indiferente ou sábia, continua debaixo dos pés.

Hannah havia acabado de almoçar.

Comeu pouco. Não por falta de fome, mas porque dentro dela havia algo que não descia. Saiu do refeitório, caminhou até um banco de madeira perto da sombra curta de uma árvore e sentou-se. Tirou um cigarro do bolso, acendeu com as mãos firmes e tragou devagar.

A fumaça entrou em seu peito como se pudesse ocupar o lugar do que ela não queria sentir.

Pensou na noite anterior.

Um pequeno grupo havia se reunido depois que as luzes baixaram e as vozes comuns do kibutz foram diminuindo.

Não eram muitos. Gente escolhida não por bravura exibida, mas por discrição, disciplina e capacidade de obedecer sem perguntar demais. Hannah estava entre eles.

Já não era apenas a moça vinda do Brasil, nem a jovem que se destacava no tiro, nem a sombra endurecida que vigiava a cerca. Agora fazia parte de outra coisa.

Antes de atravessarem, estudaram o terreno. Marcaram a rota de entrada, a rota de saída, os pontos cegos, os lugares onde a noite ajudaria e onde a noite poderia traí-los. E, sobretudo, prepararam a fuga. Havia uma área pedregosa, baixa, por onde os perseguidores provavelmente tentariam cortar caminho. Ali, antes da ação, eles haviam colocado minas. Não muitas. O suficiente para transformar a pressa do inimigo em erro.

Era uma armadilha. Não para eles. Para os que viessem atrás.

A ideia fora simples e terrível: entrar, atacar, desaparecer e, se fossem perseguidos, conduzir a perseguição para o ponto escolhido. Utilizar a terra como escudo. Fazer do caminho de fuga uma boca, fechando-se sobre quem tentasse alcançá-los.

Hannah ouviu o plano em silêncio.

Não perguntou se era justo.

Aquela palavra, justiça, parecia ter perdido a nitidez desde o incêndio das vinhas. Antes, ela acreditava que algumas coisas podiam ser divididas com clareza: trabalho e descanso, medo e coragem, amor e solidão, defesa e vingança. Agora tudo se misturava. A defesa tinha gosto de vingança. A vingança se vestia de defesa. E o amor por Israel, que antes lhe abria o peito como uma bênção, agora lhe ensinava uma linguagem mais sombria.

Na travessia, não houve conversa.

A noite era espessa. O vento passava baixo, trazendo cheiro de pedra fria e terra seca. Cada passo precisava ser calculado. O corpo aprendia a pesar menos. A respiração era contida. O mundo inteiro parecia reduzido ao ruído mínimo das botas, ao sinal da mão à frente, ao brilho apagado de uma arma, ao lugar exato onde apoiar o pé.

Então veio o ataque.

Rápido.

Brutal.

Uma sucessão de clarões breves, tiros, vozes cortadas, correria, uma porta arrombada, sombras se movendo contra sombras.

Hannah atirou pela primeira vez contra um alvo humano. Não contra um círculo de papel, não contra uma lata distante, não contra uma silhueta sem rosto no treinamento.

Um homem.

Ou o que, na escuridão, parecia um homem.

Ela apertou o gatilho.

Depois, durante muito tempo, tentaria recordar se viu o corpo cair. Não saberia dizer. Era noite. Havia fumaça, gritos, ordens, movimento. A memória, em momentos assim, não se comporta como testemunha honesta. Ela protege e distorce. Apaga o que não suportamos e ilumina detalhes inúteis: uma pedra branca, o cheiro de óleo na arma, a respiração de alguém perto demais, uma palavra dita em hebraico e depois nunca mais esquecida.

Ela não sabia se havia tirado uma vida.

Mas sabia que houvera mortes.

Sabia também que a operação fora bem-sucedida.

Na fuga, ouviram os primeiros sinais da perseguição.



Homens vinham atrás deles, rápidos, furiosos, confiando talvez no conhecimento do terreno ou na vantagem da quantidade. O grupo de Hannah recuou exatamente como havia planejado. Não correram em pânico. Não se espalharam. Cada um sabia para onde ir, onde virar, onde abaixar o corpo, quando acelerar.

Era quase uma coreografia.

Uma dança sem música.

Ao alcançarem a passagem estreita, Nadav fez o sinal combinado.

Nadav era um dos homens do grupo. Não era instrutor como Eitan, nem tinha o tipo de presença que atraía olhares no pátio. Havia nele algo mais fechado, mais subterrâneo. Falava pouco, observava muito, e seus olhos pareciam acostumados a enxergar onde os outros viam apenas escuro. Hannah não saberia dizer se confiava nele porque o conhecia, ou se conhecera-o porque, naquela noite, fora obrigada a confiar.

Eles atravessaram a área segura.

Atrás deles, os perseguidores avançaram pelo caminho esperado.

Depois veio o primeiro estrondo.

A terra saltou.

O som não se parecia com os tiros. Era mais grave, mais inteiro, como se o chão tivesse sido golpeado por dentro. Em seguida, outro clarão, outro impacto, vozes quebradas pela surpresa e pela dor. O grupo não parou. Ninguém olhou para trás por muito tempo. Olhar para trás era luxo. Comandos baixos os empurravam adiante. A sobrevivência não permitia contemplação.

Mas Hannah ouviu. E bastou.

De volta ao kibutz, a notícia se espalhou de uma maneira própria daquele tempo.

Não como aconteceria em outros dias, em outros mundos, quando as tragédias correriam por fios invisíveis, rádios, telas, vozes multiplicadas. Ali, a notícia passava por bocas escolhidas, olhares que desviavam, portas entreabertas, frases interrompidas quando alguém se aproximava. Quem precisava saber, sabia. Quem não devia saber, pressentia.

Havia algo no ar. Uma eletricidade baixa.

O kibutz parecia o mesmo, mas não era. Alguns rostos evitavam perguntas. Outros olhavam para Hannah com uma espécie de respeito novo, e esse respeito a incomodou mais do que qualquer acusação. Ela não queria ser admirada por aquilo. Ou talvez quisesse, e essa possibilidade a assustava.

Sentada sob a árvore, com o cigarro entre os dedos, ela tentava entender em que ponto exato havia cruzado a linha.

Teria sido quando aceitou a missão?

Quando atravessou a fronteira?

Quando apertou o gatilho?

Ou antes, muito antes, quando segurou a terra queimada do parreiral e prometeu, sem palavras, que não ficaria parada?

A fumaça subiu diante de seu rosto.

Então Nadav apareceu.

Vinha com duas canecas de café. Caminhava sem pressa, como se cada gesto tivesse sido pensado antes. Sentou-se ao lado dela sem pedir licença e lhe entregou uma das canecas.

O café estava forte, amargo e fervendo, como ela gostava.

Hannah aceitou.

Por alguns instantes, nenhum dos dois falou.

O silêncio entre eles era diferente do silêncio que um dia existira entre ela e Eitan. Com Eitan, o silêncio havia sido promessa, desejo, juventude. Um espaço onde o amor podia crescer sem precisar se explicar. Com Nadav, o silêncio era outra coisa. Era reconhecimento. Era a presença de alguém que havia visto a mesma noite, ouvido os mesmos estrondos, respirado o mesmo medo e voltado carregando uma parte da mesma escuridão.

Eles não estavam apaixonados.

Pelo menos não da maneira como ela um dia se apaixonara por Eitan.

O que os unia era mais grave e menos inocente.

Um laço de sangue.

Não o sangue romântico das histórias exageradas, nem o sangue familiar que passa de geração em geração sem escolha.

Era o sangue da ação compartilhada. O sangue visto, talvez derramado, talvez causado. O sangue que não permite a duas pessoas fingirem que ainda são desconhecidas.

Nadav olhou para o cigarro em sua mão.

— Primeiro? — perguntou.

Ela entendeu.

Não falava do cigarro.

Hannah levou a caneca aos lábios, mas não bebeu.

— Contra alguém, sim.

Nadav assentiu.

Não havia consolo em seu rosto. Nem julgamento. Talvez fosse isso que a incomodasse. Ela queria que alguém lhe dissesse que tudo estava bem. Ou que tudo estava errado. Qualquer certeza serviria, desde que viesse de fora e a libertasse da obrigação de decidir sozinha o que havia se tornado.

Mas Nadav não lhe deu certeza alguma.

— Você não sabe — disse ele.

— O quê?

— Se foi você.

Ela olhou para ele.

— Isso deveria me ajudar?

Ele demorou a responder.

— Não. Mas é a verdade.

Hannah soltou uma risada curta, sem alegria.

— A verdade parece cada vez menos útil.

Nadav bebeu um gole de café.

— A verdade não serve para aliviar. Permite manter a gente acordado.

Ela odiou a frase porque a compreendeu.

Ao longe, alguém chamava por ferramentas.

Um grupo de jovens atravessava o pátio carregando sacos. A rotina continuava. A rotina sempre continuava. No entanto, Hannah sentia que havia um abismo entre ela e os que não haviam cruzado a fronteira na noite anterior. Não se achava melhor do que eles. Talvez se achasse pior. Mas havia uma distância.

Os que não foram ainda podiam acreditar em certas coisas.

Ela já não podia.

Eitan passou ao longe.

Por um instante, seus olhos se encontraram.

Hannah sentiu um aperto antigo, quase uma saudade de si mesma. Ele não se aproximou. Talvez soubesse. Talvez todos soubessem. Talvez o kibutz inteiro tivesse aprendido a ler nos corpos aquilo que as bocas não diziam.

Aquele olhar de Eitan trouxe de volta, por um segundo, as tardes diante do deserto. A mão dele tomando a sua. O vento. A luz sobre as pedras. O amor simples, antes de a guerra colocar seus dedos em tudo.

Mas logo a lembrança se afastou.

Não porque ela não o amasse mais.

Mas amar alguém parecia pequeno diante do que agora os cercava.

Nadav percebeu o olhar dela, mas não comentou.

Esse silêncio o tornou ainda mais próximo.

Hannah apagou o cigarro no chão.

— Você acha que eles vão voltar? — perguntou.

Nadav olhou para a linha distante da cerca.

— Sempre voltam.

Não havia medo na voz dele.

Tampouco bravata.

Apenas conhecimento.

Hannah bebeu o café. Amargo demais. Real demais.

Naquele momento, compreendeu que o destino havia apagado o caminho que ela imaginara para si.

A vida no kibutz, as vinhas, as noites de festa, a possibilidade de uma casa, talvez de um amor, talvez de uma paz conquistada com trabalho, tudo aquilo se afastava como pegadas na areia depois da brisa.

Não desaparecia completamente.

Mas já não servia de estrada.

Nadav levantou-se primeiro.

Antes de sair, disse:

— Esta noite vamos reforçar a patrulha.

Hannah olhou para ele.

Não perguntou se deveria ir.

Ele também não perguntou se ela queria.

Algumas escolhas, após certo ponto, deixam de se apresentar como escolhas.

Ela apenas assentiu.



Quando Nadav se afastou, Hannah ficou mais alguns minutos sentada. A caneca vazia pesava pouco em sua mão, mas ela a segurava como se fosse uma âncora. O sol da tarde tocava o pátio do kibutz. De algum lugar vinha o cheiro de pão. Mais longe, as vinhas novas cresciam em silêncio, ainda frágeis, ainda insistentes.

Ela pensou em David.

Pensou que, se seu pai pudesse vê-la, talvez não a reconhecesse. Não por fora. Por fora, ainda era sua filha. Mas havia nela uma região que a alfaiataria no Brasil jamais compreenderia. Uma sala escura, sem janelas, onde a menina de mala pequena, a jovem apaixonada por Eitan e a combatente da noite anterior agora dividiam o mesmo corpo.

E nenhuma delas sabia quem venceria. Levantou-se.

Jogou a ponta do cigarro fora, passou a mão na roupa e caminhou em direção ao posto de guarda.

O kibutz seguia sua rotina.

Mas Hannah já havia atravessado a fronteira. E algumas fronteiras, após atravessadas, nunca mais ficam atrás de nós.



A Convocação

Haviam se passado dois meses exatos desde a última vez que Hannah entrara em combate.

Dois meses sem atravessar a fronteira. Dois meses sem correr na escuridão, sem ouvir o estalo seco dos tiros, sem sentir o gosto metálico do medo na boca. Dois meses, e ainda assim a noite daquela quinta incursão permanecia dentro dela como se houvesse acontecido na véspera.

Fora sua quinta operação bem-sucedida.

Ninguém dizia isso em voz alta no kibutz. Não daquele modo. Não havia medalhas, nem discursos, nem fotografias, nem aplausos.

A vitória, quando existia, era comentada em frases baixas, entre homens de rosto fechado, mulheres cansadas e comandantes que sabiam que cada sucesso carregava dentro de si a semente da próxima resposta inimiga.

Mesmo assim, todos sabiam.

Hannah havia mudado de lugar entre eles.

Já não era apenas a jovem vinda do Brasil, aquela que chegara com uma mala pequena e os olhos cheios da terra prometida. Já não era apenas a moça que amava as vinhas, nem a aprendiz de tiro que corava quando Eitan lhe dizia “tov”. Também já não era apenas a sombra silenciosa que deixara de dançar nas festas.

Agora era outra coisa.

Era chamada quando havia dúvida sobre uma cerca. Era procurada quando um recém-chegado precisava entender os turnos de guarda. Era ouvida quando falava sobre aproximação noturna, rota de fuga, campo aberto, abrigo, silêncio. Alguns a temiam um pouco. Outros a admiravam.

Nadav, que poucas vezes desperdiçava palavras, certa vez dissera apenas: — Ela enxerga antes.

Hannah não soube se aquilo era elogio ou condenação.

Havia começado a acreditar que sua vida seria aquela. Não a vida que sonhara ao chegar, mas a vida que restara depois do fogo. Lutaria pelo kibutz. Defenderia as vinhas novas. Velaria pelas crianças, pelos velhos, pelos jovens que ainda chegavam acreditando que bastava trabalhar para pertencer.

Talvez nunca mais amasse como amara Eitan. Talvez nunca mais pudesse entregar-se à delicadeza sem desconfiar dela. Mas isso já não importava.

Havia serviço.

Havia vigilância.

Havia Israel.

E, para Hannah, isso bastava.

Até que a carta chegou.

Veio numa manhã sem presságios.

O céu estava claro. O vento passava baixo pelas árvores jovens. No pátio, alguém consertava uma roda. Ao longe, as vinhas replantadas pareciam mais verdes do que na semana anterior, e Hannah havia notado isso com uma dor tranquila. A vida voltava mesmo onde fora arrancada. Talvez fosse essa a maior insolência de Israel: fazer brotar.

Ela saía do depósito quando a chamaram.

— Hannah.

Virou-se.

Um dos responsáveis administrativos do kibutz vinha em sua direção com um envelope na mão.

Não sorria. Esse detalhe bastou para que algo se fechasse dentro dela.

O envelope era simples, sem beleza alguma.

Papel rígido, carimbo oficial, letras datilografadas. Não trazia perfume, nem afeto, nem notícias de família.

Não vinha do Brasil. Não tinha a mão de David por trás da dobra, nem a paciência de um pai medindo as palavras para não demonstrar saudade.

Era uma carta fria.

Fria como uma ordem.

Ela abriu ali mesmo.

Leu devagar.

Hannah leu uma vez.



מס' תיק אישי
730-54/22417

מדינת ישראל

Estado de Israel -- Forças de Defesa de Israel

מס' מסמך
ג/17254

Comando de Recrutamento e Mobilização

À cidadã Hannah Zariel, residente temporária no Kibutz Kerem Or

Por determinação do Comando de Recrutamento e Mobilização, fica a convocada obrigada a apresentar-se ao Quartel-General das Forças de Defesa de Israel, em Tel Aviv, no prazo máximo de setenta e duas horas a contar do recebimento desta notificação.

A convocada deverá portar documento de identificação, registro civil ou autorização de permanência, comprovante de residência no kibutz e demais documentos pessoais sob sua posse.

Após apresentação, será encaminhada para avaliação, registro e incorporação ao serviço regular, conforme as necessidades das Forças de Defesa de Israel.

O não comparecimento no prazo determinado implicará comunicação imediata às autoridades competentes.

Pelo Comando de Recrutamento e Mobilização
Forças de Defesa de Israel
Tel Aviv

מסמך מפקדת הגיוס וההתייצבות

צבא ההגנה לישראל

סא"ל יוסף נהרי

סא"ל יוסף נהרי
קצין הגיוס הראשי



Depois leu outra vez.

As palavras não mudaram.

Era estranho como poucas linhas podiam desmontar uma vida. Nenhuma bala. Nenhuma explosão. Nenhuma coluna de fumaça atrás do parreiral. Apenas papel, carimbo, tinta e uma ordem. A mesma mão invisível que um dia apagará na areia o caminho que ela imaginara para si agora desenhava outro, ainda mais distante.

Tel Aviv.

Quartel-General.

Serviço regular.

Incorporação.

Ela ergueu os olhos.

O kibutz continuava diante dela.

As casas baixas, a poeira, os galpões, o refeitório, as crianças, as vinhas ao longe.

Tudo aquilo que ela jurara defender. Tudo aquilo que, por alguma ilusão ou necessidade, começara a chamar de destino.

Sentiu raiva.

Não uma raiva explosiva. Uma raiva funda, muda. Não queria ir embora. Não queria ser arrancada outra vez. Primeiro o Brasil. Depois as vinhas. Depois, Eitan. Depois, a menina que havia sido. Agora também o kibutz?

O responsável administrativo disse alguma coisa, talvez sobre prazos, transporte, documentos. Ela ouviu apenas pedaços. Setenta e duas horas. Tel Aviv. Apresentação obrigatória. Treinamento militar. Exército regular.

Exército regular.

A expressão ficou martelando dentro dela.

Até então, sua guerra havia sido próxima, concreta, quase doméstica. A guerra da cerca, da patrulha, da noite, do campo minado, da rota conhecida pelo cheiro da terra. A guerra do kibutz amado. A guerra dos mortos que tinham nome e rosto.

Agora o Estado a chamava.

Não como filha. Não como órfã de um parreiral incendiado. Não como jovem ferida pela história. Chamava-a como recurso, como corpo disponível, como habilidade útil. Chamava-a porque alguém, em algum lugar, havia sabido de suas operações, de sua pontaria, de sua frieza recém-adquirida, de sua capacidade de atravessar a noite e voltar.

Hannah dobrou a carta com cuidado.

Cuidado demais.

— Quando? — perguntou.

— O transporte sai depois de amanhã — respondeu o homem. — Mas você deve estar pronta antes. Há papéis para assinar.

Ela quase riu.

Papéis.

Depois de tudo, sempre havia papéis.

Naquela tarde, Nadav foi o primeiro a encontrá-la.

Ela estava perto da cerca, no lugar onde costumava observar o terreno depois do almoço. Segurava a carta dobrada no bolso, mas ele pareceu saber antes que ela dissesse. Nadav tinha esse defeito ou dom: percebia as mudanças no ar.

— Recebeu? — perguntou.

Hannah olhou para ele.

— Você sabia?

— Desconfiei.

— Desde quando?

Ele demorou um instante.

— Desde a última operação.

A resposta a irritou.

— E não me disse nada?

— Não era meu para dizer.

Ela afastou os olhos.

Do outro lado da cerca, a paisagem continuava imóvel.

Mas agora parecia ainda mais vasta, como se a distância tivesse aumentado apenas porque ela teria de partir.

— Eu não quero ir — disse ela.

Nadav permaneceu em silêncio.

— Achei que fosse ficar aqui — continuou. — Achei que este era meu lugar.

— Talvez ainda seja.

— Não, se eu for embora.

— Às vezes se serve um lugar estando longe dele.

Ela detestou a frase.

Não porque fosse falsa, mas porque poderia ser verdadeira.

Eitan soube mais tarde.

Ou talvez tenha sabido antes e apenas esperado o momento de procurá-la.

Encontrou-a junto às vinhas novas, onde ela fora sem perceber. O parreiral ainda era pequeno. As plantas cresciam frágeis, sustentadas por fios, tutoradas como crianças que precisam aprender a ficar de pé. Hannah tocava uma folha com a ponta dos dedos quando ouviu seus passos.

Não precisou virar-se para saber que era ele.

— Tel Aviv? — perguntou Eitan.

Ela assentiu.

Ele ficou ao seu lado.

Durante algum tempo, nenhum dos dois falou. Entre eles havia muitas coisas não ditas: o deserto, o primeiro amor, a distância que crescera depois do fogo, as noites em que ela preferira a patrulha à dança, a presença silenciosa de Nadav, a mulher em que Hannah se transformara diante dos olhos dele.

— Eles estão certos em chamar você — disse Eitan.

Ela virou o rosto, ferida.

— Você também?

— Eu não disse que quero que vá.

— Mas acha certo.

Eitan olhou para as vinhas.

— Acho inevitável.

Essa palavra era pior.

Inevitável.

Hannah sentiu que o destino tinha mãos demais. Uma a puxava pelo sangue antigo até Israel. Outra a arrancava do Brasil. Outra incendiava suas vinhas. Outra colocava uma arma em suas mãos. Agora mais uma a chamava para longe do único lugar onde sua dor havia aprendido a vigiar.

— Eu queria ficar — disse ela, baixo.

Eitan respondeu sem olhá-la:

— Eu sei.

A simplicidade da resposta quase a quebrou.

Por um instante, ela quis voltar a ser a jovem diante do deserto. Quis que ele tomasse sua mão como antes. Quis que nada tivesse acontecido, que as vinhas nunca houvessem queimado, que os mortos ainda estivessem reclamando do pão, que Nadav não existisse em sua memória como a sombra de uma noite compartilhada.

Mas não havia retorno.

Eitan tocou uma das folhas novas.

— Elas vão crescer — disse.

Hannah entendeu que ele falava das vinhas.

Talvez também dela.

Na noite anterior à partida, o kibutz não fez festa.

Ninguém saberia exatamente o que fazer com uma despedida como aquela. Não era morte, embora tivesse algo de luto. Não era celebração, embora alguns a considerassem uma honra. Não era abandono, embora Hannah sentisse que traía o lugar apenas por obedecer à ordem que recebera.

Preparou uma bolsa pequena.

Menor do que parecia necessário.

Colocou roupas, documentos, uma fotografia antiga, uma carta inacabada para David e a notificação oficial dobrada com precisão. Ficou olhando para tudo aquilo e pensou que sua vida cabia sempre em bagagens pequenas demais. Primeiro, a mala com que chegara a Israel. Agora a bolsa com que deixaria o kibutz.

Antes de dormir, escreveu ao pai.

Dessa vez, não conseguiu mentir completamente.

“Papai, recebi uma convocação das Forças de Defesa de Israel. Devo apresentar-me em Tel Aviv e serei enviada para treinamento militar. Não se assuste. Estou bem. Sei que essas palavras talvez não tragam tranquilidade, mas são as únicas que posso escrever sem trair a verdade.

O senhor sonhou para mim uma vida diferente. Às vezes penso nela. Penso na alfaiataria, nos tecidos, na sua paciência, na segurança que tentou me oferecer. Mas há caminhos que não escolhemos sozinhos. Há chamados que começam antes de nossa própria vontade.

*Não sei quando voltarei a escrever.
Sua filha, Hannah.”*

Parou. Quase acrescentou: “perdoe-me”.

Não escreveu. Dobrou a carta.

Na manhã seguinte, quando o transporte chegou, o kibutz já estava desperto.

Alguns vieram se despedir. Outros ficaram de longe, talvez por pudor, talvez por não saberem como olhar para ela. Nadav apareceu por último. Trouxe café, como naquela outra manhã. Não disse nada ao entregar a caneca.

Hannah sorriu de leve.

— Você sempre aparece com café quando uma pessoa não sabe o que fazer da própria vida?

— Só quando a pessoa precisa manter as mãos ocupadas.

Ela bebeu.

O café era amargo, como sempre.

— Cuide deles — disse ela.

Nadav entendeu.

— Cuide de Israel — respondeu.

Era uma troca injusta. Ela deixava a ele o kibutz. Ele entregava a ela um país inteiro.

Eitan estava perto do veículo.

Quando Hannah se aproximou, ele estendeu a mão. Por um segundo, ela pensou que ele a abraçaria. Talvez quisesse. Talvez ambos quisessem. Mas havia gente demais, história demais, dor demais. Então ele apenas tomou sua mão entre as dele.

— Tov, Hannah — disse.

A mesma palavra do primeiro elogio no treinamento.

Dessa vez, ela não corou.

Dessa vez, quase chorou.

Subiu no transporte sem olhar para trás de imediato. Esperou o motor começar, esperou o veículo se mover, esperou o kibutz iniciar seu lento afastamento. Só então virou o rosto.

Viu as casas baixas. Viu a cerca.

Viu Nadav imóvel, segurando a caneca vazia. Viu Eitan junto às vinhas novas. Viu, por fim, o parreiral pequeno, sobrevivente, teimoso.

E compreendeu que estava sendo arrancada dali, sim.

Mas não como antes. Não como quem foge, nem como quem perde tudo. Desta vez, partia porque a própria terra que amava exigia dela um serviço maior.

O destino apagará mais uma vez o caminho traçado na areia.

Mas, desta vez, Hannah já não era a menina que se assustava com o vento.

Levava consigo o kibutz, os mortos, as vinhas, Eitan, Nadav, David e a terra antiga que um dia havia despertado sua alma.

Levava tudo.

E, mesmo assim, partia sozinha.

Tel Aviv a esperava. O exército regular a esperava. E uma nova Hannah, talvez ainda mais desconhecida, começava a caminhar ao seu encontro.



O Treinamento

Tel Aviv não a recebeu como o kibutz havia recebido.

Não havia ali o cheiro das vinhas, nem o silêncio do campo, nem o rosto conhecido dos que trabalhavam de sol a sol acreditando que a terra, se bem cuidada, poderia perdoar a história.

Tel Aviv era outra coisa. Mais ruidosa. Mais dura. Mais impessoal. Uma cidade onde o futuro parecia andar depressa demais pelas ruas, vestido com uniforme, poeira, ordens e pressa.

Hannah apresentou-se ao quartel com a carta dobrada no bolso.

Havia outros jovens. Homens e mulheres vindos de lugares diferentes, carregando sotaques, medos e histórias que ainda não sabiam contar. Alguns haviam chegado recentemente ao país. Outros haviam nascido ali e traziam no corpo uma familiaridade antiga com a tensão. Todos pareciam esperar alguma coisa: uma ordem, um destino, uma confirmação de que estavam prontos.

Hannah não esperava nada.

Talvez essa tenha sido a primeira diferença percebida pelos oficiais.

Ela não olhava ao redor com curiosidade juvenil. Não fazia perguntas inúteis. Não buscava amizade imediata, proteção ou reconhecimento. Observava. Guardava. Media distâncias, portas, janelas, rotas, rostos, tons de voz. Parecia quieta, mas sua quietude trabalhava. Enquanto os outros se habituavam ao uniforme, à hierarquia e ao barulho do quartel, ela aprendia o lugar como quem aprende um terreno antes de atravessá-lo à noite.

O exército logo entendeu que não recebera uma recruta comum.

No tiro, destacou-se quase de imediato.

Não era apenas pontaria. Pontaria muitos tinham. O que a distinguiu era a economia interior. Hannah não desperdiçava emoção. Não se excitava com o acerto, não se envergonhava do erro, não tentava provar nada ao lado de ninguém.

Recebia a arma, examinava-a, respirava, posicionava-se e atirava como se cada movimento já houvesse sido ensaiado dentro dela antes de chegar ao corpo.

Os instrutores começaram corrigindo. Depois passaram a observar. Depois passaram a calar.

Havia nisso um incômodo. Instrutores gostam de ensinar. Faz parte de seu ofício, mas também de sua autoridade. E Hannah, sem arrogância visível, ameaçava esse ofício porque aprendia rápido demais. Uma correção dada uma vez nunca precisa ser repetida. Um erro cometido pela manhã desaparecia à tarde. Uma instrução complexa era absorvida sem perguntas, como se ela não a estivesse aprendendo, mas apenas recordando algo que a vida já lhe havia ensinado em outra língua.

Com explosivos, aconteceu o mesmo.

Ela não gostava deles. Não do modo como alguns gostavam, com aquele brilho imprudente nos olhos diante de tudo que destrói. Ao contrário. Tratava-os com uma seriedade quase religiosa. Sabia que a matéria, quando acordada da maneira errada, não distinguia amigo de inimigo, coragem de descuido, juventude de culpa. O explosivo não odiava ninguém. Por isso mesmo era terrível.

Hannah estudava cada instrução com atenção absoluta.

Os componentes, os tempos, as condições, os riscos, as possibilidades de falha, os efeitos do terreno, o comportamento humano ao redor do perigo.

Não lhe interessava apenas saber como algo funcionava. Interessava-lhe saber como algo podia falhar. A falha, ela aprendera, era onde a morte costumava se esconder.

Mas foi na inteligência que ela se revelou de outro modo.

Ali, finalmente, os instrutores perceberam que sua verdadeira arma não era a mão. Era a mente.

Hannah lia mapas como se lesse cartas antigas. Observava padrões onde outros viam acaso. Guardava detalhes mínimos: uma frase repetida por um soldado, o modo como alguém evitava determinada rua, o horário em que uma luz se apagava, uma mudança pequena na rotina de um posto distante, o silêncio estranho de uma fonte que costumava falar demais.

Tinha uma memória quase desconfortável. E, mais do que isso, tinha imaginação disciplinada.

Sabia imaginar o inimigo.

Não como monstro. Não como figura abstrata. Como alguém que também tinha receio, fome, pressa, hábitos, vaidade, cansaço e desejo de voltar vivo. Essa capacidade a tornava perigosa. Porque quem imagina o outro com humanidade consegue prever seus movimentos melhor do que quem apenas o odeia.

Um dos oficiais, certa vez, após um exercício de análise em que Hannah desmontou a hipótese proposta pela própria equipe de instrução, ficou olhando para ela por tempo demais.

— Quem ensinou isso a você? — perguntou.

Ela pensou no parreiral em chamas.

Pensou nas noites de patrulha.

Pensou em Nadav oferecendo café depois da operação.

Pensou em Eitan dizendo “tov” quando ela ainda era capaz de corar.

— Aconteceu — respondeu.

O oficial não insistiu.

Algumas respostas não pedem explicação. Pedem cuidado.

Aos poucos, Hannah começou a formar novos laços.

Ela não queria.

A princípio, manteve distância. Julgava que toda amizade era uma porta aberta para a perda. O kibutz havia lhe ensinado isso da maneira mais cruel. Amar era dar à morte um endereço exato. Se ela não se aproximasse, talvez pudesse continuar inteira.

Mas ninguém atravessa treinamento militar sem que algum tipo de intimidade nasça.

A fadiga aproxima. O medo aproxima. O ridículo também. Havia momentos em que a dureza do exército cedia lugar a uma humanidade inesperada: uma bota perdida, uma sopa ruim demais para ser ignorada, uma colega que roncava como caminhão velho, outra que chorava escondida e depois fingia alergia ao pó. Pequenas misérias compartilhadas criam uma fraternidade que nenhuma cerimônia consegue fabricar.

Assim vieram as amigas.

Havia Leah, de riso fácil e língua afiada, capaz de desafiar qualquer sargento com os olhos e pedir desculpas com a boca, sem que uma coisa anulasse a outra. Havia Miriam, que rezava baixo antes de dormir e escrevia cartas longas para uma mãe que respondia com recomendações sobre casacos, como se o frio fosse o maior perigo de Israel.

Havia Tamar, pequena, resistente, silenciosa, com mãos delicadas e uma força que só aparecia quando tudo ao redor ameaçava quebrar.

Com elas, Hannah reaprendeu um pouco da convivência.

Não há a doçura antiga. Essa continuava distante. Mas uma convivência de outra natureza, feita de confiança prática. Quem divide cantil, guarda segredo, segura o braço da outra após uma marcha exaustiva e ri baixo quando não deveria rir, acaba construindo alguma coisa. Não era o amor pelas uvas. Não era o amor por Eitan. Não era o laço sombrio com Nadav. Não era ainda o esquadrão do kibutz.

Era outra realidade.

Mais ampla, mais fria, mais organizada.

O amor que antes se espalhava pela vida simples agora aprendia a vestir uniforme.

Hannah começava a pertencer ao exército.

E isso a assustava.

Porque o exército oferecia uma coisa que o kibutz já não podia oferecer: direção. No kibutz, ela guardava uma ferida.

No exército, essa ferida era aproveitada, treinada, aperfeiçoada. Aquilo que nela havia se partido passava a ter função. A raiva podia virar disciplina. A memória podia virar análise. O medo podia virar prudência. A perda podia virar método.

Era perigoso quando a dor encontrava utilidade.

O episódio da granada aconteceu numa manhã de instrução.

O céu estava claro, quase bonito demais. O grupo fora levado a uma área de treinamento afastada, seca, cercada por elevações baixas. O ar tinha cheiro de pó, óleo e metal aquecido. Haviam passado horas recebendo explicações, repetindo procedimentos, ouvindo advertências que, de tão repetidas, começavam a parecer parte do ruído do dia.

A instrutora chamava-se Rivka.

Era experiente, ao menos todos acreditavam que fosse. Tinha voz firme, movimentos rápidos e uma confiança que às vezes beirava a impaciência. Não era cruel. Mas gostava de mostrar domínio. Talvez precisasse disso para ser respeitada em um ambiente onde muitos ainda estranhavam mulheres dando ordens sobre armas e morte.

Ao lado dela estava Yoel, um dos jovens do grupo de apoio. Hannah gostava dele. Não de maneira íntima, mas com aquela simpatia discreta que nasce da presença constante.

Yoel tinha o dom raro de fazer comentários absurdos nos momentos errados e, justamente por isso, aliviar o peso dos outros. Na noite anterior, havia imitado um oficial com tanta perfeição que Leah quase se engasgou tentando não rir.

Naquela manhã, Yoel estava sério.

Todos estavam.

Rivka segurou a granada diante do grupo.

Explicou mais uma vez. A distância, o tempo, o gesto, a decisão. Repetiu que não havia espaço para hesitação. Disse que confiança era necessária, mas que excesso de confiança matava mais depressa do que medo. Hannah guardou essa frase.

Depois aconteceu.

Rivka puxou o pino.

Por um segundo, tudo pareceu continuar normal.

Então ela ficou imóvel.

A granada permaneceu em sua mão.

Foi um instante mínimo. Talvez menos que um segundo.

Mas há segundos que se dilatam como se o tempo, percebendo o horror, tentasse dar à vida uma última chance de corrigir-se.

Ninguém soube depois explicar.

Acidente. Nervosismo. Excesso de confiança. Um pensamento atravessado na hora errada. Um tropeço invisível no corpo.

A instrutora experiente que, justamente por conhecer demais o gesto, perdeu o respeito pelo abismo entre saber e fazer.

Hannah viu antes de entender.

Viu a mão fechada.

Viu os olhos de Rivka mudarem.

Viu Yoel mover-se, talvez para ajudá-la, talvez para empurrá-la, talvez apenas porque o corpo, diante do perigo, escolhe antes da razão.

Alguém gritou. O mundo explodiu.

Não houve heroísmo compreensível. Não houve frase final, nem música, nem gesto perfeito. Houve luz, som, terra, metal, um impacto brutal que arrancou Hannah do lugar e a lançou contra o chão. Por alguns segundos, ela não ouviu nada. A boca se encheu de poeira. O céu desapareceu atrás de uma névoa clara. Tentou respirar e o ar parecia quebrado.

Quando os sons voltaram, vieram deformados.

Gritos.



Ordens, choro, alguém chamando por médico.

Hannah tentou levantar-se, mas o corpo não obedeceu de imediato. Sentiu uma dor aguda no ombro, outra na lateral do rosto. Tocou a testa e viu sangue nos dedos. Não era grave. Ela soube antes que alguém dissesse. Aprendera a distinguir a dor que assusta da dor que mata.

Leah apareceu sobre ela, pálida.

— Hannah! Você me ouve?

Ela assentiu.

— Rivka? — perguntou.

Leah não respondeu.

Hannah entendeu.

Virou o rosto com esforço.

O local onde Rivka estivera já não pertencia à ordem do mundo. Havia soldados correndo, corpos abaixados, poeira ainda suspensa. Viu Yoel no chão. Viu apenas o suficiente para saber que não deveria olhar mais.

Mas olhou.

Porque havia nela essa maldição: não conseguia desviar os olhos da verdade.

Yoel estava morto.

Rivka também.

Ou morreria antes que a manhã terminasse. Hannah nunca soube exatamente em que momento a vida a abandonou. Talvez ali mesmo, no clarão. Talvez depois, sob mãos apressadas, enquanto alguém tentava impedir que o inevitável se completasse.

O que ficou foi a violência do absurdo.

Não haviam sido mortos numa incursão. Não haviam caído sob fogo inimigo. Não atravessavam fronteira, não defendiam cerca, não respondiam a ataque algum. Estavam em treinamento. Em plena luz. Cercados por colegas, instrutores, regras, protocolos e a falsa sensação de que o perigo, quando domesticado pela rotina, obedece.

Não obedece.

Naquela noite, Hannah não conseguiu dormir.

O acidente havia sido tratado com a sobriedade militar esperada. Relatórios seriam feitos. Responsabilidades seriam apuradas.

O nome dos mortos seria comunicado a quem precisasse receber a notícia. A instrução seria suspensa, depois retomada. Sempre era retomada. Tudo sempre era retomado.

Essa era a lei não escrita de Israel e, talvez, de todos os povos cercados pela necessidade de continuar.

Mas Hannah ficou acordada.

O rosto de Yoel aparecia e desaparecia em sua memória. Não o rosto morto, que ela tentava afastar, mas o outro: o do rapaz imitando o oficial na noite anterior, fazendo Leah sufocar de riso, fazendo Miriam pedir silêncio enquanto também ria, fazendo Tamar esconder o rosto no cobertor.

Era insuportável que alguém pudesse ser tão vivo numa noite e tão morto pela manhã.

Ela saiu do alojamento.

Do lado de fora, o quartel respirava em silêncio. Havia guardas, luzes fracas, passos distantes. Nada das vinhas.

Nada do kibutz. Nada do deserto de Eitan. Nada do café de Nadav junto à cerca. Ainda assim, a mesma verdade estava ali: tudo podia acabar num instante.

Hannah acendeu um cigarro.

As mãos tremiam pouco.

Menos do que deveriam.

Isso a perturbou mais do que o tremor.

Leah aproximou-se algum tempo depois e ficou ao seu lado sem falar. Depois veio Miriam. Depois, Tamar. Nenhuma delas perguntou se podia ficar. Simplesmente ficaram.

Por fim, Leah disse:

— Yoel era um idiota.

Miriam soltou um som entre riso e choro.

— Era.

Tamar enxugou o rosto com a manga.

— O melhor idiota.

Hannah tragou o cigarro e, pela primeira vez em muitas semanas, sentiu vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Não fez nem uma coisa nem outra. Apenas deixou a fumaça sair devagar.

— Ele imitou o capitão melhor que o próprio capitão — disse ela.

Leah riu. Dessa vez, chorou junto.

As quatro permaneceram ali, unidas por uma perda que não tinha glória. Talvez por isso fosse ainda mais humana.

No campo de batalha, os mortos às vezes recebem palavras grandes demais. Sacrifício, pátria, honra, necessidade. Mas a morte de Yoel parecia recusar esses enfeites. Ele morrera porque a morte é também erro, acidente, falha, descuido, segundo partido ao meio.

Hannah compreendeu naquela noite que o exército não era apenas a guerra contra o inimigo. Era a convivência diária com o risco.

O risco externo, sim. Mas também o risco interno: a confiança excessiva, a pressa, o cansaço, a vaidade, a distração, a juventude posta perto demais de instrumentos definitivos.

O perigo não ficava apenas do outro lado da fronteira. Às vezes estava na mão de uma instrutora, numa manhã clara, diante de todos.

Nos dias seguintes, Hannah mudou outra vez. Não se tornou mais fria. Isso teria sido simples. Tornou-se mais precisa.

Se antes já prestava atenção, agora sua atenção ganhou uma severidade quase insuportável. Corrigia colegas antes que os instrutores percebessem. Interrompia gestos inseguros. Recusava brincadeiras perto de armamentos. Era capaz de olhar para alguém e dizer, sem elevar a voz:

— Pare. Faça de novo. Devagar.

Alguns se irritavam. Depois agradeciam.

Os instrutores também passaram a tratá-la de outra maneira. Não apenas como aluna excepcional, mas como alguém que via o treinamento por dentro, como se enxergasse a estrutura invisível dos riscos.

Hannah não apenas aprendia. Ela antecipava. Não apenas executava. Avaliava. Não apenas obedecia. Compreendia o motivo de cada ordem e, às vezes, percebia quando a ordem nascia de hábito, não de inteligência.

Hannah tornou-se admirada e perigosa, como toda pessoa brilhante dentro de um sistema rígido.

O exército precisava dela, mas ainda não sabia onde colocá-la: era talentosa demais para ser comum, jovem demais para ser ouvida, estrangeira demais para ser compreendida e mulher demais para ser aceita sem resistência.

Depois dos amores que haviam marcado sua trajetória, as uvas, Eitan, Nadav, o esquadrão e a defesa do kibutz, surgia agora outro amor: mais duro, menos belo, feito de mapas, códigos, rotas, sinais e probabilidades. Era o amor pela inteligência da sobrevivência.

Hannah sabia que impedir a morte era, em parte, uma ilusão.

Mas transformou essa ilusão em disciplina.

E dessa disciplina começou a nascer a mulher que o exército de Israel não esperava encontrar, mas que em breve não poderia ignorar.



O Elevador

Durante algum tempo, Hannah acreditou que a vida havia entrado novamente nos eixos.

Era estranho pensar isso dentro de um quartel, entre armas, mapas, relatórios, exercícios, disciplina e mortos recentes. Mas a vida, para ela, já não significava tranquilidade. Significava direção. E, pela primeira vez desde o incêndio do parreiral, havia uma direção diante dela.

Planejava uma carreira no exército.

Não o dizia com vaidade, mas com uma espécie de certeza calma. Sabia que podia chegar longe. Talvez mais longe do que muitos homens aceitariam. Havia posições que pareciam reservadas a eles, por costume, orgulho ou simples cegueira. Mas Hannah aprendera cedo que as portas dos homens nem sempre se abriam com gentileza. Algumas precisavam ser empurradas. Outras, contornadas. Outras, simplesmente ignoradas até que deixassem de existir.

No tiro, era excepcional.

Com explosivos, era precisa.

Em inteligência, porém, tornava-se rara.

Os instrutores já não sabiam exatamente o que fazer com ela. Havia recrutas obedientes, havia soldados corajosos, havia atiradores talentosos, havia jovens capazes de cumprir ordens sem hesitar. Mas Hannah possuía outra coisa. Via ligação, em que outros viam fatos soltos. Percebia a mentira no excesso de detalhe, o medo atrás da bravata, a intenção escondida numa mudança de rotina. Sabia ouvir o que não era dito.

E isso, no mundo da inteligência, valia mais que uma boa pontaria.

Começou a imaginar um futuro.

Talvez se apaixonasse novamente. Talvez casasse. Talvez tivesse filhos. Talvez um dia, quando tudo aquilo parecesse menos urgente, visitasse Esther e David no Brasil. Pensava na mãe com uma ternura quase culpada. Pensava no pai dentro da alfaiataria, cercado de tecidos, linhas e medidas, tentando compreender a filha que partira para uma terra antiga e agora pertencia a um uniforme.

Quem sabe os traria para Israel.

A ideia lhe parecia impossível e, ao mesmo tempo, bela. Esther caminhando por Tel Aviv. David tocando uma pedra antiga com as mãos de alfaiate. Os dois vendo, enfim, que a filha não havia fugido deles, mas seguido uma corrente subterrânea que vinha de antes de todos.

Muitos planos apareceram em sua mente.

E isso, por si só, era perigoso.

Porque planos são uma forma de acreditar que o futuro nos pertence.

Foi numa tarde comum que o oficial a chamou.

Ela estava saindo de uma sala de instrução quando recebeu a ordem de acompanhá-lo. O homem não deu explicações. Disse apenas que precisavam ir até um prédio comercial em Tel Aviv. Não utilizava o tom grosseiro de alguns oficiais, nem a familiaridade inconveniente de outros. Era educado demais, seco demais, como se cada palavra tivesse sido autorizada antes de sair de sua boca.

Hannah desconfiou imediatamente.

Uma mulher aprende cedo a desconfiar de convites sem explicação.

Uma mulher armada aprende ainda mais. Pensou que talvez o oficial quisesse cantá-la, testar seus limites, exercer alguma pequena autoridade masculina longe dos olhos do quartel. Já viu isso acontecer. Homens que confundiam hierarquia com direito. Homens que chamavam “para conversar” quando queriam outra coisa.

Mas ela estava armada. Como quase todos que pertenciam às forças de segurança naquele tempo, carregava consigo a consciência física da arma. Não a exibia. Não precisava. Bastava saber que estava ali.

O oficial também sabia.

Talvez por isso mantivesse distância respeitosa.

No caminho, quase não falaram.

Ele dirigia olhando para a frente. Tinha rosto magro, olhos fundos e uma expressão que ela já conhecia, embora nunca o tivesse visto antes. Não era tristeza comum. Não era cansaço comum. Era o peso de quem carregava decisões demais. Como se houvesse sobre seus ombros uma parte do mundo que ninguém mais podia ver.

Hannah reconheceu aquilo.

Havia visto esse peso em homens que voltavam de operações. Em "Comandantes", após contar mortos. Em Nadav, quando oferecia café sem conseguir dizer tudo. Havia visto, às vezes, no próprio espelho.

A desconfiança não desapareceu.

Mas mudou de natureza.

O prédio ficava numa rua movimentada. Não parecia militar. Não tinha bandeiras, guaritas ostensivas, nem soldados na entrada. Era comercial, discreto, quase banal. Pessoas entravam e saíam, carregando pastas, envelopes, pequenos assuntos da vida comum. Justamente por isso, Hannah estranhou.

O oficial estacionou.

Entraram.

No saguão, ninguém os cumprimentou como militares.

Ninguém prestou continência. Um homem atrás de uma mesa levantou os olhos por um instante e voltou aos papéis.

O oficial seguiu em direção ao elevador.



Hannah entrou atrás dele.

As portas se fecharam.

Ela esperou que ele apertasse um andar alto.

Ele apertou o subsolo.

O elevador começou a descer.

Naquele instante, Hannah compreendeu que não estava ali por causa de uma cantada, nem de abuso, nem de capricho de oficial. Havia algo mais. Algo escondido debaixo da cidade. Algo que, por definição, não existia para quem passava na rua.

O elevador desceu mais do que parecia necessário.

O som metálico dos cabos encheu o silêncio. Hannah sentiu o corpo inteiro ficar atento. Não era medo. Era preparação. A mão não tocou a arma, mas lembrou-se dela.

Quando as portas se abriram, havia um corredor estreito, luz fria e dois homens aguardando.

Nenhum deles sorriu.

O oficial caminhou à frente. Hannah o seguiu.

Passaram por uma porta. Depois, outra. Depois, uma terceira, onde lhe solicitaram os documentos. Um homem conferiu seu nome, sua origem, sua unidade, seu histórico de treinamento. Não fez perguntas pessoais. Ou, melhor, fez perguntas pessoais com voz administrativa, como se a intimidade fosse apenas outro formulário.

Por fim, ela foi conduzida a uma sala simples.

Mesa. Duas cadeiras. Cinzeiro. Uma jarra de água. Nenhuma janela.

Atrás da mesa estava uma mulher.

Isso surpreendeu Hannah mais do que gostaria de admitir.

A mulher devia ter pouco mais de quarenta anos, talvez menos. Era difícil saber. Algumas pessoas envelhecem pelo calendário, outras pelas coisas que não podem contar. Vestia-se sem vaidade, mas com elegância severa. Seus olhos eram claros, atentos e impossíveis de agradar.

Ela indicou a cadeira.

— Sente-se, Hannah.

Hannah sentou.

— Sabe por que está aqui?

— Não.

— Melhor assim.

A mulher abriu uma pasta.

Hannah viu seu nome. Viu datas. Viu referências ao kibutz. Ao treinamento. Às operações de fronteira. Ao desempenho em tiro, explosivos e análise. Viu, em uma linha, menção à sua origem brasileira. Sentiu um frio breve ao perceber que havia ali muito mais sobre sua vida do que ela imaginava ter contado.

A mulher notou sua reação.

— Uma pessoa nunca sabe quantas vezes foi observada.

Hannah permaneceu calada.

— Isso a incomoda?

— Depende de quem observa.

A mulher quase sorriu.

Quase.

— Boa resposta.

Fechou a pasta.

— O Estado de Israel precisa de pessoas capazes de ver antes. Pessoas capazes de ouvir o que não foi dito, lembrar o que outros esquecem, atravessar uma sala e saber onde estão as saídas, quem está mentindo, quem está com receio e quem é perigoso por acreditar demais em si mesmo.

Hannah pensou em Nadav dizendo: “ela enxerga antes”.

A mulher continuou:

— Você se destacou no exército. Mas seu lugar talvez não seja apenas no exército.

— E onde seria?

A mulher deixou um pequeno silêncio entre elas.

— Num serviço que oficialmente não lhe dará glória. Não lhe dará medalhas públicas. Talvez não lhe dê sequer o direito de contar, um dia, o que fez. Um serviço no qual o sucesso costuma permanecer invisível e o fracasso pode receber o nome de outra pessoa.

Hannah compreendeu. Não tudo. Mas o suficiente.

— Inteligência.

— Mais que isso.

A mulher inclinou-se levemente.

— O Instituto.

Não disse “Mossad” de imediato.

Talvez porque certos nomes, dentro de certas salas, não fossem pronunciados antes da hora.

Hannah sentiu algo mudar dentro de si.

O Mossad já existia na imaginação pública como uma sombra crescente, embora muita coisa permanecesse fora do alcance dos cidadãos comuns.



Naquele tempo, mais do que uma lenda, era uma necessidade de Estado. Israel era jovem, cercado, vulnerável, cheio de cicatrizes recentes e ameaças próximas. Precisava de soldados. Mas precisava também de olhos em lugares onde uniformes não podiam entrar.

— Estão me recrutando? — perguntou Hannah.

— Estamos lhe oferecendo uma porta.

— E se eu não entrar?

— Voltará à sua unidade. Continuará sua carreira. Talvez uma boa carreira.

— Talvez?

— Depois que uma porta aparece, a pessoa raramente esquece que ela existe.

Hannah desviou os olhos para o cinzeiro.

Quis um cigarro.

A mulher percebeu e empurrou o cinzeiro para mais perto.

— Pode fumar.

Hannah acendeu um cigarro com calma. A chama iluminou seu rosto por um instante. Tragou devagar. A fumaça ocupou a sala sem pedir licença.

— O que querem de mim?

— Primeiro, que desapareça.

A frase não foi dita com teatralidade.

Foi pior. Foi dita como fato.

— Desaparecer de onde?

— De sua vida anterior.

Hannah olhou para ela.

A mulher continuou:

— Amigos, unidade, rotina, vínculos excessivos, hábitos reconhecíveis, correspondência, lugares que visita, pessoas que sabem demais sobre você. Tudo isso será revisto. Algumas coisas serão cortadas. Outras, reduzidas. Outras, transformadas em cobertura.

— E minha família?

— Sua família continuará existindo.

— Essa não foi minha pergunta.

A mulher sustentou seu olhar.

— Você poderá protegê-los melhor se aprender a não levá-los para todos os lugares.

A frase atingiu Hannah com precisão.

Esther. David. O Brasil. A alfaiataria. O kibutz. Eitan. Nadav. Leah, Miriam, Tamar. Yoel morto numa manhã clara.

Todos surgiram dentro dela como rostos numa estação de trem. Pessoas que ela amava, ou havia amado, ou talvez jamais tenha sabido amar sem colocá-las no caminho da guerra.

— Eu teria que cortar contato?

— Teria que aprender que contato também é risco.

Hannah apagou o cigarro.

— Isso parece uma prisão.

— É uma forma de liberdade.

— Liberdade sem nome?

— Às vezes o nome é a primeira corrente.

A mulher abriu outra pasta, vazia.

Colocou-a diante dela.

— A decisão não precisa ser tomada nesta sala.

Hannah percebeu ser mentira.

Não uma mentira completa. Talvez formalmente pudesse recusar depois. Talvez houvesse procedimentos, avaliações, entrevistas. Mas, no fundo, a decisão já começara quando o elevador desceu.

— Por que eu? — perguntou.

A mulher respondeu sem hesitar:

— Porque você já perdeu a ilusão de que o mundo é seguro, mas ainda não perdeu a capacidade de protegê-lo.

Porque sabe utilizar uma arma, mas não pensa com a arma. Porque entende explosivos, mas respeita o erro. Porque sabe obedecer, mas não é cega. Porque tem memória, disciplina e uma dor útil.

Hannah odiou a expressão.

— Dor útil?

— Sim.

— Isso é cruel.

— A realidade costuma ser.

A mulher fechou as mãos sobre a mesa.

— Mas há outra razão.

Hannah esperou.

— Você sabe amar uma terra sem precisar que ela seja inocente.

Essa frase a desarmou.

Por um momento, não estava mais no subsolo. Estava no parreiral. Nas vinhas. No deserto com Eitan. Na cerca com Nadav. Na carta a David. No tremor depois do primeiro disparo contra um homem. Em todas às vezes que Israel lhe dera abrigo e exigira dela algo em troca.

— O que acontece se eu aceitar?

A mulher se levantou.

— Você será transferida. Oficialmente, por necessidade administrativa e treinamento especializado. Depois, por razões que poucos conhecerão. Começará uma fase de avaliação. Não pense em filmes. Não pense em glória. Não pense em sedução, venenos, códigos secretos e homens elegantes em hotéis europeus. Isso existe mais na imaginação dos outros do que na vida real.

Caminhou até a parede, onde havia um mapa sem marcações.

— Você aprenderá a observar. A desaparecer numa conversa. A construir uma história sem se apaixonar por ela.

A resistir ao interrogatório sem transformar resistência em orgulho.

A usar silêncio, vaidade, medo, compaixão e desejo como elementos humanos, não como truques de feira. Aprenderá idiomas, costumes, gestos, roupas, sotaques, documentos, memória, solidão.

Virou-se para Hannah.

— Acima de tudo, aprenderá a não confiar na primeira versão de si mesma.

O treinamento começou semanas depois.

Não houve cerimônia.

Não houve uniforme novo.

Não houve juramento diante da bandeira.

A entrada na unidade foi quase anticlimática. Uma sala menor, papéis assinados, um homem que explicou regras sem olhar para ela, uma lista do que poderia dizer e do que jamais deveria ser dito. Foi orientada a reduzir cartas, medir palavras, apagar hábitos. Despedidas longas eram desencorajadas. Explicações, proibidas. A verdade, parcelada.

Despediu-se das amigas sem se despedir.

Disse a Leah que fora transferida.

Leah desconfiou, claro. Tinha olhos vivos demais.

— Para onde?

— Treinamento especializado.

— Isso não quer dizer nada.

— É o que posso dizer.

Leah tentou sorrir.

— Então quer dizer tudo.

Miriam a abraçou com força. Tamar apenas segurou sua mão por alguns segundos. Hannah sentiu que aquelas pequenas despedidas sem nome eram mais cruéis do que uma partida declarada. Quando alguém vai para a guerra, todos entendem o medo. Quando alguém entra numa vida secreta, os outros nem sequer sabem exatamente o que devem temer.

Eitan recebeu uma carta curta.

Nadav, talvez, não precisasse de carta alguma.

Havia pessoas que compreendiam o silêncio como idioma completo.

O treinamento de espionagem não se parecia com o que os curiosos imaginavam.

Havia armas, sim. Havia preparo físico, sim. Havia infiltração, vigilância, deslocamentos, memória, leitura de ambientes, resistência psicológica, disfarces, idiomas e exercícios de identidade. Mas nada era apresentado como aventura. Tudo era trabalho. Repetição. Frustração. Humilhação controlada. Sono interrompido. Perguntas sem resposta. Salas onde uma pessoa entrava acreditando saber quem era e saía sem tanta certeza.

Hannah aprendeu que a espionagem começa antes da mentira.

Começa na observação.

Um agente precisava notar a mão que tremia antes do brinde, o homem que olhava para a saída antes de sentar, a mulher que repetia uma história sempre do mesmo modo, como se tivesse decorado a própria naturalidade. Precisava perceber quando uma rua estava normal demais, quando uma conversa oferecia informação sem ser pedida, quando um desconhecido parecia casual com excesso de esforço.

Também aprendeu que a verdade podia ser utilizada como disfarce.

Uma mentira perfeita era frágil. Exigia memória sem rachaduras. Já uma verdade parcial respirava melhor. O instrutor dizia:

— Ninguém acredita tanto numa história quanto aquele que deixou dentro dela um pedaço verdadeiro de si.

Hannah compreendeu isso depressa.

Sua origem brasileira podia ser útil. Seu sotaque, se mantido ou corrigido, podia abrir portas diferentes. Sua juventude podia enganar os que confundiam idade com ingenuidade. Sua beleza, quando aparecia, podia ser arma ou risco. Sua dor, sempre, precisava permanecer invisível.

Os truques psicológicos não eram mágicos.

Eram humanos.

Fazer alguém falar não significava arrancar palavras à força. Muitas vezes significava permitir que a pessoa se sentisse importante. Ou segura. Ou desejada. Ou compreendida. Ou superior.

Havia homens que entregavam segredos por vaidade. Mulheres que revelavam rotinas por solidão. Funcionários que falavam demais porque ninguém jamais os escutava. Diplomatas que se protegiam contra inimigos e se descuidavam diante de elogios.

Hannah não gostava disso.

Mas era boa.

Boa demais.

Isso a inquietava.

A cada semana, os instrutores retiravam dela alguma inocência restante. Ensinavam que bondade sem prudência podia matar. Que piedade sem cálculo podia comprometer uma operação. Que o medo do outro precisava ser compreendido, não desprezado. Que o agente que odeia demais o inimigo se torna previsível, e o agente que se apaixona pela própria máscara deixa de servir.

Houve treinamento de infiltração.

Não como espetáculo, mas como anulação. Entrar sem ser lembrada. Permanecer sem ser notada. Sair sem deixar perguntas.

Às vezes, a missão de exercício era simplesmente atravessar um lugar cheio de gente e obter uma informação comum sem que ninguém pudesse descrevê-la depois. Em outras, precisava sustentar uma identidade por horas sob pressão, diante de pessoas preparadas para encontrar falhas.

Hannah descobriu que o mais difícil não era mentir.

Era continuar sendo alguém enquanto mentia.

Cada cobertura exigia detalhes: postura, ritmo da fala, modo de olhar, preferências, irritações, lembranças inventadas.

Uma pessoa não é feita apenas de documentos. É feita de hábitos. E os hábitos traem.

Foi aí que ela quase quebrou. Não no tiro. Não no interrogatório simulado. Não na marcha noturna.

Quebrou diante de uma pergunta simples, feita por um instrutor durante um exercício: Qual era o cheiro da casa da sua infância?

Ela deveria responder segundo a identidade falsa.

Mas antes que a personagem inventada falasse, veio a alfaiataria.

O cheiro de tecido. A madeira do balcão. O ferro quente. A presença de David. Por um segundo, Hannah ficou em silêncio.

Um segundo a mais do que deveria.

O instrutor anotou algo.

Depois disse: — Mortos, pais e amores antigos são os primeiros a denunciar um agente.

Ela quis odiá-lo.

Mas sabia que ele tinha razão.

Naquela noite, sozinha, escreveu uma carta a David que nunca enviou: *“Papai, estou aprendendo a ser outra pessoa. O senhor, que passou a vida ajustando roupas ao corpo dos homens, talvez entendesse melhor do que ninguém essa estranha profissão. Eles estão me ensinando a vestir destinos. A diferença é que, aqui, se a costura falha, alguém morre.”*

Dobrou o papel. Guardou.

Com o tempo, Hannah aprendeu a construir compartimentos dentro de si.

Num deles, ficava a filha de Esther e David.

Noutro, a moça das vinhas.

Noutro, a jovem que amara Eitan diante do deserto.

Noutro, a combatente que tomara café com Nadav após uma noite de sangue.

Noutro, a soldado excepcional.

E agora surgia mais um compartimento: a mulher sem nome público, treinada para existir entre versões, sombras e verdades incompletas.

O curioso é que, quanto mais secreta se tornava sua vida, mais amplo parecia seu amor por Israel.

Antes, Israel era o kibutz. A vinha. O solo. A cerca. Os rostos próximos.

Agora, Israel era também aquilo que não podia ser visto.

As ameaças antes de chegarem. Os planos antes de virarem ataque. Os nomes antes de se tornarem mortos. A defesa não era apenas impedir que alguém cruzasse uma fronteira. Era saber, muito antes, quem pretendia cruzá-la, por que, com quem, quando e sob qual mentira.

Isso a fascinava.

E a assustava.

A formação de uma agente não era apenas técnica. Era uma lenta transformação moral.

O mundo deixava de ser direto. Cada encontro tinha camadas. Cada gentileza podia ser aproximação. Cada silêncio podia conter ameaça. Cada afeto precisava ser observado de fora, como se o coração fosse também um documento sujeito a falsificação.

Hannah descobriu que a curiosidade que o mundo teria sobre agentes secretos era infantil perto da verdade.

As pessoas imaginariam perseguições, códigos, armas escondidas, noites em hotéis, beijos usados como armadilhas, passaportes falsos e encontros em cafés estrangeiros. Havia, talvez, algo disso. Mas o centro era outro.

O centro era solidão.

A solidão de saber e não poder dizer.

A solidão de voltar viva e não poder ser celebrada.

A solidão de mentir para proteger quem se ama.

A solidão de perceber que, após vestir muitas identidades, a mais difícil de sustentar é a própria.

Certa manhã, a mulher do subsolo voltou a chamá-la.

Hannah entrou na sala sem perguntar por quê.

A mulher observou-a por alguns segundos.

— Você está diferente.

— Era essa a intenção?

— Em parte.

— E a outra parte?

— Saber o que restaria.

Hannah não respondeu.

A mulher abriu a pasta.

— Restou o bastante.

Empurrou um documento diante dela.

Não havia ali medalha, nem título grandioso. Apenas uma designação, uma transferência, uma nova fase. Nada que o mundo pudesse compreender. Nada que pudesse ser contado em carta a David.

— A partir de agora, sua vida será dividida entre o que aconteceu, o que poderá admitir que aconteceu e o que jamais terá acontecido.

Hannah leu o documento.

Depois assinou.

A assinatura pareceu pequena diante do que entregava.

Quando saiu da sala, passou pelo mesmo corredor frio.

Entrou no elevador. Desta vez, ele subiu.



Mas ela sabia que, de certo modo, nunca mais sairia completamente daquele subsolo.

Lá em cima, Tel Aviv continuava viva. Ruas, vendedores, soldados, crianças, mulheres com sacolas, homens discutindo política, cafés cheios, ônibus, poeira, sol. A vida comum seguia com sua coragem distraída.

Hannah parou na calçada.

Respirou.

Por um instante, pensou na menina que um dia chegara a Israel com uma mala pequena e uma alma antiga. Pensou que aquela menina não havia desaparecido. Apenas fora coberta por camadas de cinza, uniforme, códigos, silêncio e dever.

O destino, mais uma vez, havia apagado o caminho na areia.

Mas agora Hannah começava a compreender algo terrível: talvez sua vocação não fosse encontrar um caminho definitivo.

Talvez fosse caminhar onde ninguém pudesse ver suas pegadas.



O Telefone

Ela acordou numa cama de lençóis macios.

Era metade da manhã.

A luz entrava filtrada pelas cortinas pesadas, desenhando no quarto uma claridade preguiçosa, quase indecente. Havia cheiro de café, tabaco antigo e perfume masculino. Do lado de fora, em algum ponto da cidade, vozes se misturavam ao ruído distante do bazar, aos motores, aos vendedores, aos passos de homens que acreditavam estar vivendo apenas mais um dia.

Hannah permaneceu imóvel por alguns segundos.

Aprendera a acordar sem se mover.

Antes mesmo de abrir completamente os olhos, avaliou o quarto. A janela. A porta. A distância até a bolsa. A posição dos sapatos. O peso do próprio corpo. A respiração do homem ao lado.

Farid dormia profundamente.

Era um homem forte, bruto, feito de ombros largos, barba cerrada e mãos pesadas.

Mesmo dormindo, parecia ocupar mais espaço do que lhe cabia. Havia nele uma segurança quase animal, a confiança dos homens acostumados a serem obedecidos, temidos ou desejados. Na noite anterior, falara demais. Bebendo, sempre falava demais. Ria alto, tocava-lhe o rosto com certa possessividade, chamava-a por um nome que não era o seu, e acreditava que aquela mulher vinda de lugar incerto, com olhos tristes e perguntas bem colocadas, começava finalmente a pertencer-lhe.

Ele estava apaixonado. Ela, nem tanto.

Não que não sentisse nada. Esse era o problema. Um agente é raramente destruído pelo ódio; o ódio, quando disciplinado, até ajuda. O perigo está nas regiões intermediárias: compaixão, hábito, ternura, pena. Farid era alvo, sim. Mas também era homem. Dormia de lado, como uma criança cansada após uma noite longa. Tinha uma pequena cicatriz no ombro esquerdo. Às vezes, quando pensava não estar sendo observado, passava a mão sobre ela, distraído, como se tocasse uma lembrança.

Hannah sabia detalhes demais sobre ele.

Esse era seu trabalho.

Fazia quase um ano que cruzara aquela porta no subsolo de Tel Aviv. Quase um ano desde que assinara papéis que pareciam pequenos demais para a dimensão da vida que entregava. Quase um ano desde que aprendera a falar menos, olhar mais, vestir nomes alheios, carregar histórias falsas com pedaços de verdade dentro delas.

Quase um ano desde que deixara de pertencer inteiramente a qualquer lugar.

Agora estava ali, numa cama estrangeira, ao lado de um inimigo de Israel.

Um inimigo que confiava nela.

Farid financiava armas.

Não era soldado de linha de frente. Não atravessava cercas à noite, não se escondia entre pedras com um fuzil no peito, não atacava kibutzim com as próprias mãos. Isso talvez o tornasse mais perigoso. Homens como ele raramente apareciam cobertos de sangue, mas muitas mortes passavam por suas mesas, seus contatos, suas contas, seus favores, seus encontros atrás de portas fechadas.

Durante anos, outros haviam tentado entender a rede.

Nomes surgiam e desapareciam. Mensageiros eram presos. Rotas mudavam. Armas chegavam. Dinheiro entrava por canais sinuosos, passava por comerciantes, intermediários, famílias respeitáveis, negócios aparentemente inocentes. Israel sabia que havia alguém no centro. Sabia que a engrenagem tinha um coração? Mas o coração permanecia escondido.

Hannah o encontrara em poucas semanas.

Não por milagre.

Por paciência.

Por escuta.

Por saber fazer uma pergunta parecer confissão do outro. Por saber quando rir, quando calar, quando parecer assustada, quando parecer perdida, quando deixar que um homem se sentisse salvador de uma mulher que, na verdade, o estudava como se estuda um mapa antes da travessia.

Farid gostava de protegê-la.

Esse foi seu erro.

Na noite anterior, ele lhe dera um número.

— Apenas para emergências — dissera, segurando-lhe o queixo com os dedos. — Não utilize por capricho.

Ela abaixara os olhos no momento exato.

Pareceu amedrontada.

Talvez até estivesse, mas não pelo motivo que ele imaginava.

Farid explicou que aquele telefone era restrito. Pouquíssimos tinham o número. Amigos. Homens em apuros. Pessoas que não podiam passar por secretárias, guardas ou intermediários. Era uma linha que ele atendia pessoalmente quando estava naquele escritório reservado.

Hannah escutou como quem recebe cuidado.

Por dentro, registrou uma sentença.

Naquela manhã, enquanto Farid ainda dormia, ela se levantou devagar.

Não fez ruído. Vestiu-se com calma. Prendeu o cabelo. Lavou o rosto.

No espelho, a mulher que a encarou não era Hannah, nem Graciana, nem a filha de David e Esther. Era outra. Uma das muitas que havia aprendido a ser. Uma mulher de passagem, com olhos que sabiam pedir ajuda e mãos que sabiam fazer o que a voz jamais confessaria.

Farid despertou quando ela calçava os sapatos.

— Já vai? — perguntou, rouco.

Ela sorriu.

— Quero caminhar pelo bazar antes que o calor piore.

Ele a olhou com aquele misto de desejo e posse que ela aprendera a tolerar sem demonstrar repulsa.

— Sozinha?

— Você tem reunião.

— Depois.

— Depois você estará cansado.

Ela se aproximou da cama, inclinou-se e beijou-o.

Não foi um beijo de amor. Mas foi perfeito.

Essa era uma das coisas que mais a assustavam em si mesma: a perfeição com que podia imitar aquilo que em outras mulheres talvez fosse espontâneo. O beijo tinha a medida certa de ternura, gratidão e leve promessa. Farid acreditou nele. Mais que isso: precisou acreditar. Homens poderosos também são mendigos diante da própria vaidade.

Antes de sair, ela parou à porta.

— Preciso de dinheiro — disse, com uma pequena hesitação ensaiada. — Não quero trocar sozinha no mercado.

Ele riu. — Claro.

Levantou-se parcialmente, pegou algumas notas na gaveta e lhe entregou.

— Não se perca.

Ela guardou o dinheiro.

— Você me encontraria.

Ele sorriu, satisfeito.

— Encontraria.

Ela saiu.

No corredor, seu rosto mudou.

Não de modo visível para os outros. Apenas o necessário para que a mulher do quarto ficasse para trás. Caminhou sem pressa.

No andar inferior, ouviu vozes masculinas vindas de uma sala lateral. Farid teria sua reunião ali, ou perto dali, com homens que também acreditavam controlar a manhã.

Hannah sabia esperar. Esperou.

Sem Farid, a rede sofreria um golpe profundo. Ele não era facilmente substituível. Não era apenas mais um financiador. Era eixo, ponte, cofre, memória e confiança.

Seu desaparecimento era de vital importância.

A frase era fria. Por isso servia.

Na rua, o bazar fervia.

Cores, tecidos, especiarias, metais, frutas abertas ao sol, homens chamando clientes, mulheres negociando, crianças correndo entre pernas adultas, burros, carroças, fumaça, café, suor. A vida comum, sempre ela, cobrindo o mundo com seus ruídos para a morte poder mover-se sem ser notada.

Hannah comprou pequenos objetos sem importância.

Um lenço. Figs. Um pedaço de sabão perfumado. Coisas que uma mulher talvez comprasse numa manhã livre. Coisas que dariam peso e inocência às suas mãos. Em algum momento, parou diante de uma banca de tecidos e pensou em David.

Seu pai teria tocado aquele pano entre os dedos e sabido dizer sua qualidade.

A lembrança veio tão nítida que ela precisou virar o rosto.

David não poderia vê-la ali.

Não aquela mulher.

Não a filha que pedia dinheiro a um homem condenado e o beijava antes de sair.

Ela caminhou até o ponto combinado de observação. Não era perto demais. Não era longe demais. Um lugar discreto, de onde podia ver o prédio sem parecer interessada nele. Do alto de uma pequena varanda abandonada, protegida pela sombra e pela confusão da rua, tirou os binóculos da bolsa.

Esperou.

A reunião terminou perto do horário previsto.

Homens saíram primeiro, separados, sem pressa, mas atentos. Alguns seguiram para carros. Outros desapareceram entre as lojas. Farid apareceu depois. Caminhava como sempre, dono do próprio corpo, dono da porta, dono da manhã. Falou com alguém, riu, acendeu um cigarro. Parecia vivo de uma maneira quase insolente.

Hannah observou sem piscar.

Ele entrou no prédio.

Minutos depois, sua silhueta surgiu atrás da janela da sala dos telefones.

Ela esperou mais um pouco.

Não por hesitação. Por precisão.

O número estava memorizado desde a noite anterior. Não o anotara. Anotar é confiar demais no papel. Discou de um aparelho distante, num estabelecimento onde ninguém prestava atenção em ninguém por mais de alguns segundos.

O telefone chamou.

Uma vez.

Duas.

Ela imaginou Farid olhando para o aparelho restrito, franzindo a testa, talvez surpreso por ela ligar tão cedo. Talvez preocupado. Talvez lisonjeado. Homens apaixonados gostam de ser necessários.

Terceira chamada.

Então ele atendeu.

O mundo se abriu em luz.

A explosão chegou até ela primeiro como clarão, depois como som, depois como movimento. Vidros saltaram. Pombos explodiram em voo. Gritos rasgaram a rua.



O bazar inteiro pareceu perder a respiração por um segundo antes de se transformar em tumulto. Pessoas correram sem saber para onde. Outras se abaixaram. Um homem derrubou uma caixa de laranjas. Uma criança chorou com um som agudo demais.

Hannah permaneceu imóvel apenas o tempo necessário para confirmar.

Fumaça na janela. Chamas pequenas. Homens correndo para dentro. Ninguém saindo da sala.

Movia-se com o ritmo assustado, mas plausível, de uma mulher que tenta fugir da confusão sem atrair sobre si a violência do medo coletivo. Em uma esquina, deixou cair os figos. Abaixou-se para recolhê-los. Esse gesto simples a salvou de um grupo de homens que passou em sentido contrário, procurando culpados com os olhos.

Quando se levantou, já era outra pessoa. Mais uma vez.

Horas depois, num quarto pequeno, longe dali, lavou as mãos.

Lavou uma vez. Depois, outra. Não havia sangue nelas.

Esse era o problema.

O sangue moderno raramente fica nas mãos de quem decide. Fica nos relatórios, nos escombros, nos nomes riscados, nos mapas que se corrigem, nas redes que se interrompem, nos homens que passam a temer atender um telefone. Mas na pele, às vezes, não fica nada.

Hannah olhou-se no espelho.

Esperava sentir triunfo.

Não sentiu.

Esperava sentir horror.

Também não era exatamente isso.

Sentiu uma espécie de silêncio. Um silêncio profundo, onde algo dentro dela acabava de ser trancado. Farid al-Khatib estava morto. Com ele, morreria parte de uma rede que armava aqueles que desejavam destruir Israel. Homens talvez não recebessem armas. Ataques talvez não aconteceriam. Crianças talvez continuassem vivas porque, naquela manhã, uma mulher havia beijado um homem e depois discado um número.

Talvez. A palavra “talvez” era a pior de todas.

A guerra invisível raramente entrega certezas limpas. Ela oferece probabilidades, danos evitados, ameaças reduzidas, nomes apagados antes de se tornarem tragédias. Nenhum hino acompanha esses atos. Nenhuma mãe agradece por um filho que não morreu, porque nunca saberá que ele esteve ameaçado. Nenhum povo celebra uma catástrofe que não aconteceu.

Os soldados invisíveis de Israel pagavam por isso de outro modo.

Pagavam na alma.

Hannah sentou-se na beira da cama.

A cama era dura. Os lençóis, ásperos. Nada parecidos com os lençóis macios da manhã. Acendeu um cigarro. A chama tremeu levemente, e só então percebeu que sua mão tremia.

Não muito. O suficiente. Pensou no parreiral. Pensou em Eitan. Pensou em Nadav. Pensou em Yoel, morto por erro numa manhã de instrução. Pensou em Esther. Pensou em David, curvado sobre um tecido, acreditando talvez que a filha estivesse longe, mas ainda inteira.

Ela queria escrever a ele. Não podia. Queria rezar. Não sabia se tinha esse direito.

Queria chorar. Não veio.

Então fez o que aprendera a fazer desde que o fogo levara as vinhas: guardou a dor onde ninguém pudesse encontrá-la e deixou que mais uma camada se formasse sobre seu coração.

Na manhã seguinte, os jornais falaria de explosão. De ajuste de contas. De inimigos internos. De acidente. De conspiração. Cada um escolheria a versão que melhor servisse ao seu medo.

O nome dela não apareceria em lugar nenhum.

Nem poderia.

Hannah havia selado mais uma vez o próprio destino. Não com juramento, nem com assinatura, nem com uniforme. Mas com um ato que a protegeria e a condenaria pelo resto da vida.

Porque há missões que terminam quando o alvo desaparece.

E há missões que começam exatamente nesse momento.

Naquela noite, antes de apagar a luz, ela sussurrou uma frase que não pertencia a nenhuma cobertura, a nenhum relatório, a nenhuma ordem recebida.

— Israel vive.

Depois ficou em silêncio.

E, no silêncio, como sempre, a alma cobrou seu preço.



Graciana

O mesmo homem voltou a procurá-la meses depois.

Hannah não soube dizer se isso a surpreendeu ou se, no fundo, sempre o esperara. Há pessoas que entram em nossa vida como mensageiros de uma única notícia. Outras retornam sempre que o destino precisa mudar de rosto.

Ele pertencia ao segundo tipo.

Era o oficial do elevador.

O homem que um dia a conduziu ao subsolo de um prédio comercial em Tel Aviv, sem explicações, sem conforto e sem promessas. Continuava com a mesma expressão fechada, o mesmo olhar de quem dormia pouco e carregava mais nomes do que um homem deveria carregar. O tempo não o tornara mais velho. Torná-lo apenas mais fundo.

Encontrou-a numa sala sem janelas.

Hannah já conhecia aquele tipo de sala. No mundo em que entrara, as salas mais importantes quase nunca tinham vista. Quem trabalhava com sombras aprendia cedo que as janelas eram concessões perigosas.

Ele não lhe ofereceu café.

Isso bastou para ela entender que a conversa não seria comum.

— Você está sendo considerada para uma unidade especial — disse ele.

Hannah permaneceu em silêncio.

O homem colocou uma pasta sobre a mesa. Não a abriu.

— Mais secreta que a anterior.

Ela quase sorriu.

— Sempre existe um subsolo abaixo do subsolo?

— Em Israel, sim.

A resposta não tinha humor.

Ele sentou-se diante dela. Por alguns segundos, estudou seu rosto como se procurasse sinais de desgaste, de vaidade, de fissura. Hannah sustentou o olhar. Já não era a moça do kibutz. Já não era a jovem que se assustava com a frieza dos recrutadores.

Havia atravessado nomes, quartos, fronteiras, mortes silenciosas, mentiras necessárias. Havia pago em si mesma por cada ação.

Mas havia partes dela que ainda resistiam.

Talvez fosse por isso que continuavam a escolhê-la.

— O que querem agora? — perguntou.

O homem respirou devagar.

— Um papel que poucos aceitariam.

— Isso é elogio ou ameaça?

— É descrição.

Ele abriu a pasta.

Não havia ali fotografias de alvos, mapas ou relatórios de campo. Havia documentos administrativos, recortes, nomes, linhas datilografadas, uma certidão, um passaporte em branco, outro já parcialmente preparado. Uma fotografia dela.

Hannah olhou para a própria imagem.

Era estranho ver-se como arquivo.

— Você conhece a história de Judas? — perguntou ele.

A pergunta a incomodou.

— Conheço o suficiente.

— Então sabe haver papéis que a humanidade condena porque precisa condenar. E há papéis que, sem serem desempenhados, impediriam o mistério de acontecer.

Hannah estreitou os olhos.

— Está me pedindo para trair alguém?

— Estou lhe pedindo para aceitar ser vista como traidora.

A diferença era pior.

O homem continuou:

— Haverá uma encenação. Uma autoridade israelense faleceu de ataque cardíaco. Oficialmente, a morte será tratada de outra forma.

Haverá negligência, falha de segurança, erro de avaliação. A responsabilidade será atribuída a você.

Hannah não se moveu.

Mas alguma coisa dentro dela se contraiu.

— A mim.

— Sim.

— Por quê?

— Porque seu nome precisa morrer antes.

Ele disse isso com a calma de quem havia repetido a frase antes de entrar na sala.

Hannah sentiu uma raiva fria subir.

— Meu nome já morreu várias vezes.

— Não publicamente.

— E o que acontecerá com ele?

— Será apagado de onde precisa ser apagado. Sujo onde precisa ser sujo. Esquecido onde for possível. Você será expulsa. Não poderá voltar a Israel.

Dessa vez ela desviou o olhar.

Não poderá voltar a Israel.

A frase atravessou-a com mais violência do que esperava. Imaginara muitas formas de sacrifício: prisão, morte, desaparecimento, silêncio. Mas ser banida da terra que a havia chamado antes mesmo de sua vontade parecia uma crueldade mais íntima.

O parreiral voltou. Eitan. Nadav. As vinhas. A terra que tocara pela primeira vez, como quem reencontra uma mãe perdida.

— Isso não é missão — disse ela. — É exílio.

— Sim.

A honestidade dele a feriu ainda mais.

— E querem que eu aceite?

— Queremos que compreenda.

— Não é a mesma coisa, nunca é.

O silêncio cresceu entre eles.

Hannah levantou-se e caminhou até a parede. Não havia janela. Ainda assim, ficou diante dela como se procurasse o horizonte. Pensou em David no Brasil, em Esther, na alfaiataria, nos tecidos dobrados, na vida que um dia lhe parecera pequena demais. Pensou que talvez o destino tivesse uma ironia cruel: depois de tudo, voltaria ao Brasil não como filha arrependida, mas como instrumento de uma guerra invisível.

— Qual é a missão? — perguntou sem se virar.

O homem demorou o bastante para ela entender que a resposta era pesada.

— Voltar ao Brasil.

Ela fechou os olhos.

— Sob outro nome?

— Sim.

— Qual?

O homem tirou um documento da pasta.

— Graciana Zariel.

Ela virou-se.

— Graciana?

— Não, Ana.

— Por quê?

Dessa vez, ele permitiu que algo quase humano atravessasse seu rosto.

— Ana seria evidente demais. Bonito demais. Ana chama a atenção. Graciana, não. Graciana é nome de casa, de rua, de padaria, de moça que ajuda a mãe, de mulher que ninguém imagina perigosa. É um nome menor e, por isso mesmo, mais seguro.

Hannah ficou olhando para o documento.

Graciana Zariel.

O nome parecia frágil. Quase infantil. Mas havia nele uma astúcia involuntária.

Ana era um nome forte; Graciana era diminutivo, disfarce, ternura aparente. Um nome que baixava as defesas dos outros. Um nome que parecia pedir proteção quando, na verdade, ocultava uma mulher treinada para caçar.

— E há outra razão — disse o homem.

Ela esperou.

— Em português, o diminutivo pode significar afeto.

Mas também pode esconder força. Uma coisa pequena entra onde uma coisa grande não passa.

Hannah olhou para ele.

— Quem escolheu?

— Alguém que entende o Brasil.

Ela quase perguntou quem. Não perguntou. No mundo em que vivia, certas respostas vinham acompanhadas de portas que não se fechavam mais.

O homem empurrou outro documento.

Um passaporte brasileiro.



Novo. Limpo. Terrivelmente limpo.

Havia nele uma vida que ela ainda não vivera e que, de algum modo, deveria começar a sustentar. Nome, origem, pequenas coerências, lacunas plausíveis. Não era uma fantasia completa. As melhores coberturas não eram feitas apenas de invenção. Tinham raízes em verdades possíveis. Filha de brasileiros. Retorno ao país de origem. Uma mulher que passara tempo fora. Uma história com ausências, mas não a ponto de despertar perguntas demais.

No documento, ela era Graciana Zariel.

Ainda não era Graciana Zariel D'Alviano. Esse outro nome viria depois, no Brasil, quando se casasse com um italiano e outra história começasse a ser escrita sobre a anterior, como um tecido novo costurado sobre uma cicatriz antiga.

O sobrenome D'Alviano pertenceria a outro capítulo, a outra casa, a outra forma de destino. Naquela sala sem janelas, diante daquele homem cansado e daquela pasta aberta, ela era apenas Graciana Zariel.

Um nome pequeno demais para a mulher que carregava.

E justamente por isso servia.

— Pouco dinheiro — disse ele. — O bastante para sobreviver. Não o bastante para chamar atenção.

— Generoso.

— Pessoas com dinheiro demais deixam rastros.

Ele lhe entregou uma pequena folha.

Não havia muito escrito.

Alguns números. Palavras soltas. Formas de contato. Nada que dissesse claramente o que era. Nada que pudesse comprometer alguém se visto por olhos errados. Ela teria de memorizar tudo e depois destruir.

Hannah olhou por alguns segundos.

Depois começou a gravar.

Não apenas os números. O ritmo deles. As pausas. A forma visual. A ordem. Já aprendera que a memória precisava de mais de uma porta. Se uma falhasse, outra abriria.

— E depois? — perguntou.

— Depois você será sozinha.

— Sempre dizem isso. Nunca é completamente verdade.

— Desta vez será mais verdade que antes.

Ela entendeu.

No campo, havia equipe. No kibutz, havia Nadav. No exército, havia unidade. Nas operações externas, havia rede, ainda que invisível. Agora a solidão seria parte da própria cobertura.

— Qual é o objetivo?

O homem fechou a pasta.

— Infiltração e informação.

A palavra informação ficou na sala.

— Quem?

— Homens que conseguiram desaparecer depois da guerra. Homens que trocaram uniformes por sobrenomes novos, crimes por negócios, passado por silêncio. Alguns se esconderam no Brasil.

Muitos passaram ou se fixaram na Argentina. Outros se protegem em comunidades, empresas, documentos, casamentos, igrejas, clubes, consulados, amizades convenientes.

Hannah compreendeu.

Não precisava que ele dissesse tudo.

A Segunda Guerra terminara havia pouco mais de uma década, mas suas sombras ainda circulavam pelo mundo. Muitos responsáveis por crimes atrozes haviam escapado da Europa por rotas de fuga, redes de proteção e cumplicidades que atravessavam fronteiras. Para Israel, encontrá-los não era apenas vingança. Era memória. Era justiça. Era uma resposta aos mortos que nunca tiveram túmulo.

— Nazistas — disse ela.

O homem não corrigiu.

— E colaboradores. Financiadores. Facilitadores. Homens que sabem onde outros homens estão.

— Por que eu?

— Porque você nasceu no Brasil. Porque pode voltar sem parecer enviada. Porque conhece a língua. Porque sabe ser subestimada. Porque entende o exílio por dentro. E, porque já provou que consegue aproximar-se de um alvo sem deixar que a parte humana dele a desarme.

Farid passou por sua memória.

Os lençóis macios. O telefone. A explosão.

Ela apagou a imagem antes que crescesse.

— Querem que eu me case.

— Talvez.

— Com quem?

— Um alemão ou italiano, se as circunstâncias permitirem. Alguém que confira acesso ao círculo certo. Comunidades de imigrantes. Negócios. Clubes. Famílias. Relações em que nomes antigos ainda circulam com cuidado.

Hannah riu sem humor.

— Então agora querem que eu entregue uma vida inteira.

— Queremos que você construa uma vida que possa abrir portas.

— E se essa vida me engolir?

O homem não respondeu depressa.

Pela primeira vez, pareceu cansado.

— Esse é o risco.

Ela sentou-se novamente.

Sentia que a sala havia ficado menor.

— E o homem cuja morte será encenada? A autoridade israelense?

— Já morreu.

— De ataque cardíaco.

— Sim.

— E a família dele?

— Saberá o que puder saber.

— Que fui culpada?

— Talvez.

Aquilo a atingiu.

Não por vaidade. Não exatamente. Ela já havia vivido sem reconhecimento. Já havia aceitado desaparecer atrás de resultados que ninguém celebraria. Mas ser lembrada como falha, negligente, talvez traidora, era outro tipo de morte. Era uma morte moral.

— Judas ao menos recebeu trinta moedas — disse ela.

O homem olhou para o passaporte, para o pouco dinheiro, para a folha de contatos.

— Você receberá menos.

Ela quase sorriu.

Mas os olhos arderam.

— E se eu disser não?

— Então ficará com uma parte da verdade dentro de si e tentará continuar servindo como antes.

— Isso é ameaça?

— É consequência.

Hannah odiou-o por não mentir.

Levantou o passaporte.

Graciana Zariel.

Uma mulher brasileira com nome pequeno, vida discreta, passado remodelado e futuro envenenado. Uma mulher que voltaria ao país do pai e da mãe para caçar homens que fugiram da memória. Uma mulher que talvez se casasse sem amar, sorrisse em mesas de domingo, aprendesse sobrenomes estrangeiros, ouvisse brindes em alemão, italiano, espanhol, português, enquanto procurava nas pausas, nos sotaques e nos medos a pista de crimes antigos.

— Não poderei voltar a Israel — repetiu ela.

O homem baixou a voz.

— Oficialmente, não.

— E extraoficialmente?

— Algumas portas só existem para quem não precisa perguntar por elas.

A resposta era quase nada.

Mas quase nada era mais do que ele deveria ter dado.

Hannah fechou os olhos.

Viu Israel não como mapa, nem como Estado, nem como bandeira. Viu o solo. A primeira vez que o tocou. As vinhas antes do fogo. O parreiral queimado. As mudas novas. Eitan dizendo “tov”. Nadav entregando café. O elevador descendo. Os rostos dos mortos. As cartas não enviadas. A menina que queria pertencer. A mulher que aprendera a desaparecer.

Sua alma estava comprometida.

Essa era a verdade mais cruel.

Não comprometida no sentido vulgar de corrompida, embora talvez também houvesse corrupção em toda guerra invisível. Estava comprometida como se compromete uma promessa. Como se compromete um voto? Como se compromete um corpo quando atravessa uma ponte em chamas e já não pode voltar sem morrer.

— Eles precisam acreditar que me expulsaram — disse ela.

— Sim.

— Precisam acreditar que falhei.

— Sim.

— E os meus?

— Seus pais saberão o que Graciana puder dizer.

— E Hannah?

O homem respondeu com delicadeza inesperada:

— Hannah ficará em Israel.

Foi aí que ela quase quebrou.

Não diante da morte.

Não diante da missão.

Mas, diante daquela frase.

Hannah ficará em Israel.

Como se fosse possível separar a mulher do nome e deixar uma parte dela enterrada na terra amada. Como se o país exigisse não apenas seu serviço, mas sua identidade. Como se Israel dissesse: para continuar me servindo, você terá de aceitar nunca mais me chamar de casa em voz alta.

— Dê-me a folha — disse ela.

O homem entregou.

Hannah leu os números mais uma vez.

Depois, outra.

Quando terminou, aproximou a folha da chama do cinzeiro. O papel escureceu, contraiu-se, ardeu devagar. Ela observou até virar cinza.

— Isso é um sim? — perguntou ele.

Ela olhou para o passaporte.

— Isso é uma morte.

O homem assentiu.

— Às vezes é assim que começamos.

A encenação aconteceu semanas depois.

Foi cuidadosamente impessoal.

A autoridade israelense já estava morta, mas a versão oficial precisava ganhar corpo. Uma sequência de horários, assinaturas, omissões, uma sala onde Hannah deveria ter estado, uma decisão que teria deixado de tomar, uma negligência plausível o suficiente para ser aceita e suja o bastante para justificar sua queda.

Não houve julgamento grandioso.

Não poderia haver.

Houve murmúrios, documentos, afastamento, portas fechadas. Algumas pessoas olharam para ela com desprezo. Outras, com confusão. Um ou outro rosto pareceu sentir pena. A pena era pior que o desprezo.

O nome Hannah começou a ser apagado.

Não de uma vez.

Primeiro das listas.

Depois das conversas.

Depois dos corredores.

Uma pessoa não desaparece quando deixa de existir. Desaparece quando os outros aprendem a não perguntar mais por ela.

Leah, Miriam e Tamar talvez tenham recebido versões diferentes. Talvez tenham entendido que havia algo por trás. Talvez não. Eitan, se soube, deve ter ficado em silêncio diante das vinhas. Nadav, ela imaginou, teria compreendido cedo demais. Homens como Nadav sabiam reconhecer uma mentira construída para proteger uma verdade.

Mas nenhum deles poderia salvá-la.

E talvez ela não quisesse ser salva.

Na noite antes de partir, recebeu o passaporte definitivo.



Graciana Zariel.

O nome parecia simples. Quase pobre. Quase doce.

Ela o repetiu em voz baixa.

— Graciana.

Não soava como ela.

Esse era o objetivo.

Recebeu pouco dinheiro, algumas instruções finais, roupas adequadas a uma mulher que retornava ao Brasil sem grande fortuna e sem grande história, e uma pequena lista memorizada de contatos que jamais deveriam parecer contatos.

Nada escrito. Nada que pudesse ser encontrado. Nada que uma revista casual transformasse em condenação.

O recrutador acompanhou-a até a saída.

Não, ao aeroporto. Isso seria sentimental demais. Apenas até a porta do prédio.

A noite de Tel Aviv estava morna.

A cidade continuava viva, indiferente ao fato de que uma mulher acabava de ser desfeita por dentro. Havia luzes, vozes, cheiro de comida, soldados caminhando, jovens rindo, homens discutindo em esquinas, crianças puxadas pelas mãos de mães cansadas.

— Uma última coisa — disse o homem.

Hannah, ou Graciana, virou-se.

— Nunca se apaixone pela missão.

— Achei que fosse dizer para eu não me apaixonar por um homem.

— Homens são mais fáceis de abandonar que missões.

Ela guardou a frase.

— E se eu esquecer quem sou?

O homem olhou para ela com aquele peso antigo nos ombros.

— Então lembre-se por que aceitou.

Ela quis dizer que isso talvez não bastasse, mas não disse.

No dia seguinte, embarcou com documentos brasileiros, pouco dinheiro e um nome pequeno demais para a mulher que carregava: Graciana.

Abandonava uma acusação, uma expulsão, uma morte falsa dentro de uma morte verdadeira. Levava consigo uma missão sem aplauso: voltar ao Brasil, construir uma vida plausível, aproximar-se de círculos alemães e italianos, talvez casar-se, talvez sorrir em fotografias de família, talvez tornar-se exatamente o que todos esperariam de uma mulher chamada Graciana.

Por trás de Graciana, caminharia Hannah, a mulher que aceitara o papel de Judas não por amor à traição, mas porque alguns mistérios exigem que alguém carregue a infâmia para que outros continuem acreditando na luz.

Quando o avião deixou o solo de Israel, ela não chorou, olhou pela janela até que a terra amada se tornasse desenho, depois mancha, depois ausência. Só então fechou os olhos e, no escuro, fez a única oração que ainda lhe era permitida:

— Que me odeiem, se for preciso. Mas que Israel viva.



A Senhora da Estrela

Ela embarcou em Israel rumo ao Brasil, levando pouco mais do que um passaporte novo, algum dinheiro escondido em lugares diferentes e uma vida inteira que já não podia chamar pelo nome.

No documento, era Graciana Zariel.

Mas, dentro dela, Hannah ainda respirava.

Respirava baixo, como alguém escondido durante uma perseguição. Respirava entre as costelas, atrás dos olhos, sob as lembranças que ela não ousava tocar por muito tempo. Hannah ficara em Israel, disseram-lhe. Hannah ficaria nas vinhas, no kibutz, no subsolo, nas salas sem janela, nas cartas não enviadas, nos mortos que nunca lhe permitiriam ser apenas uma mulher comum.

Graciana embarcava.

O avião parecia estreito demais para o tamanho daquela separação.

Ela caminhou pelo corredor com a cabeça erguida, sem pressa, como uma passageira qualquer.

Uma mulher jovem retornando ao Brasil. Talvez saudosa da família. Talvez cansada de uma temporada distante. Talvez apenas mais uma entre tantas vidas deslocadas pela história.

Sentou-se à janela.

Precisava ver Israel desaparecer.

Esse era seu castigo e seu consolo.

Ao seu lado, no assento do corredor, viajava uma senhora idosa. Pequena, magra, vestida com simplicidade. Tinha as mãos pousadas sobre uma bolsa escura e segurava um lenço dobrado entre os dedos. Mas o que chamava atenção não eram as mãos, nem a roupa, nem a idade. Eram os olhos.

Havia neles um brilho intenso.

Não o brilho ingênuo dos que ainda esperam muito da vida, mas o brilho raro dos que atravessaram perdas demais e, mesmo assim, conservaram uma espécie de chama. A senhora olhou para Graciana como se já a conhecesse. Ou como se a estivesse esperando.

Graciana desviou os olhos para a janela.

O avião ainda não havia partido.

Do lado de fora, homens movimentavam bagagens, funcionários cruzavam a pista, motores começavam a vibrar. Tudo era concreto, prático, impessoal. Melhor assim. As despedidas mais perigosas são aquelas em que o mundo insiste em parecer humano.

A senhora disse alguma coisa em voz baixa.

Graciana não entendeu.

Virou-se.

— Desculpe?

A velha sorriu, mas não repetiu imediatamente. Olhou para a pequena estrela que Graciana trazia presa discretamente à corrente, quase escondida sob a gola.

Então falou, num português hesitante, carregado de sotaque:

— A Estrela de Davi não tem lado de cima nem lado de baixo. Por isso, aponta sempre na direção correta.

Graciana ficou imóvel.

A frase pareceu ensaiada.

Mas não era uma das frases de código que havia memorizado. Não estava entre os contatos, nem entre as formas de reconhecimento, nem entre as chaves verbais previstas. Não havia sinal combinado ali. Nenhuma resposta obrigatória. Nenhuma sequência. Nenhuma palavra de segurança.

Ainda assim, algo naquela frase tinha intenção.

— A senhora está indo ao Brasil? — perguntou Graciana, com cuidado.

— Estou voltando — respondeu a velha.

— Mora lá?

— Morei em muitos lugares. Depois de certa idade, a palavra “morar” fica menos importante. A gente aprende que uma casa é, antes de tudo, uma história que repetimos até acreditar nela.

Graciana não gostou da resposta.

Era bela demais para ser casual.

É perigosa demais para ser apenas bela.

O avião começou a mover-se lentamente. A senhora ajeitou o lenço no colo. Graciana observou suas mãos. Eram mãos antigas, marcadas, mas firmes. Não tremiam. Os olhos, embora doces, não perdiam nada.

— A senhora fala como professora — disse Graciana.

— Já fui professora.

— De quê?

— De sobreviver.

A resposta veio com tanta naturalidade que poderia ter sido brincadeira.

Não era.

Graciana sentiu dentro de si o movimento de uma porta se abrindo. Não, uma porta grande. Uma fresta. O bastante para a desconfiança entrar e se sentasse ao lado dela.

— Não sabia que havia escola para isso.

— Há. Mas as melhores não têm placa na entrada.

O avião ganhou velocidade.

Por um instante, o corpo de Graciana foi empurrado contra o assento. O motor cresceu em força, a pista correu sob elas e Israel começou a soltar-se do chão. Ela olhou pela janela. A terra amada afastava-se, diminuía, tornava-se desenho, depois mancha, depois quase ideia.

Não chorou.

Mas a velha, sem olhar diretamente para ela, disse:

— Não chore agora. Chorar no começo de uma missão gasta água demais.

Graciana virou o rosto devagar.

— Missão?

A senhora sorriu.

— Viagem. Quis dizer viagem.

Era mentira.

Graciana soube.

A velha também soube que ela soubera.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. A aeromoça passou. Alguém tossiu duas fileiras atrás. Um homem tentou acomodar uma mala pequena acima da cabeça e derrubou o chapéu de outro passageiro. A vida comum, com sua capacidade obscena de continuar, instalou-se no avião.

Quando as luzes estabilizaram e os passageiros começaram a respirar como quem aceita o destino de permanecer horas no ar, a senhora falou novamente.

— Quando cheguei ao meu primeiro país, com outro nome, eu tinha certeza de que deveria começar logo.

Graciana não respondeu.

— Os jovens sempre querem começar logo. Acham que a missão é uma porta. Entram, fazem o que precisa ser feito e saem. Mas a vida não é porta. É casa. Primeiro é preciso construir a casa. Depois, talvez, esconder dentro dela aquilo que realmente importa.

Graciana manteve os olhos na janela.

— A senhora disse que foi professora.

— E fui.

— De sobrevivência?

— De paciência.

Agora ela começava a compreender.

Não, tudo.

Mas o suficiente.

Aquela mulher não era uma passageira casual. Não precisava dizer nomes. Não precisava mostrar documentos, nem repetir códigos, nem apresentar credenciais. Sua função talvez fosse justamente essa: não parecer função alguma. Uma velha senhora ao lado de uma jovem que voltava ao Brasil. Nada mais invisível que isso.

— Mandaram a senhora? — perguntou Graciana, quase sem mover os lábios.

A velha abriu a bolsa e tirou um pequeno pacote de balas embrulhadas em papel.

Ofereceu uma.

— Açúcar ajuda nos pousos longos.

Graciana não pegou.

A senhora guardou o pacote.

— Ninguém manda uma velha viajar ao lado de uma moça por acaso.

— Qual é o seu nome?

— Para você, nenhum que seja útil.

Graciana quase sorriu.

A velha então se recostou no assento e começou a contar sua história.

Ou uma história.

Com pessoas daquele mundo, nunca se sabia. Talvez tudo fosse verdade. Talvez apenas metade. Talvez a verdade estivesse justamente naquilo que ela não contava.

Disse que também havia chegado um dia a um país onde ninguém a conhecia.

Cegara com documentos bons, dinheiro pouco e um passado que precisou aprender a usar como quem usa um vestido: ajustando aqui, escondendo ali, deixando à mostra apenas o que parecia natural. No começo, quis agir. Quis procurar nomes, endereços, inimigos, cumplicidades. Quis justificar o risco da viagem com resultados rápidos.

— Burrice — disse a velha.

Graciana olhou para ela.

— Desculpe?

— Burrice. A pressa é a vaidade dos que acham que o mundo está esperando por eles. O mundo não espera. E justamente por isso não devemos correr para dentro dele como se todos os olhos fossem cegos.

A senhora contou que, antes de qualquer ação, precisou construir uma vida.

Não uma máscara.

Uma vida.

A diferença era fundamental, pois máscaras caem, mas vidas criam raízes.

— Primeiro, estudei — disse ela. — Uma faculdade pequena, sem prestígio demais. Prestígio chama atenção. Mediocridade também. O ideal é parecer suficientemente capaz para ser lembrada e suficientemente comum para não ser investigada.

Graciana escutava.

— Depois trabalhei numa empresa. Não é a empresa mais importante. Não a mais obscura. Uma boa empresa, com bons arquivos, bons corredores, boas festas de fim de ano e pessoas que falavam demais depois do segundo copo.

A velha sorriu com doçura.

— As empresas são melhores que embaixadas. Nas embaixadas, todos sabem que estão sendo observados. Nas empresas, as pessoas acham que estão vivendo.

Graciana guardou a frase.

— E se casou? — perguntou.

— Sim.

— Por missão?

A velha olhou para a própria mão, onde não havia aliança.

— No começo, pensei que sim. Depois, durante alguns anos, pensei que não. No fim, descobri que ambas as respostas eram verdadeiras.

Graciana sentiu um pequeno frio.

O recrutador havia dito algo parecido. Construir uma vida que pudesse abrir portas. Talvez casar-se com um alemão ou italiano. Aproximar-se de comunidades, negócios, clubes, famílias, nomes que haviam atravessado o oceano carregando crimes escondidos sob sobrenomes novos.

A velha continuou:

— Case-se, se precisar casar. Ame, se conseguir amar. Mas nunca confunda amor com autorização para esquecer.

— Isso é conselho?

— É cicatriz.

A palavra ficou entre elas.

O avião atravessava nuvens. A luz branca invadia a cabine com uma claridade sem par. Ali em cima, entre Israel e o Brasil, Graciana sentiu que já não pertencia a nenhum dos dois lugares. Era uma mulher suspensa. Uma identidade em trânsito.

— Quanto tempo? — perguntou ela.

— Para quê?

— Para começar.

A velha olhou para ela com severidade.

— Você já começou.

— Digo a missão.

— Estou falando dela.

Graciana calou-se.

— Construir uma história é missão — disse a senhora. — Fazer faculdade é missão. Trabalhar é missão. Sorrir para vizinhos é missão. Ir a casamentos, enterros, aniversários, batizados, almoços de domingo. Deixe que pensem que você se tornou previsível.

Engordar um pouco, emagrecer um pouco, mudar o cabelo, reclamar do preço das coisas, aprender nomes de crianças, lembrar datas, escolher uma padaria. Tudo isso é missão.

Graciana escutava como quem recebia instrução formal.

Só que a sala de aula era um avião.

E a instrutora, uma velha com brilho nos olhos.

— Talvez você só comece seus objetivos depois de dez anos — disse ela.

Graciana virou-se.

— Dez?

— Talvez mais.

— Isso é impossível.

— Não. Impossível é achar que se entra num país, numa família, numa comunidade fechada, e se encontra o que procura em poucos meses sem levantar suspeitas.

A velha inclinou-se um pouco.

— Os homens que você talvez procure sobreviveram porque aprenderam a desaparecer dentro da normalidade. Você só poderá encontrá-los se desaparecer melhor que eles.

Graciana sentiu a frase atingir o centro da missão.

Desaparecer melhor que eles.

Era disso que se tratava.

Não de perseguições, não de tiros, não de explosões, não de façanhas. Era uma competição de invisibilidades. De um lado, homens que haviam sepultado o passado sob empresas, sotaques domesticados, clubes, esposas, filhos, respeitabilidade. De outro, ela, uma mulher com nome pequeno, voltando ao Brasil para construir uma vida tão convincente que um dia entrasse nos lugares onde esses homens baixavam a guarda.

— E se eu me perder? — perguntou Graciana.

A velha respondeu sem piedade:

— Você vai se perder.

Graciana não esperava aquilo.

— Então, por que aceitar?

— Porque se perder também faz parte. Ninguém sustenta uma vida falsa por muitos anos sem que ela se torne um pouco verdadeira. Você gostará de pessoas que não deveria.

Terá compaixão de gente ligada a crimes. Será ajudada por covardes.

Será traída por homens gentis. Descobrirá que monstros têm netos, cães, doenças, saudades. E que vítimas também podem ser cruéis. Se espera um mundo simples; desça na primeira escala.

Graciana olhou para frente.

A cabine parecia calma demais.

— A senhora fala como se já tivesse feito isso.

— Eu fiz outras coisas.

— Parecidas?

— Todas as coisas são parecidas quando custam a alma. Graciana pensou na frase do recrutador: a dor útil.

Pensou em Farid, sempre amoroso e gentil com ela. Depois, pensou no telefone... pensou... não; aquilo também ficaria para trás.

Pensou em Eitan, em Nadav, nas vinhas, em Yoel, nos mortos que ela carregava como uma segunda bagagem.

Pensou no Brasil, onde Esther e David talvez a recebessem com alegria, sem saber que a filha voltava trazendo dentro de si uma guerra inteira.

— E meus pais? — perguntou.

A velha demorou a responder.

— Eles precisarão conhecer Graciana.

— E se perguntarem por Hannah?

— Pais perguntam raramente os nomes certos. Eles olham para o rosto e tentam encontrar a criança que deixaram ir. Você deverá lhes dar o bastante para poderem amar você. Não tudo. Tudo seria crueldade.

Graciana sentiu os olhos arderem.

— Meu pai queria uma vida simples para mim.

— Então dê a ele uma aparência de vida simples.

— Isso é justo?

— Não.

A resposta veio sem enfeite.

— Mas talvez seja misericordioso.

A velha abriu novamente a bolsa e, desta vez, tirou uma pequena estrela de Davi, antiga, gasta nas bordas. Não a entregou. Apenas segurou na palma da mão.

— Olhe.

Graciana olhou.

— Você entendeu o que eu disse no começo?

— Que a Estrela de Davi não tem lado de cima nem lado de baixo.

— E?

— Que aponta sempre na direção correta.

A velha balançou a cabeça.

— Não. Essa é a frase. Não é o sentido.

Graciana esperou.

— O sentido é que, quando você não puder saber se está subindo ou descendo, se está traindo ou servindo, se está voltando ou partindo, se está mentindo ou protegendo, deverá lembrar que direção não é o mesmo que posição. A estrela pode ser virada, escondida, carregada no bolso, costurada por dentro da roupa, mas continua sendo estrela.

Fechou a mão sobre o pequeno objeto.

— Você também.

Graciana ficou em silêncio.

Pela primeira vez desde que entrara no avião, sentiu que talvez não estivesse completamente sozinha. Não porque a velha pudesse acompanhá-la. Não acompanharia. Preparadores não atravessam a vida dos outros. Apenas aparecem entre uma margem e outra para ensinar como sobreviver à travessia.

— Qual será seu papel? — perguntou Graciana.

— Nenhum, depois que pousarmos.

— Nunca mais verei a senhora?

— Talvez me veja muitas vezes e não saiba. Talvez nunca. Não importa.

— Importa para mim.

A velha sorriu com tristeza.

— Isso é um luxo que você ainda tem.

Graciana baixou os olhos.

A senhora guardou a estrela.

— Quando chegar ao Brasil, não procure a missão. Procure uma rotina. As rotinas são as melhores tocas. Estude. Trabalhe. Faça amizades. Aprenda quem fala com quem. Quais sobrenomes abrem portas? Quais famílias evitam certos assuntos? Quais homens mudam de mesa quando se fala da guerra? Quais mulheres sabem mais do que dizem? Quais imigrantes corrigem demais a própria história.

— E a Argentina?

A velha olhou para ela.

Então Graciana soube que a pergunta havia sido precipitada.

Mas a senhora não a repreendeu.

— A Argentina virá quando o Brasil deixar você chegar até ela sem parecer que está indo a lugar algum.

— Isso pode levar anos.

— Sim.

— Dez anos?

— Talvez.

Graciana respirou fundo.

Dez anos. Uma década inteira de preparação, casamento possível, estudos, trabalho, aniversários, cartas, fotografias. Dez anos de Graciana. Dez anos em que Hannah teria de dormir no fundo da alma, acordando apenas quando chamada.

— E se eu me casar? — perguntou.

— Então seja esposa.

A resposta a irritou.

— Só isso?

— Não há “só” em ser alguma coisa bem-feita. Seja esposa como quem constrói uma cobertura perfeita: com presença, memória, contradições, impaciências pequenas, afeto suficiente, cansaço real. Uma esposa falsa demais é uma péssima espiã. Uma esposa verdadeira demais também.

Graciana quase riu.

— E filhos?

A velha olhou para a janela.

— Filhos são a parte que ninguém deveria transformar em instrumento.

— Mas podem vir.

— Sim.

— E então?

— Então sua alma pagará mais caro.

A frase não era ameaça.

Era aviso.

Graciana percebeu que aquela mulher não estava ali para convencê-la de que a missão seria gloriosa. Estava ali para retirar dela qualquer romantismo restante. Era uma preparadora, sim. Mas não de técnicas. De consequências.

Preparava-a para a lentidão.

Para a mentira doméstica.

Para o perigo de amar a vida que deveria usar.

Para o dia em que talvez olhasse para o marido, para os filhos, para a mesa posta, para o cheiro de café no Brasil, e desejasse esquecer Israel por uma hora. Não por traição. Por cansaço.

— O que faço quando quiser desistir? — perguntou Graciana.

A velha respondeu: — Adie.

— Só isso?

— Desistir é uma decisão grande demais para ser tomada no auge do cansaço. Adie um dia. Depois, outro. Depois, mais um. Algumas missões são cumpridas por pessoas heroicas. A maioria é cumprida por pessoas que simplesmente adiaram a desistência por tempo suficiente.

Graciana guardou aquilo.

Adiar a desistência.

Era uma sabedoria menor, quase doméstica, e talvez por isso verdadeira.

A viagem prosseguiu.

Em algum momento, serviram comida. A velha comeu pouco. Graciana, quase nada. Falaram de assuntos banais quando a aeromoça se aproximava. O clima. O Brasil. A dificuldade dos voos longos. A idade. A família. Quem as visse pensaria que eram apenas duas mulheres vencendo o tédio da travessia.

Mas, por baixo das palavras comuns, a missão mudava de forma.

Graciana compreendia agora que não voltava ao Brasil para agir.

Voltava para ser.

Ser alguém.

Por tempo suficiente para o mundo acreditar.

Quando o avião começou a preparar-se para a próxima escala, a velha fechou os olhos por alguns minutos. Graciana pensou que ela dormisse. Então ouviu sua voz baixa:

— Não odeie todos os que encontrar.

— Como?

— O ódio é útil no começo. Depois embota. Você está indo atrás de homens escondidos, sim. Homens culpados, talvez monstros. Mas encontrará filhos, viúvas, empregados, vizinhos, padres, médicos, comerciantes. Se odiar todos, perderá precisão.

— E se eu não odiar o bastante?

A velha abriu os olhos.

O brilho ainda estava lá.

— Então lembre os mortos.

Simples assim.

Não odeie todos.

Lembre os mortos.

Era uma balança impossível. Mas talvez a vida de Graciana, dali em diante, fosse exatamente isso: caminhar sobre uma lâmina entre a humanidade e a memória.

Pouco antes de pousarem, a senhora tocou de leve o braço dela.

— Quando chegar, abrace sua mãe.

A frase pegou Graciana desprevenida.

— Minha mãe?

— Sim. Abrace-a como filha, não como agente. Algumas coisas você precisará fazer sem cálculo, ou não sobrará nada em você que mereça ser protegido.

Graciana sentiu algo se partir e se recompor no mesmo instante.

Esther.

O rosto da mãe surgiu com uma nitidez quase dolorosa. Não como contato, não como cobertura, não como risco. Mãe, Apenas mãe. Talvez a única palavra que ainda resistisse a todos os nomes falsos.

— E meu pai?

A velha sorriu.

— Deixe que ele fale da alfaiataria. Homens que trabalharam a vida inteira com as mãos precisam acreditar que ainda podem consertar alguma coisa.

Graciana fechou os olhos.

Dessa vez, quase chorou.

Quando os abriu, a senhora estava olhando para frente, como se nada de importante tivesse sido dito.

O avião desceu.

A terra aproximou-se.

Não era Israel.

Ainda não era o Brasil, talvez, mas já era longe o bastante para que Hannah compreendesse que sua antiga vida não poderia alcançá-la sem se ferir.

Ao final da viagem, quando os passageiros começaram a levantar-se, Graciana virou-se para a senhora.

— Como devo chamá-la?

A velha pegou a bolsa, ajeitou o lenço e respondeu:

— Chame-me de alguém que sentou ao seu lado.

— Só isso?

— Só isso já é muito.

Graciana quis insistir.

Não insistiu.

A senhora então se inclinou e falou pela última vez, quase num sussurro:

— Lembre-se: construa a história antes de começar a caçada. Uma casa bem construída pode esconder uma guerra inteira.

Depois levantou-se com dificuldade, mas sem fragilidade.

Graciana observou-a desaparecer entre os passageiros.

Por um instante, teve a certeza de que, se piscasse, a mulher jamais teria existido.

Mas havia algo em sua mão.

Uma bala embrulhada em papel.

Graciana não se lembrava de tê-la aceitado.

Abriu o papel devagar. Dentro, além da bala, havia apenas um pequeno desenho feito à mão: uma estrela de Davi. Sem indicação de cima ou de baixo.

Ela fechou os dedos sobre o papel.

Então compreendeu.

A missão não começaria com um tiro, nem com uma perseguição, nem com um nome encontrado numa lista secreta.

Começaria com uma filha chegando ao Brasil.

Com uma mala.

Com um abraço.

Com uma mentira cuidadosamente misturada à verdade.

E talvez, durante muitos anos, a maior coragem de Graciana fosse parecer comum.





O Brasil

Ao desembarcar no Brasil, Graciana teve a impressão de que sua vida anterior havia sido um sonho.

Não um sonho bonito. Não um sonho inteiro. Um desses sonhos longos, confusos, cheios de fogo, areia, vozes estrangeiras, mãos dadas no deserto, corredores subterrâneos, nomes falsos e mortos que continuam olhando mesmo depois que acordamos. Enquanto caminhava pelo aeroporto com o passaporte brasileiro nas mãos e a mala pequena ao lado, teve por um instante a sensação absurda de que passara apenas alguns meses passeando em Israel.

Uma jovem brasileira voltando para casa.

Era isso que o mundo via.

Talvez uma filha que se aventurou longe demais. Talvez uma moça um pouco mais magra, um pouco mais silenciosa, com olhos que pareciam ter aprendido a medir portas, homens e distâncias. Mas ainda uma filha. Ainda uma mulher jovem. Ainda alguém que poderia ser recebida com abraço, café, perguntas, lágrimas e recriminações pequenas.

Esther a abraçou primeiro.

Graciana quase se desfez.

A mãe tinha o cheiro da infância. Isso nenhum treinamento havia previsto. Nenhum instrutor lhe disse como resistir ao cheiro de uma mãe. Havia técnicas para interrogatório, vigilância, disfarce, infiltração, leitura de ambiente, memorização de contatos, controle da respiração. Mas não havia defesa contra uma mulher que nos segura pelo rosto e procura, nos olhos da adulta, a menina que um dia deixou partir.

— Minha filha — disse Esther.

Só isso.

E bastou.

David veio depois.

Não correu. Não era homem de correr. Aproximou-se com os olhos úmidos e as mãos inseguras, como se não soubesse se devia abraçá-la ou apenas tocá-la para confirmar que era real.

Graciana viu nele o tempo que sua ausência havia imposto. Pequenas rugas, ombros um pouco mais baixos, o rosto cansado de quem sustentara a esperança e o ressentimento na mesma medida.

— Você voltou — disse ele.

Não perguntou por que havia ido. Não perguntou o que havia feito. Não perguntou se voltaria a partir.

Talvez pais saibam que algumas perguntas, quando feitas cedo demais, podem expulsar novamente os filhos.

Graciana o abraçou.

Sentiu as mãos dele em suas costas, mãos de alfaiate, mãos que haviam passado a vida medindo tecidos, ajustando mangas, corrigindo ombros, tentando fazer com que os homens coubessem melhor nas roupas que vestiam.

Ela pensou: *ele jamais poderá ajustar o que aconteceu comigo.*

E, ainda assim, chorou.

Nos primeiros dias, viveu como quem interpreta uma peça diante dos próprios mortos.

A casa dos pais parecia menor do que em sua lembrança. Os móveis permaneciam quase no mesmo lugar. As xícaras, os panos, as fotografias, os ruídos da rua, tudo lhe oferecia uma continuidade que a feria. Era como se o Brasil tivesse seguido intacto enquanto ela morria e renascia várias vezes do outro lado do mar.

Foi trabalhar com o pai.

David recebeu aquilo como uma bênção discreta. Não comemorou demais. Apenas lhe mostrou novamente a alfaiataria, como se apresentasse a ela um parente antigo. As tesouras, os moldes, os tecidos, os clientes, os cadernos de medidas. Graciana aprendeu ou reaprendeu a rotina. Dobrar, separar, anotar, atender, sorrir, ouvir. A vida comum exigia outro tipo de disciplina.

Durante alguns meses, ela pertenceu àquela pequena ordem.

Pela manhã, abria a loja com David. À tarde, ajudava nos atendimentos. Observava os homens diante do espelho, preocupados com o caimento de um paletó, com a elegância de uma lapela, com o comprimento exato de uma calça. Às vezes, aquela preocupação lhe parecia comovente. Outras vezes, absurda.

Homens preocupados com tecido.

Homens vivos.

Homens que não sabiam nada de campos minados, explosões, quartos estrangeiros, telefones que não deveriam tocar.

E talvez por isso ela os invejasse.

David durou poucos meses.

A morte dele não veio com fogo, nem perseguição, nem barulho. Veio como vêm as mortes domésticas, essas que destroem o mundo sem derrubar parede alguma.

Um mal súbito, um corpo que falha, um chamado apressado, médicos, rezas, o rosto de Esther perdendo cor, a alfaiataria fechada antes da hora.

Graciana não estava preparada.

Pensara que, depois de tudo, conhecia a morte.

Não conhecia.



Conhecia a morte dos campos, das operações, dos acidentes, das explosões, dos relatórios. Conhecia a morte que chega com nome de guerra, mesmo quando a guerra não se declara. Mas a morte do pai era outra coisa. Era uma tesoura pousada para sempre sobre a mesa. Era um paletó inacabado. Era uma fita métrica enrolada sobre si mesma. Era a cadeira vazia atrás do balcão.

Ela chorou muito.

Não apenas por ele.

Chorou pelo tempo perdido. Chorou por abandoná-lo. Chorou pelas cartas que não escrevera, pelas perguntas que não respondera, pelas verdades que jamais poderia contar. Chorou porque, no fundo, sempre imaginara que haveria um depois. Depois da missão. Depois da guerra. Depois de tudo. Um dia, talvez, sentaria ao lado de David e diria o suficiente para ele compreender que a filha não havia partido por desprezo.

Mas certos perdões precisam de corpo presente.

E o corpo dele agora estava ausente para sempre.

Ainda assim, Graciana continuou.

Continuar, ela já sabia; era uma forma de luto.

Entrou na faculdade. Escolheu Química.

A escolha pareceu surpreender alguns. Para ela, não. Havia lógica. A Química podia ser útil no futuro. Abria portas técnicas, industriais, comerciais. Dava-lhe uma respeitabilidade limpa, moderna, difícil de questionar. Uma mulher formada em Química podia trabalhar em empresas, circular entre laboratórios, fábricas, departamentos, reuniões, homens instruídos, estrangeiros, documentos, processos. Podia parecer ambiciosa sem parecer perigosa.

Além disso, havia algo nela que se atraía por aquilo.

A matéria transformada. A precisão. A reação invisível.

A consequência de pequenas combinações.

Talvez a Química lhe parecesse uma metáfora secreta de sua própria vida: substâncias diferentes colocadas juntas, calor, pressão, instabilidade, mudança irreversível.

Mais tarde, conseguiu um emprego em uma cervejaria, não a mais famosa, nem a mais conhecida.

Ali, novamente, Graciana aprendeu a ser vista.

Não demais. O suficiente.

Seu chefe era de origem alemã. Chamava-se Heinrich Keller. Um homem organizado, exigente, de modos rígidos, mas não sem gentileza. Gostava dela. Primeiro pela competência. Depois pela discrição.

Graciana sabia conquistar as pessoas sem parecer que tentava conquistá-las. Essa era uma arte perigosa, e ela a dominava.

Sabia ouvir. Sabia lembrar detalhes.

Sabia fazer uma pergunta que dava ao outro a sensação de importância. Sabia calar quando a maioria se apressaria em preencher o silêncio. Sabia ser eficiente sem humilhar. Sabia, sobretudo, parecer confiável.

Heinrich gostava disso. Chamava-a para tarefas de responsabilidade crescente.

Comentava sobre processos, fornecedores, contatos, famílias alemãs estabelecidas no Brasil, clubes, costumes, homens vindos da Europa, nomes que apareciam em conversas quase sempre comuns.

Graciana escutava tudo sem avidez.



A velha do avião havia ensinado: construir antes de caçar.

Então ela construía.

Faculdade. Trabalho. Rotina. Mãe, Luto. Um sobrenome discreto. Uma presença útil.

E então veio o primo distante.

Na verdade, era tão distante que a palavra primo parecia uma cortesia genealógica. Terceiro, quarto grau, uma dessas ramificações familiares que só as mães sabem explicar com detalhes e que os filhos aceitam por cansaço.

Havia se formado médico no Rio Grande do Sul e queria fazer residência em São Paulo.

Chamava-se João D'Alviano.

Era descendente de italianos. Seu pai chamava-se Vittorio, nome duro, antigo, quase talhado em pedra. Fora militar. Durante a Segunda Guerra, não combateu na Europa como pracinha da FEB, mas serviu no Brasil, em funções discretas, organizando núcleos de resistência para a hipótese de uma invasão estrangeira.

Era o tipo de homem que não explicava demais o próprio passado. Falava pouco, media as palavras e guardava certos silêncios como quem conserva documentos trancados numa gaveta. Oficialmente, sua missão fora proteger o território nacional. Ainda assim, havia em torno dele uma zona de sombra: contatos imprecisos, ordens nunca comentadas, viagens sem registro claro, nomes estrangeiros pronunciados uma única vez e depois apagados da conversa.

Ninguém podia afirmar nada. Talvez fosse apenas imaginação daqueles que, muitos anos depois, tentavam reconstruir sua história. Talvez não. Algo nele parecia permanecer fora dos arquivos, como se a parte mais importante de sua missão tivesse sido justamente aquela que não deixou papel, assinatura nem testemunha.

O doutor queria vir para São Paulo, mas precisava de um lugar onde ficar até se organizar.

Graciana soube da história antes da carta.

Ou melhor, fez com que a história chegasse à carta.

Não foi difícil convencer Esther.

A mãe estava viúva, vulnerável, necessitada de casa cheia, de presença masculina, de uma razão a mais para pôr a mesa. Além disso, família era família, mesmo quando vinha de longe e precisava ser explicada por três gerações.

— Escreva para ele — disse Graciana, com naturalidade.

— Convide. São Paulo é difícil para quem chega sozinho.

Esther concordou.

A carta foi enviada.

João veio.

Graciana não havia planejado se apaixonar.

Talvez essa seja a frase mais perigosa em qualquer vida construída sobre planos.

Ele chegou com malas, livros, cansaço e uma espécie de honestidade física que a desarmou. Não era ingênuo, mas era inteiro. Havia nele uma força diferente da de Eitan, diferente da sombra de Nadav, diferente dos homens que ela estudara por necessidade.

João não parecia carregar um segredo. Carregava trabalho.

Queria ser médico.

Não como quem deseja prestígio, embora o prestígio viesse. Queria exercer, construir, cuidar, vencer pela disciplina. Tinha mãos de médico e de homem prático. Estudava muito. Trabalhava muito. Dormia pouco. Reclamava às vezes, mas voltava ao serviço. Havia nele uma teimosia que lembrava Israel, embora ele talvez nada soubesse disso.

Não foi difícil se apaixonar por ele.

Isso a assustou.

Porque não foi uma paixão de missão. Não foi aproximação calculada, nem estratégia de infiltração, nem porta social aberta por casamento conveniente. Era algo mais simples e, por isso mesmo, mais ameaçador. João a fazia esquecer por alguns minutos que ela era Graciana, por ordem de homens sem rosto. Fazia-a rir sem medir o efeito. Fazia-a pensar em casa, filhos, mesa posta, futuro.

Ela resistiu por dentro. Por fora, não muito. Casaram-se.

E, ao casar-se com ele, Graciana Zariel tornou-se Graciana Zariel D'Alviano.

O sobrenome novo não apagou os anteriores. Apenas cobriu todos com uma camada de vida legítima. O nome soava brasileiro, italiano, familiar, respeitável. Parecia pertencer a fotografias de casamento, contas de luz, contratos, receitas médicas, cartões de visita, certidões, convites de batizado.

Era perfeito.

E, pela primeira vez em muito tempo, parecia ser verdadeiro.

Construíram uma vida em São Paulo.

Os dois trabalhavam. Os dois eram formados. Os dois ganhavam dinheiro. Não eram ricos, mas avançavam. Havia esforço, ambição e aquela alegria muito específica dos jovens casais que ainda acreditam que o mundo se recompensa com trabalho suficiente.

Compraram um apartamento de sonho.

Acima do padrão deles.

Muito acima, talvez.

Mas João era esforçado e trabalhador. Não se intimidava diante do que parecia grande demais. Se não podia comprar tudo pronto, encontrava outro caminho. Corria em lugares de demolição, procurava materiais reaproveitados, negociava peças, portas, ferragens, pedras. Um dia apareceu com mármore de Carrara usado, comprado por preço possível depois de muita conversa, insistência e paciência.

— Está vendo? — disse ele, satisfeito. — Novo demais é para quem não tem imaginação.

Graciana riu.

E o riso foi verdadeiro.

Ele mesmo ajudava a arrumar o apartamento; carregava, lixava, discutia com operários, economizava onde podia, investia onde achava necessário. Aquele lar nascia de trabalho, não de luxo fácil. Cada detalhe parecia dizer: nós chegamos até aqui.

Ela gostava de vê-lo assim.

Havia algo profundamente comovente em um homem construindo uma casa para a família que ainda viria. Enquanto João escolhia materiais, calculava custos, improvisava soluções, Graciana às vezes se lembrava de David. O pai também acreditava que a vida podia ser ajustada com as mãos. Um na alfaiataria, outro no apartamento. Tecidos, pedras, mármore, madeira. Homens tentando dar forma ao amor sem precisar dizer seu nome.

Logo viriam filhos.

Essa ideia começou a circular entre eles como uma luz discreta.

Não, ainda como urgência. Como promessa.

Um dia. Em breve.

Quando a residência estivesse encaminhada. Quando o apartamento estivesse pronto. Quando o dinheiro permitisse. Quando a vida, essa ilusão tão persistente, parecesse segura.

Graciana quase acreditou.

E talvez tenha sido esse o seu erro ou sua maior felicidade.



A PRAÇA

Numa tarde, sentou-se na praça.

Era uma praça de São Paulo, mas ela a amava porque, no final do dia, parecia suspender por alguns minutos o ruído da cidade. As árvores filtravam a luz, as sombras cresciam devagar, velhos conversavam nos bancos, crianças atravessavam correndo, mulheres apressadas passavam com sacolas, e o ar trazia aquele cansaço urbano que, estranhamente, lhe dava paz.

Graciana gostava de ir ali.

Sentava-se quase sempre no mesmo banco e acendia um cigarro. Não fumava tanto por vício quanto por ritual. O cigarro marcava um intervalo entre as funções: esposa, profissional, filha de Esther, viúva de um pai ainda recente, mulher de médico, moradora de apartamento em reforma, futura mãe talvez.

Ali, por alguns minutos, ela não precisava ser nada com perfeição.

Apenas ficava.

Naquela tarde, um senhor idoso sentou-se ao seu lado.

Não pediu licença. Também não invadiu. Apenas se sentou com a naturalidade dos velhos que aprenderam que os bancos de praça pertencem menos às pessoas do que ao tempo.

Graciana percebeu-o antes de olhar.

O corpo dela ainda sabia.

Homem idoso, roupa comum, chapéu discreto, sapatos gastos, mas limpos. Mãos sobre uma bengala. Rosto sereno demais. Algo nele parecia familiar, mas ela não tinha certeza. Talvez o tivesse visto no avião? Num corredor? Em Tel Aviv? Ou talvez fosse apenas a familiaridade de uma espécie: homens que pareciam comuns porque haviam treinado a vida inteira para parecer comuns.

Ele olhou para frente.

Não para ela.

Depois disse, em voz baixa:

— A estrela que não tem lado também não esquece o caminho de volta.

Graciana ficou imóvel.

O cigarro queimou entre seus dedos.

De repente, tudo voltou.

Não aos poucos.

Inteiro.

Israel voltou.

A pista do aeroporto. A velha do avião. A frase sobre a Estrela de Davi. O elevador está descendo ao subsolo. O recrutador com o peso do mundo nos ombros. A sala sem janelas. O passaporte com o nome Graciana Zariel. A folha queimada no cinzeiro. O aviso: construa a história antes da caçada.

Vieram também as vinhas. O kibutz. Eitan dizendo "tov". Nadav entregando café. O parreiral em chamas. Os amigos mortos. A primeira incursão. Farid dormindo nos lençóis macios. O telefone. A explosão. Yoel, morto pela granada.

Tudo voltou.

Não como lembrança. Como convocação.

Ela sabia.

Fora formalmente ativada.

O velho continuou olhando para a praça.

— Seu marido tem um irmão em uma cidade gaúcha na borda do mapa.

Graciana tragou devagar.

Não respondeu.

— Rio Grande do Sul — disse ele. — Colonização italiana. Cidade em crescimento. Boa para médico. Boa para a família. Convenientemente perto da Argentina.

A palavra Argentina entrou nela como uma chave antiga.

O velho não precisava dizer mais, mas disse.

— Você deve levá-lo para lá.

Graciana apagou o cigarro no chão com cuidado.

— Não.

O velho não se surpreendeu.

— Sim.

— Minha vida está aqui.

— Exatamente.

— Meu marido está bem aqui.

— Por enquanto.

Ela virou o rosto apenas o bastante para observá-lo pelo canto dos olhos.

— Isso é ameaça?

— Não. É leitura.

A resposta a irritou porque era o tipo de resposta que ela mesma daria.

O velho prosseguiu:

— São Paulo lhe deu uma história. Formação. Trabalho. Casamento. Um nome.

Agora essa história precisa se mover sem parecer que obedece a uma ordem.

— E como pretende que eu faça isso?

— Não pretendo. Você fará.

— Ele não vai querer abandonar São Paulo.

— Então não deve parecer que a ideia veio de você.

Graciana sentiu uma antiga náusea.

Não dê medo.

De reconhecimento.

Manipular um alvo era uma coisa. Manipular a vida de um marido amado era outra. João não era Farid. Não era inimigo. Não era peça descartável. Era o homem que dormia ao lado dela sem segredos próprios, o homem que comprara mármore usado para construir um apartamento acima do padrão deles porque acreditava que ela merecia beleza.

— Eu não vou destruí-lo — disse ela.

— Ninguém pediu isso.

— Pediram para eu usar meu casamento.

O velho demorou.

— Seu casamento já é parte da sua cobertura.

A frase foi baixa, mas brutal.

Graciana sentiu vontade de bater nele.

Não bateu.

— Cuidado — disse ela.

— Há verdades que os velhos dizem por que acham que a idade os protege.

Ele quase sorriu.

— E há verdades que as jovens negam porque ainda desejam ser inocentes.

Ela olhou para frente.

Na praça, uma criança caiu, levantou-se e voltou a correr. Uma mulher chamou um menino pelo nome. Dois homens discutiam futebol. Um vendedor ambulante ajeitava a mercadoria. A vida comum, outra vez, cobrindo uma ordem secreta com o tecido do cotidiano.

— O que há em uma cidade gaúcha na borda do mapa?

— perguntou Graciana.

— Portas.

— Para a Argentina?

— Para nomes. Famílias. Rotas. Homens que atravessaram fronteiras com documentos bons e memórias ruins. Você saberá quando estiver próxima.

— E se eu me recusar?

O velho apoiou as duas mãos na bengala.

— Então outros tentarão. Talvez com menos paciência.

Talvez com menos cuidado com a vida que você construiu.

Ela entendeu. Não era ameaça direta.

Era pior: era verdade operacional.

— Ele precisa querer ir — disse ela.

— Sim.

— E eu preciso parecer contrária.

— Não parecer. Você deve sentir a perda. A representação só funciona quando encosta em algo verdadeiro.

Graciana riu sem alegria.

— Vocês continuam muito generosos com minha alma.

O velho se levantou com dificuldade.

Antes de sair, disse:

— Seu marido está cansado. Mais cansado do que admite. São Paulo pesa sobre homens que acham que precisam ser fortes o tempo todo.

Graciana ficou no banco até a luz mudar.

Quando voltou para casa, João estava sentado à mesa, esfregando os olhos.

Parecia exausto.

Ela notou como não vinha notando. Os ombros tensos, a barba por fazer, o silêncio antes do jantar. Ele trabalhava como médico em ambientes duros, entre a Polícia Militar e o Exército, vendo corpos quebrados, violência, urgências, jovens feridos, homens armados, famílias desesperadas.

Havia dias em que voltava para casa e demorava a conseguir falar.

Nas semanas seguintes, aconteceram os acidentes.

Dois em um mês.

Leves, oficialmente. Suficientes para não deixar marcas definitivas, graves o bastante para alterar a percepção de um homem inteligente. Um quase atropelamento depois de um plantão longo. Depois, uma colisão pequena, mas violenta no susto, quando voltava cansado demais de um atendimento. Graciana não precisou inventar o medo dele.

Apenas o deixou crescer no lugar certo.

Também vieram os episódios de violência.

João presenciou coisas que não contou completamente.

Ela sabia pela maneira como ele lavava as mãos ao chegar, mesmo quando não havia sangue nelas. Sabia pelo modo como olhava para a porta antes de dormir. Sabia por que homens que veem demais começam a economizar palavras, como se cada frase exigisse esforço físico.

Em uma das ocorrências, quase perdeu a vida.

Não por heroísmo planejado. Por estar onde estava, na hora errada, exercendo a medicina no meio de uma cidade que às vezes parecia devorar os próprios filhos. Houve gritos, arma, confusão, sangue, uma fração de segundo entre voltar para casa e virar notícia.

Naquela noite, João chegou pálido.

Sentou-se na cama sem tirar os sapatos.

Graciana ajoelhou-se diante dele e desamarrou os cadarços.

Não disse: *vamos embora*.

Não naquele momento.

Apenas cuidou.

Porque também o amava.

E era justamente isso que tornava tudo mais cruel.

Dias depois, durante o jantar, ele falou pela primeira vez.

— Não sei se quero criar filhos aqui.

Graciana levantou os olhos do prato.

O coração bateu uma vez mais forte.

Mas seu rosto não mudou.

— Aqui onde?

— São Paulo.

Ela respirou como se recebesse uma notícia incômoda.

— João...

— Eu sei. Seu trabalho, sua mãe, o apartamento, tudo.

Ela ficou em silêncio.

Ele continuou:

— Meu irmão escreveu de uma cidade gaúcha na fronteira. Dizem haver oportunidades. Cidade crescendo. Precisa de médicos. Comunidade italiana forte. Outra vida.

Graciana olhou para ele como se a ideia a ferisse.

E feria.

Não apenas por representação. São Paulo era a história que ela construía. O apartamento era real. O emprego era real. A memória de David estava ali. Esther estava ali. A faculdade, a cervejaria, Heinrich, os caminhos conhecidos, a praça onde fora ativada.

Deixar São Paulo significava rasgar uma vida verdadeira, ainda que nascida de uma missão.

— Uma cidade gaúcha? — perguntou, deixando a incredulidade aparecer.

— Sim.

— Rio Grande do Sul?

— Sim.

— Você está falando sério?

— Estou pensando.

Ela se levantou, nervosa o bastante para ser convincente, triste o bastante para ser sincera.

— Nós acabamos de comprar este apartamento. Você mesmo está arrumando tudo. Você correu atrás daquele mármore, lembra? Você disse que seria a nossa casa.

João baixou a cabeça.

— Eu sei.

— E minha mãe?

— Ela pode nos visitar.

— Visitar não é o mesmo.

— Eu sei.

— E o meu trabalho?

— Você encontra outro.

Ela riu, ferida.

— Fácil assim?

— Não disse que é fácil.

O silêncio pesou.

Graciana virou-se para a janela. Lá fora, São Paulo pulsava. Luzes, buzinas, edifícios, promessas, ameaças. A cidade que a acolhera como Graciana Zariel e a transformara em Graciana Zariel D’Alviano parecia agora ser apenas uma etapa.

Por dentro, Hannah entendeu o movimento do tabuleiro.

Mas Graciana, esposa de João, precisava resistir.

E resistiu. Durante semanas.

Discutiram. Não aos gritos, mas com aquela tristeza dos casais que se amam e percebem que o futuro tem mais de uma direção.

Ela lembrava o apartamento. Ele lembrava os acidentes. Ela falava da mãe. Ele falava dos filhos que ainda nem haviam nascido. Ela dizia que São Paulo era oportunidade. Ele respondia que oportunidade nenhuma valia uma vida criada sob medo.

Graciana precisou de ajuda.

Não da rede, não diretamente.

Ajuda da própria realidade.

E a realidade, quando quer convencer alguém, costuma ser mais eficiente que qualquer agente.

João voltou a presenciar outro episódio violento. Dessa vez, envolvendo um jovem quase da idade que um filho deles teria um dia. Chegou em casa tarde, sentou-se à mesa e chorou sem barulho.

Graciana nunca havia visto aquilo.

Foi então que compreendeu que ele já havia decidido.

Ou melhor: São Paulo decidira por ele.

Naquela noite, ela sentou-se ao seu lado e segurou sua mão.

— Você quer mesmo ir?

Ele demorou a responder.

— Quero viver, e quero que nosso filhos tenham uma chance.

A frase não deixou espaço para estratégia.

Ela o amava.

E, porque o amava, a missão se tornou ainda mais cruel: pela primeira vez, o caminho ordenado também parecia proteger algo verdadeiro.

— Eu não quero deixar São Paulo — disse ela.

A voz falhou. De verdade.

— Eu sei.

— Não quero deixar minha mãe.

— Eu sei.

— Não quero abandonar nossa casa.

João apertou sua mão.

— A gente constrói outra.

Ela pensou em David. Pensou no velho da praça. Pensou na mulher do avião. Pensou na estrela sem lado de cima nem lado de baixo.

A direção correta nem sempre parece subida. Às vezes parece queda.

Graciana fechou os olhos.

— Então eu vou com você.

João a abraçou.

Achou que ela cedia por amor.

E ela cedia mesmo.

Mas não apenas.

Algumas decisões são feitas de duas verdades que se odeiam e caminham juntas.

Poucos meses depois, começaram a preparar a mudança.

O apartamento dos sonhos ficou para trás como ficam certos sonhos: não destruído, mas interrompido. O mármore de Carrara usado, que João comprara com tanta alegria, tornou-se símbolo de uma vida que quase foi.

Graciana passou a mão sobre a pedra antes de partir e sentiu uma dor inesperada. Aquela casa havia sido real. Incompleta, mas real.

Esther chorou. Graciana também.

Dessa vez, não precisou fingir.

— É longe — disse a mãe.

— Não tanto. Era mentira.

A distância não se mede apenas em quilômetros. Mede-se pelo que muda em nós quando partimos.

João organizava papéis, contatos, promessas de trabalho. Falava com o irmão. Planejava, calculava, animava-se.

Havia nele um alívio visível, como se a possibilidade de sair de São Paulo já lhe devolvesse parte do ar.

Graciana o observava. Amava aquele homem.

E carregava, atrás desse amor, uma missão que ele não podia conhecer.

Quando finalmente partiram, São Paulo ficou para trás sob uma luz cinzenta. Graciana olhou pela janela do carro ou do ônibus, vendo a cidade dissolver-se em avenidas, fábricas, casas, terrenos, estrada. Sentiu que, mais uma vez, deixava uma vida antes que ela pudesse terminar de nascer.

Israel ficou para trás. Agora, São Paulo.

Hannah havia sido enterrada em Tel Aviv.

Graciana Zariel havia retornado ao Brasil.

Graciana Zariel D'Alviano partiu. Três mulheres no mesmo corpo, nenhuma delas completamente livre.

João falou de planos durante a viagem. Clínica, hospital, talvez filhos, uma vida menos violenta, uma cidade menor, oportunidades, família por perto.

Graciana ouviu, respondeu, sorriu quando precisava.

Parte dela queria tudo aquilo. Parte dela já observava a geografia, a proximidade com fronteiras, as comunidades, os sobrenomes, as rotas possíveis.

Uma cidade gaúcha na borda do mapa surgia adiante não apenas como cidade. Era uma porta.

E, atrás dela, em algum lugar ao sul, a Argentina esperava com seus nomes enterrados, seus homens respeitáveis, suas mesas familiares e seus fantasmas europeus.

Graciana encostou a cabeça no vidro.

Lembrou-se da velha no avião.

Construa a história antes de começar a caçada.

Ela havia construído. Faculdade. Emprego. Casamento. Sobrenome. Apartamento. Dor. Amor.

Agora a história se movia.

E a caçada, sem alarde, começava a respirar.



A Borda do Mapa

Era uma boa cidade para se viver, mas não era São Paulo e ela percebeu isso antes mesmo de terminar a mudança.

Havia na cidade uma espécie de abertura que a capital não permitia. O céu parecia maior, as ruas pareciam menos apressadas, as pessoas ainda sabiam o nome umas das outras, e as notícias corriam por caminhos mais antigos: uma conversa no mercado, um comentário na farmácia, uma porta entreaberta, uma mesa de café.

Para João, aquilo era promessa.

Para Graciana, era mapa.

Ele chegou como médico e logo se tornou indispensável.

Em pouco tempo, era conhecido como o único especialista da cidade. Isso lhe dava respeito, trabalho, dinheiro e uma presença social que se espalhava sem esforço.

Ele trabalhava demais. Mas trabalhava feliz.

Havia nele uma energia diferente daquela que São Paulo havia começado a roubar.

João não parecia mais um homem sendo gasto pela cidade, mas um homem construindo algo dentro dela.

Saía cedo, voltava tarde, às vezes exausto, mas com os olhos mais vivos. Era querido. Respeitado. Necessário.

Graciana observava tudo.

Amava vê-lo assim.

E, ao mesmo tempo, compreendia o que aquela nova posição significava. A casa do médico abria portas. O sobrenome D'Alviano circulava. Jantares surgiam. Convites apareciam. Famílias italianas, descendentes de alemães, comerciantes, políticos locais, viajantes, fazendeiros, homens de passagem entre Rio Grande do Sul, Paraguai, Argentina.

Tudo aquilo, para uma esposa comum, seria vida social.

Para Graciana, era também terreno.

Mas, antes da missão, vieram os filhos.

Primeiro, Lucas D'Alviano.

Quando o colocou nos braços pela primeira vez, ela sentiu uma coisa para a qual nenhum treinamento a havia preparado. Era pequeno, quente, indefeso e, ao mesmo tempo, parecia carregar dentro de si uma autoridade absoluta.

Aquele menino não sabia nada de Israel, nem de kibutz, nem de passaportes falsos, nem de nomes enterrados. Não sabia que a mãe que o embalava havia sido Hannah, Graciana Zariel e depois Graciana Zariel D'Alviano. Para ele, ela era apenas mãe.

E essa palavra quase a redimiu.

Quase.

No ano seguinte veio Sofia. Uma menina.

Graciana olhou para a filha e sentiu uma alegria atravessada por medo. Filhos tornam o mundo maior, mas também mais vulnerável. Antes deles, ela acreditava saber o que significava ter algo a perder. Depois, compreendeu que estava enganada. Um país pode ser amado com heroísmo. Um marido, com entrega. Mas um filho nos torna reféns do futuro.

Agora ela tinha dois. Lucas e Sofia.

A casa cresceu em vozes, brinquedos, roupas pequenas, mamadeiras, choros noturnos, risos inesperados, febres, correria, sustos, ternura.

Graciana era mãe, esposa, mulher de médico, profissional, dona de casa e sombra de uma guerra que ninguém ao redor podia ver.

Precisava de ajuda.

Duas babás e uma cozinheira.

João podia bancar.

Não por ostentação, mas porque a vida deles havia alcançado um patamar impensável anos antes. Ele trabalhava muito, ganhava bem, era reconhecido. Graciana também não era mulher de ficar parada.

Passou a trabalhar como fisioterapeuta, auxiliando o marido, acompanhando pacientes, orientando recuperações, aprendendo o corpo ferido por outro caminho. Se antes conhecera o corpo como alvo, resistência, disfarce e ameaça, agora o conhecia como recuperação.

Havia beleza nisso.

Um braço que voltava a se mover. Uma perna que reaprendia o apoio. Um trabalhador que retornava ao ofício.

Às vezes, enquanto ajudava um paciente a vencer a dor, Graciana pensava que talvez aquela fosse a vida verdadeira.

Talvez todo o resto tivesse sido apenas o caminho escuro necessário para chegar ali. O marido, os filhos, o trabalho, a casa, a cidade, o respeito, a rotina. Talvez a velha do avião estivesse certa: uma vida bem construída podia esconder uma guerra inteira.

Mas também podia seduzir quem a construía.

A cidade tornou-se boa para eles. Boa demais.

A casa funcionava. João prosperava. As crianças cresciam. Lucas, esperto e inquieto, perguntava mais do que a mãe estava disposta a responder. Sofia, ainda pequena, trazia no olhar uma doçura que desarmava até os silêncios mais duros de Graciana.

À noite, quando todos dormiam, ela às vezes caminhava pela casa apenas para verificar se estavam ali.

João achava que era preocupação de mãe. Era.

Mas era também treinamento antigo.

Portas. Janelas. Ruídos. Distâncias. Respiração das crianças. O som da casa quando tudo estava normal.

Porque o normal, Graciana sabia, tinha um som.

E o perigo também.

Lucas tinha quatro anos. Foi nesse ano que viajaram de férias para a Argentina.

Duas semanas.

Para João e as crianças, foram mágicas.

Viajaram de carro. A estrada parecia parte da aventura. Lucas perguntava quanto faltava antes mesmo de terem percorrido o suficiente para faltar alguma coisa.

Sofia dormia, acordava, pedia colo, ria de coisas que só as crianças entendem. João dirigia com entusiasmo, falando das paisagens, das cidades, dos planos. Graciana levava alimentos, roupas, remédios, brinquedos, documentos e uma calma cuidadosamente organizada.

Para a família, eram férias.

Para ela, era também aproximação.

A Argentina se apresentava bela, ampla, melancólica. Havia cafés, praças, edifícios antigos, ruas onde o espanhol parecia dançar entre dureza e música.

João estava feliz. As crianças estavam encantadas. Graciana permitiu-se, em alguns momentos, entrar naquela felicidade como se não houvesse outro motivo para a viagem.

Andavam juntos. Comiam fora. Tiravam fotografias. Compravam pequenas lembranças. João ria ao ver Lucas maravilhado com coisas mínimas. Sofia se agarrava à mãe quando algum desconhecido falava alto demais. À noite, no quarto do hotel, todos dormiam exaustos.

Graciana demorava mais.

A missão respirava no escuro.

Numa tarde, ela encontrou o idoso no café.

Não foi por acaso.

O homem estava sentado sozinho, com um jornal aberto e uma xícara quase intacta diante de si.

Tinha a aparência respeitável dos velhos que aprenderam a envelhecer dentro de uma versão conveniente da própria história. Cabelos brancos, roupa bem cortada, mãos cuidadas.

Um homem que poderia ser avô de qualquer criança naquela praça. Um homem que poderia ter vivido uma vida inteira sem que ninguém perguntasse o suficiente sobre a primeira metade dela.

Graciana o reconheceu pelo que ele evitava.

Não pelo rosto.

Pelo modo como olhava para certas pessoas. Pelo desconforto quase invisível diante de uma palavra em alemão pronunciada por outro cliente. Pelo gesto rápido ao fechar o jornal quando dois homens conversaram sobre política europeia. Pela atenção excessiva ao ambiente.

Velhos culpados raramente descansam por completo.

Ela se aproximou com naturalidade.

Não como caçadora, mas sim como uma mulher que ainda tinha seu charme.

Não apenas a beleza, que o tempo, a maternidade e a vida doméstica haviam transformado em algo mais discreto, mais denso.

Seu charme era a escuta, o sorriso exato, a vulnerabilidade medida, a capacidade de parecer interessada sem parecer ansiosa.

Sabia fazer um homem idoso sentir-se novamente importante. Sabia oferecer admiração como quem oferece uma taça.

Ele resistiu pouco.

Talvez porque fosse vaidoso. Talvez porque estivesse só.

Talvez porque, durante muitos anos, tivesse sido temido e agora quisesse ser ouvido.

Talvez porque homens acostumados a esconder monstros dentro de si às vezes desejem, no fim da vida, uma testemunha.

Conversaram sobre assuntos comuns.

Viagem. Brasil. Filhos. A dificuldade das estradas. O clima. A Europa antiga. A Argentina. O português dela. O sotaque dele.

Graciana deixou que ele a conduzisse.

Depois conduziu sem ele perceber.

Em certo momento, ele já lhe falava como quem se confessa sem usar a palavra confissão. Falava de pessoas que haviam chegado depois da guerra, de nomes trocados, de documentos que precisaram ser “corrigidos”, de famílias que começaram longe demais para serem alcançadas.

Não dizia tudo. Não era tolo. Mas dizia o bastante para mostrar que guardava mais do que memórias.

Graciana sorriu no momento certo.

Baixou os olhos no momento certo.

E ele a convidou.

A casa dele ficava numa rua tranquila.

Ela foi. Não por imprudência.

Porque aquele era o ponto ao qual anos de construção a haviam conduzido. A mulher do avião falara: primeiro a história, depois a caçada.

Graciana agora era esposa de médico, mãe de dois filhos, mulher respeitável em férias com a família. Ninguém olharia para ela e veria Hannah. Ninguém olharia para ela e veria Israel.

Essa era sua força.

Na casa do velho, havia móveis pesados, fotografias antigas, livros em línguas diferentes e uma ordem excessiva.

A ordem de quem precisa controlar o mundo externo, porque o interno há muito apodreceu. Ele ofereceu bebida. Ela aceitou pouco. Caminhou pela sala como quem aprecia a decoração. Observou portas, gavetas, corredores, objetos deslocados. Nenhum gesto dela parecia busca.

Mas tudo era busca.

A lista estava escondida onde alguém como ele esconderia algo que não conseguia destruir.

Não direi como ela a encontrou. O romance não precisa disso. Basta saber que encontrou.



Nomes. Sobrenomes antigos e novos. Lugares. Apelidos. Rotas.

Indicações de famílias que haviam acolhido fugitivos, homens que haviam trocado uniformes por comércio, crimes por fazendas, passado por respeitabilidade. Havia endereços na Argentina, contatos no sul do Brasil, referências cruzadas, marcas pessoais que só fariam sentido a alguém preparado para lê-las.

O papel daquele velho era claro.

Ele escondia os amigos.

Dava a eles novas vidas.

Não por piedade. Não, por misericórdia. Por fidelidade a uma rede de sombras que jamais aceitaria morrer. A guerra havia acabado para o mundo, mas não para eles. Para eles, apenas mudara de roupa.

Graciana sentiu o velho se aproximar atrás dela antes que ele falasse.

Por um instante, a sala ficou silenciosa demais.

Ele compreendera, talvez não tudo, mas o suficiente e tarde demais.

Graciana voltou para o hotel antes do jantar.

João estava com as crianças.

Lucas brincava com alguma coisa comprada na rua, e Sofia ria no colo do pai. A cena era tão luminosa que, por um segundo, Graciana teve vontade de voltar pela porta, sair da Argentina, voltar no tempo, impedir a tarde inteira.

Mas entrou.

— Demorou — disse João .

— Me perdi um pouco — respondeu ela.

Era verdade.

Naquela noite, quando todos dormiram, Graciana ficou acordada olhando os filhos.

Lucas respirava com a boca entreaberta. Sofia segurava um pedaço de pano como se fosse proteção contra o mundo.

João dormia pesado, cansado, confiante.

Graciana pensou no velho. Nos nomes. Nos homens que desapareceriam nos meses seguintes.

Pensou nas famílias desses homens, nos filhos, nos netos, nas casas respeitáveis. Pensou também nos mortos que nunca puderam envelhecer, nos nomes apagados pela guerra, nos corpos que não tiveram casa, nem velhice, nem netos.

Não havia inocência possível.

Nos meses seguintes, os amigos do velho desapareceram.

Um mudou-se às pressas. Outro teve os documentos questionados. Um terceiro deixou de ser encontrado.

Alguns foram capturados por mãos que Graciana nunca viu.

Outros talvez tenham fugido para buracos ainda mais fundos.

Ela não perguntava além do necessário. Numa rede como aquela, saber demais podia ser tão perigoso quanto saber de menos.

Em dois anos, cumpriu dezoito missões.

O número não parecia real quando ela o pensava à luz da manhã, preparando café para as crianças, separando roupas, combinando horários com as babás, atendendo pacientes, sorrindo ao lado de João. Mas à noite o número se sentava na beira da cama.

Dezoito missões.

Algumas pequenas. Outras decisivas. Algumas apenas de observação. Outras...

Ela não se orgulhava. Também não se arrependia de modo simples.

Cada missão cobrava um preço diferente. Uma lhe tirava o sono. Outra a deixava mais calada. Outra a fazia abraçar os filhos com força excessiva. Outra a levava a ser áspera com João sem motivo aparente.

Havia noites em que ele perguntava:

— Você está bem?

E ela respondia:

— Cansaço.

Ele acreditava.

Porque a amava.

E a vida construída por Graciana era boa o bastante para esconder a guerra que Hannah ainda travava.

Mas nenhuma cobertura é eterna.

Na última missão, algo saiu errado. Ela foi seguida.

A princípio, percebeu apenas uma repetição. Um rosto em lugar inadequado. Um carro visto duas vezes. Uma pausa longa demais diante de uma vitrine. Um silêncio novo numa rua conhecida. Para qualquer outra pessoa, nada. Para Graciana, tudo.

O medo não veio como pânico.

Veio como clareza.

A ameaça a seguia até a cidade.

Até perto de casa.

Perto demais dos filhos.

Essa era a linha que ela não permitira a ninguém atravessar.

Enquanto a guerra era dela, podia pagar. Enquanto envolvia nomes, velhos culpados, fronteiras, contatos e sombras, ela suportava. Mas Lucas e Sofia não pertenciam àquele mundo. João tampouco. Eles eram a parte da vida que ainda precisava ser protegida da verdade.

Todos estavam em risco.

E, mais uma vez, ela fez o marido se mudar.

Mas agora foi diferente.

Não havia velho na praça. Não havia frase de código.

Não havia ativação poética, nem estrela, nem metáfora.

Havia apenas a urgência fria de uma mãe que sabia que a casa havia sido vista por olhos errados.

Graciana não disse a João: Precisamos fugir.

Disse outra coisa.

Disse o que poderia ser dito.

Que a cidade estava crescendo demais. Que ele trabalhava muito. Que as crianças precisavam de outro ritmo. Que talvez fosse a hora de pensar em um lugar menor, mais tranquilo, longe de certas pressões.

Deixou que as preocupações dele amadurecessem.

Lembrou episódios de cansaço. Falou de qualidade de vida. Falou do mar, como se o mar fosse idéia de descanso, não de rota.

João, com o tempo, colocou na cabeça que queria criar os filhos em um lugar ainda menor.

Uma pequena cidade do litoral gaúcho.

Graciana resistiu. Precisava resistir.

A resistência dela dava verdade à decisão dele. Se concordasse rápido demais, João desconfiaria ou, pior, sentiria que a mudança não era sua. Então ela lamentou os pacientes, a casa, a vida que haviam construído, os vínculos, as crianças já acostumadas, a rotina, o trabalho ao lado dele.

Tudo isso era real.

De novo, a missão utilizava uma dor verdadeira.

— Você quer mesmo ir para o litoral? — perguntou ela certa noite.

João olhou pela janela.

— Quero que nossos filhos cresçam em paz.

Graciana sentiu a frase atravessar o peito.

Paz. Que palavra estranha.

Que palavra perigosa.

Ela havia passado a vida defendendo lugares que jamais podiam prometer paz. Israel. O kibutz. A Missão.

Agora João falava de paz como se ela fosse uma cidade pequena, uma praia, uma rua calma, crianças crescendo perto do mar.

Talvez fosse. Talvez não.

Mas precisava permitir que ele acreditasse.

— Então vamos — disse ela.





O Litoral Gaúcho

Mudaram-se para uma pequena cidade do litoral.

A partida foi menos dolorosa que a de São Paulo e, por isso mesmo, mais triste. Em São Paulo, ela havia deixado uma vida interrompida. Daí nasceram seus filhos. Ali, João se tornou indispensável. Ali Graciana trabalhou, amou, mentiu, caçou, protegeu, enterrou partes de si. Ali a guerra invisível chegou perto demais da porta.

Lucas, ainda pequeno, talvez tenha entendido apenas que haveria uma nova casa.

Sofia, menor, seguiu o movimento da família como as crianças seguem as grandes decisões dos adultos: sem compreender, mas sentindo o tremor.

João falava do futuro.

Do mar. De uma vida mais simples. De criar os filhos longe da violência. De trabalhar com outro ritmo. De recomeçar.

Graciana ouvia.

E, dentro dela as três mulheres caminhavam juntas.

Hannah, que jamais deixara Israel. Graciana Zariel, que voltara ao Brasil para desaparecer. Graciana Zariel D’Alviano, esposa e mãe, levando os filhos para o litoral como quem salva uma família e, ao mesmo tempo, obedece a uma guerra que nunca terminava.

Quando chegaram ao litoral gaúcho, o mar estava diante deles.

Não o deserto. Não as vinhas. Não as ruas de São Paulo.

O mar. Grande, indiferente, antigo.

Graciana olhou para a água e sentiu uma coisa que não esperava: medo.

O deserto escondia caminhos. A cidade escondia homens. A fronteira escondia inimigos. Mas o mar escondia tudo.

João segurou a mão dela.

— Vai ser bom aqui — disse.

Ela olhou para os filhos.

Lucas apontava alguma coisa na praia. Sofia ria.

Graciana apertou a mão do marido.

— Vai — respondeu.

E talvez, naquele instante, quisesse acreditar nisso mais do que em qualquer missão.

Mas, no fundo, sabia: algumas guerras não terminam quando mudamos de cidade. Apenas aprendem a falar mais baixo.

A pequena cidade do litoral recebeu Graciana com o mar aberto diante da casa e uma estranha sensação de fim.

Para João, era recomeço.

Para os filhos, uma mudança de paisagem.

Para ela, era exílio.

Não o exílio dos mapas, dos passaportes ou das fronteiras oficiais. Esse ela já conhecia. Era outro, mais silencioso.

O exílio de quem continua viva depois que sua verdadeira guerra termina, sem anúncio, sem medalha, sem despedida.

O exílio de quem passa a habitar uma vida simples e boa, mas traz dentro de si compartimentos fechados, nomes enterrados, ruas estrangeiras, cafés antigos, olhos de homens mortos, frases em código que jamais deveriam ser ditas em voz alta.

As missões acabaram.

Ou assim lhe disseram.

Ou assim ela decidiu acreditar.

Depois da perseguição que chegara perto demais dos filhos, algo dentro dela se recusou a continuar. Havia servido. Havia obedecido. Havia mentido, esperado, amado, caçado, informado, desaparecido dentro de muitas mulheres. Havia entregado a Israel mais do que juventude.

Entregara a própria alma, ou ao menos a parte dela que ainda podia atravessar uma noite sem tremer.

Agora queria descanso.

Tinha direito a ele e pouco a pouco, Graciana se acomodou.

Virou mãe. Virou dona de casa.

Essas palavras, que para alguns poderiam soar pequenas, tinham para ela a grandeza de uma terra prometida.

Preparar uma refeição, escolher roupa para as crianças, acompanhar tarefas, organizar armários, cuidar da casa, esperar João voltar da clínica, saber que Lucas e Sofia dormiam no quarto ao lado, tudo isso era uma espécie de milagre doméstico.

Milagre sem hino.

Milagre de lençóis limpos, pão sobre a mesa e portas trancadas por dentro.

João abriu uma clínica.

Era o único médico da cidade, ou quase isso, o único em quem todos pensavam quando a dor aparecia e não havia tempo para escolher. A cidade era menor, mais lenta, mais próxima do mar e das conversas longas. A clínica logo se tornou referência.

Gente batia à porta em horários improváveis.

Crianças com febre, pescadores feridos, mulheres preocupadas, velhos com dores antigas, acidentes de estrada, quedas, partos iminentes, sustos de madrugada.

João continuou sendo necessário.

Graciana sabia que essa era a forma dele de existir.

Ela o ajudava quando podia, administrava a casa, protegia os filhos, organizava o invisível. Nunca gostara de aparecer demais. Em uma pequena cidade, isso se acentuou.

Não entrava profundamente na sociedade da cidade.

Cumprimentava, sorria, conversava o suficiente, mas não se entregava. Era caseira. Gostava de coisas simples.

Gostava da casa, dos filhos, do marido, das pequenas rotinas que pareciam sem importância, justamente porque eram livres do terror.

Nunca esbanjava. Mesmo quando podiam.

Talvez por prudência antiga. Talvez por memória.

Talvez porque quem viveu muitas vidas saiba que tudo pode ser tirado de um dia para o outro.

Não se deve provocar o destino com excesso de brilho.

Uma casa confortável, sim. Uma viagem, sim. Uma roupa bonita, sim. Mas sem ostentação. Sem chamar atenção. Sem fazer da própria felicidade uma vitrine.

Nos fins de semana, às vezes passeavam por cidades de colonização alemã ou italiana.

Pequenas localidades onde sobrenomes europeus sobreviviam nas fachadas, nas festas, nos cafés, nas igrejas, nas receitas, nos sotaques envelhecidos.

Para João e as crianças, eram passeios. Para Graciana também eram, em parte. Gostava das ruas limpas, das casas, das comidas, da música, das lojas pequenas, das conversas sem pressa.

Mas sondava. Não como antes. Apenas por hábito.

Velhos hábitos, afinal, nunca morrem completamente.

Ela percebia nomes, sotaques, reações, pequenas hesitações quando alguém falava da guerra.

Observava homens idosos sentados em mesas de café, mulheres que interrompiam uma frase ao perceber que alguém se aproximava, famílias que guardavam fotografias antigas com cuidado excessivo.

Às vezes não havia nada. Quase sempre não havia nada.

Mas o olhar dela ainda procurava.

Enquanto isso, os filhos cresciam.

Lucas crescia inquieto, observador, carregando nos olhos algo que Graciana reconhecia e temia: a necessidade de entender o que havia por trás das coisas. Sofia crescia com outra luz, mais suave talvez, mas não menos intensa.

A casa era atravessada por vozes infantis, brigas de irmãos, risos, portas batendo, cadernos, brinquedos, roupas molhadas de praia, areia entrando onde não devia.

A vida era boa.

Boa de verdade.

E talvez fosse isso que a tornava, às vezes, quase insuportável.

Porque uma vida boa pede inocência. Pede que a pessoa acredite no dia seguinte. Pede que a mãe olhe os filhos brincando na praia e pense apenas que estão brincando, não que estão expostos ao mundo. Pede que uma esposa espere o marido sem medir mentalmente as rotas da casa, as janelas, os ruídos, os passos na calçada.

Graciana tentava.

Às vezes conseguia.

Gostavam de viajar.

Foram à Europa muitas vezes. E ali, longe de tudo, ela parecia respirar de outro modo. Paris, sobretudo, a encantava.

Havia na cidade uma doçura que não era ingênua, uma elegância construída sobre ruínas, guerras, arte, vaidade, cafés, livrarias, pontes, museus e mulheres que pareciam atravessar as ruas como se conhecessem algum segredo sobre o tempo.

Graciana adorava Paris.

Talvez porque Paris lhe permitisse ser apenas uma mulher olhando vitrines. Ou quase.



Com os filhos, podia entrar em restaurantes, comprar roupas, caminhar sem pressa, observar quadros, experimentar doces, rir de pequenas confusões, viver por algumas semanas com um padrão diferente.

Lá, a família se permitia um pouco mais. Compras, jantares, roupas melhores, hotéis, passeios.

Na Europa, eles podiam parecer o que talvez fossem: uma família que vencera.

Mas, ao voltar para o litoral gaúcho, tudo mudava.

A discrição voltava como uma roupa de casa. Nada de excessos. Nada de comentários. Nada de se colocar acima dos outros.

Graciana sabia trocar de mundo com a naturalidade de quem, no fundo, passara a vida trocando de identidade.

Em Paris, podia ser elegante; no Rio Grande, era simples, objetiva.

Em casa, mãe. Ao lado de João , esposa.

Dentro de si, uma sentinela aposentada que nunca dormia completamente.

Nunca mais utilizou uma arma.

Tudo ficou para trás, ao menos na superfície da vida.

As mãos que haviam segurado armas agora seguravam xícaras, roupas de filhos, malas de viagem.

E, de algum modo, havia nisso uma redenção. Não completa. Redenção completa talvez seja coisa de santos, e Graciana nunca se viu como santa. Mas havia descanso.

Ela tinha esse direito. Havia dado sua alma por Israel.

Agora era tempo de repousar dentro do que sobrara dela.

Mas o repouso, quando finalmente chega, nem sempre sabe o que fazer com uma mulher acostumada à vigília.

A paz também exige aprendizado. Há pessoas que descansam como quem volta para casa. Graciana descansava como quem permanece próxima da porta, atenta ao menor ruído no corredor.

O litoral gaúcho parecia feita para ensinar esse tipo de lentidão.

Havia manhãs de vento úmido, fachadas descascadas pela maresia, ruas largas demais no inverno e estreitas demais no verão, cachorros deitados à sombra, crianças queimadas de sol, homens sentados diante de bares que sabiam de tudo antes mesmo que os fatos acontecessem.

Fora da temporada, o litoral parecia recolher os ombros e as casas ficavam fechadas, as placas batiam ao vento, a areia avançava sobre as calçadas, e o mar continuava ali, indiferente às economias humanas.

No verão, tudo mudava. A cidade se transformava.

Chegavam famílias de Porto Alegre, de Caxias, de Santa Maria; vinham de todo o interior, da Argentina e do Paraguai.

Vinham em carros carregados além da prudência, com malas amarradas, crianças dormindo tortas no banco de trás, mães distribuindo sanduíches embrulhados em papel-alumínio, pais fingindo paciência, avós trazendo remédios, guarda-sóis, cadeiras, panelas, lençóis e aquela esperança quase infantil de que quinze dias perto do mar poderiam consertar um ano inteiro.

Graciana observava esse movimento com atenção.

Não era apenas turismo. Era teatro.

As pessoas chegavam ao litoral dispostas a representar uma versão mais leve de si mesmas. Queriam comer fora, caminhar à noite, comprar roupas claras, tomar sorvete depois do jantar, deixar as crianças soltas na areia, fingir que o tempo tinha menos peso. Mesmo quem vinha preocupado com dinheiro se permitia uma pequena imprudência. O verão autorizava certas fantasias.

João percebeu isso antes dela.

Ou, ao menos, gostava de acreditar que sim.

Naqueles anos, ele já vinha se afastando da medicina.

Primeiro diminuía os atendimentos. Depois passara a reclamar da clínica, dos pacientes, das urgências, das histórias repetidas, da obrigação de estar sempre disponível para a dor alheia. Dizia estar cansado. Dizia querer respirar. Dizia que um homem tinha o direito de mudar de vida antes de envelhecer dentro da mesma sala, atrás da mesma mesa, ouvindo os mesmos sintomas com palavras diferentes.

Graciana escutava.

Nem sempre respondia.

Conhecia bem os homens para saber que, quando começam a chamar fuga de liberdade, é inútil discutir no primeiro instante. É preciso esperar que a própria ideia se denuncie. Ou que cresça tanto que já não haja como fingir que não existe.

A ideia veio numa dessas conversas de fim de tarde, talvez depois de uma caminhada, talvez diante de uma garrafa aberta, talvez enquanto o vento batia nas janelas e a cidade começava a se preparar para mais uma temporada.

João falou em carros.

Não carros novos, naturalmente. Não tinham dinheiro para isso, nem seria esse o espírito do negócio. Falou em carros diferentes. Carros com personalidade. Um bugue para os turistas. Um conversível antigo. Um jipe. Algum modelo velho, bonito o bastante para chamar atenção na avenida. Coisas assim. Não se tratava, segundo ele, de oferecer transporte. Ninguém precisava de verdade alugar carro numa cidade onde quase tudo podia ser feito a pé, de bicicleta ou com alguma carona improvisada.

Tratava-se de oferecer brincadeira.

Uma fantasia sobre rodas.

O turista não alugaria um carro porque precisava ir ao mercado. Alugaria porque queria ir ao mercado de outro modo. Ir ao hotel de outro modo. Chegar à praia de outro modo. Desfilar um pouco. Rir um pouco. Sentir o vento no rosto. Fazer as crianças gritarem no banco de trás. Viver por alguns dias como se a vida pudesse ser trocada na garagem, da mesma forma que se troca uma camisa antes do jantar.

Graciana compreendeu a lógica.

Isso não significava que gostasse dela.

O dinheiro viria da venda do apartamento de São Paulo.

Aí estava a ferida.

Porque o apartamento de São Paulo não era apenas um imóvel. Era uma espécie de prova material de que algo havia existido antes daquela vida de areia, vento e discrição.

Era parede, endereço, memória, segurança.

Era uma cidade perdida, mas ainda possível de ser nomeada.

Transformá-lo em carros velhos parecia uma perda vulgar e ruidosa, quase ofensiva.



Ela não dizia tudo isso. Graciana raramente dizia tudo.

Mas deixava transparecer.

Diante de um motor falhando, comentava que ali estava mais um pedaço da sala de São Paulo. Ao ver a capota rasgada, lembrava que talvez fosse a janela do quarto.

Quando João chegava animado com alguma oportunidade imperdível, um carro antigo que “só precisava de uns ajustes”, ela olhava para ele com aquela expressão que não gritava, mas encerrava uma acusação inteira.

O apartamento ia se desfazendo em lataria.

Em pneus. Em bancos gastos. Em documentos de transferência. Em oficinas. Em peças que demoravam a chegar. Em óleo no chão. Em promessas de lucro futuro.

João, por sua vez, parecia rejuvenescido.

Falava dos carros como quem fala de uma descoberta.

Passava horas examinando motores, negociando consertos, ouvindo mecânicos, aprendendo nomes de peças, decorando ruídos.

A medicina, que um dia lhe dera prestígio, começava a ficar para trás como uma roupa formal demais para o clima da cidade.

Ele dizia que havia escolhido. Repetia isso com certa ênfase, talvez para os outros, talvez para si mesmo.

Escolhera parar de clinicar. Escolhera mudar. Escolhera viver de outro jeito. Talvez fosse verdade.

Talvez fosse apenas a forma mais digna que encontrara para narrar a própria desistência.

Com o tempo, deixou de ser médico para ser o homem dos carros. Não oficialmente, não de uma vez, não sem resistência dos que ainda o chamavam de doutor na rua.

Mas a cidade tem um modo cruel e rápido de renomear as pessoas.

O doutor passou a ser procurado menos para medir pressão e mais para resolver uma pane, avaliar uma compra, indicar um mecânico, arrumar um carburador, explicar por que o bugue engasgava depois de dois dias de areia.

Ele gostava daquilo.

Havia nos motores uma sinceridade que talvez os corpos humanos não tivessem. Um carro não fingia estar bem. Não inventava pudor. Não escondia culpa. Quebrava. Vazava. Batia. Rangia. Morria. E, se houvesse peça, paciência e algum conhecimento, voltava a funcionar.

João especializou-se.

Primeiro, por necessidade. Depois, por orgulho. Por fim, por identidade.

A pequena locadora nasceu assim: não como sonho de Graciana, mas como aposta dele. Uma aposta feita com o dinheiro de uma vida anterior e sustentada, em boa parte, pela competência silenciosa dela. Porque, mesmo quando a ideia não lhe pertencia, Graciana era incapaz de fazer qualquer coisa pela metade.

Se havia contratos, ela os organizava. Se havia turistas, ela atendia. Se havia reclamações, ela resolvia. Se havia dinheiro entrando, ela contava. Se havia prejuízo, ela sabia antes de João admitir.

E assim o negócio foi tomando forma, entre o entusiasmo dele e a vigilância dela.

Dois ou três carros no começo. Depois, mais um. Depois, outro. Um bugue colorido que fazia sucesso com adolescentes e pais irresponsavelmente felizes. Um conversível velho que passava metade do tempo encantando turistas e a outra metade esperando conserto.

Um jipe que parecia indestrutível, até provar o contrário.

Um carro antigo, bonito e incômodo, alugado por gente que confundia nostalgia com conforto.

No verão, os carros saíam. No inverno, adoeciam.

A maresia atacava tudo. A areia entrava em lugares impossíveis. As capotas mofavam. As baterias descarregavam. Os turistas devolviam os veículos com riscos, cheiro de cigarro, restos de comida, brinquedos esquecidos, às vezes com pequenas histórias que ninguém contava por inteiro.

Cada carro voltava com uma marca da temporada, como se também ele tivesse vivido seus excessos.

Graciana via tudo.

E, apesar da dor, aprendeu a perceber certa beleza naquela estranha engrenagem.

Os carros levavam pessoas a pequenas alegrias. Casais tiravam fotografias. Crianças lembrariam por anos do dia em que andaram num bugue perto do mar. Homens adultos, endurecidos pelo trabalho, riam como meninos ao dirigir um conversível velho pela avenida. Mulheres escolhiam o carro pela cor, pelo capricho, pela cena que imaginavam para si mesmas. Havia algo de ridículo e tocante nisso.

Talvez a vida fosse mesmo assim.

A gente vendia um apartamento.

Comprava carros velhos.

Perdia uma casa.

Ganhava movimento.

E tentava chamar isso de escolha.

Graciana não gostava de admitir, mas compreendia o mecanismo íntimo daquela fantasia. Também ela passara a vida trocando de nome, de cidade, de rosto, de destino. Os turistas alugavam por alguns dias uma versão de si mesmos. Ela havia feito isso durante anos, só que sem férias, sem risos, sem devolução prevista.

A diferença é que eles assinavam um contrato.

Ela assinara com a própria alma.

Perto da locadora, algum tempo depois, Graciana abriu uma livraria.

Esse, sim, era um sonho dela.

Não uma livraria grande, severa, cheia de obras que intimidavam mais do que convidavam. Queria uma livraria de romances. Romances de amor, de guerra, de perda, de reencontro, de mulheres que esperavam cartas, de homens que voltavam tarde demais, de famílias atravessadas por segredos, de promessas impossíveis, de paixões que sobreviviam ao tempo ou morriam justamente por não saber sobreviver.

Ela os adorava.

Talvez porque os romances mentissem de um modo mais honesto que a vida.

Não vendia muito.

Graciana sabia disso desde o começo.



Uma livraria de romances numa cidade de litoral vivia mais de desejo do que de contabilidade. No verão, algumas turistas entravam depois da praia, ainda com areia nos pés, procurando algo para ler no hotel, na varanda, sob o guarda-sol, entre uma soneca e outra. No inverno, apareciam poucas mulheres, alguns curiosos, uma menina ou outra atraída pelas capas. Havia dias em que o sino da porta tocava tão pouco que o silêncio parecia também uma mercadoria.

Mas ela não se importava completamente.

A livraria era sua.

Era uma infância tardia, finalmente autorizada a existir.

Um lugar onde histórias ficavam à vista, sem senha, sem disfarce, sem missão.

Depois de tantos nomes secretos, tantas informações murmuradas, tantos papéis que não podiam ser guardados, havia algo quase milagroso em organizar livros numa prateleira e permitir que qualquer pessoa os abrisse.

Chamou a livraria de *A Pequena Sereia*. O nome parecia doce demais para ela. Por isso mesmo servia.

O nome parecia perfeito para uma cidade de praia. Tinha mar, infância, encanto, uma promessa de doçura para turistas distraídos e meninas que ainda acreditavam em histórias. Mas havia nele uma tristeza que talvez só Graciana reconhecesse.

A Pequena Sereia também pertencera a dois mundos.

Também abandonara uma origem profunda, quase impossível de explicar aos que viviam na superfície.

Também atravessara uma fronteira sem garantia de retorno. Também perdera a voz para poder continuar entre os outros.

E talvez fosse isso que mais a tocasse, ainda que ela nunca dissesse: aquela criatura silenciosa, transformada pelo desejo e pelo sacrifício, carregando dentro de si um reino inteiro que ninguém ao redor podia ver.

Talvez Graciana nunca tenha explicado isso.

Talvez dissesse apenas que gostava do nome. Que combinava com o mar. Que era bonito para uma livraria no litoral.

Mas os nomes, às vezes, revelam mais do que as confissões.

E assim, entre carros alugados e romances pouco vendidos, entre a oficina de João e as prateleiras de Graciana, a vida foi encontrando uma forma possível.

Não a forma sonhada.

Não a forma justa.

Apenas possível.



O que permanece

Com o tempo, Graciana esqueceu, ou pareceu esquecer.

Há esquecimentos que não são ausência de memória, mas uma forma piedosa de sobrevivência.

O passado não desaparece: apenas afunda.

Como objetos soterrados lentamente pela areia, continua existindo em alguma camada profunda, onde ninguém pisa sem cuidado.

Assim foi com ela. Israel, o kibutz, as vinhas, o deserto, os nomes antigos, as missões, os mortos e os juramentos foram sendo cobertos pelos anos, pelos almoços de domingo, pelas roupas lavadas, pelas contas pagas, pelos aniversários das crianças, pelas malas feitas às pressas, pelos verões repetidos, pelos pequenos problemas de uma vida que, justamente por ser comum, ainda era uma espécie de milagre.

Graciana tornou-se, acima de tudo, mãe.

Mãe de Lucas. Mãe de Sofia.

Viu os filhos crescerem, estudarem, escolherem caminhos, formarem-se, amarem, casarem, errarem, voltarem, partirem outra vez. Assistiu ao nascimento de suas vidas adultas com aquela mistura de orgulho e perda que só as mães compreendem. Cada filho que se ergue é também uma despedida. Cada conquista deles confirmava que ela havia cumprido uma parte de sua missão mais silenciosa: entregar ao mundo pessoas capazes de caminhar sem a sua mão.

Lucas ficou mais próximo, talvez por temperamento, talvez por destino, talvez porque entre ele e a mãe houvesse uma espécie de fio antigo, feito de confidências, de intuições, de silêncios compartilhados.

Foi ele quem permaneceu mais próximo dos negócios da família, quem aprendeu a reconhecer o peso das decisões, quem entendeu que um patrimônio não é feito apenas de bens, mas de renúncias, de noites mal dormidas, de contas difíceis, de orgulho ferido e de uma obstinação quase invisível.

Sofia, por sua vez, quis o mundo.

E talvez nisso se parecesse ainda mais com Graciana do que todos imaginavam.

Havia nela uma independência que não pedia licença, uma necessidade de buscar novos lugares, novos caminhos, novas versões de si mesma.

Graciana talvez reconhecesse esse impulso com uma ternura inquieta. Quem muito fugiu sabe que partir pode ser coragem, mas também pode ser chamado. E há chamados que ninguém tem o direito de impedir.

Os anos, afinal, fizeram o que fazem com todos.

Foram retirando dela as defesas.

A mulher que um dia aprendera a vigiar portas, memorizar rostos e medir perigos antes que se revelassem tornou-se simples. Depois, humilde. Depois, frágil de um modo quase luminoso. A delicadeza, que antes precisara esconder-se atrás da coragem, foi finalmente aparecendo.

Seus gestos ficaram mais lentos. Sua voz, mais baixa. Os olhos, porém, conservaram até tarde alguma coisa antiga: uma luz que não era juventude, mas permanência.

Nem tudo foi paz.

O amor por João, nem sempre correspondido como ela merecia, pesou com os anos.

Havia no casamento uma falta que ela conhecia, mesmo quando não lhe dava nome.

Talvez lhe faltasse aquela segurança inteira que algumas mulheres encontram em homens capazes de prover não apenas dinheiro, mas direção, amparo, administração, presença.

Talvez nunca tenha recebido isso por completo. Talvez tenha precisado ser forte cedo demais para aceitar, depois, uma dependência tranquila.

João teve outros amores. Graciana talvez sempre soubesse.

Há dores que não chegam como revelação, mas como confirmação.

Não se quebram portas quando a casa já range há muito tempo. Ela percebia sinais, ausências, pequenas mudanças de tom, silêncios que duravam mais do que deveriam. E, quando a verdade se tornava impossível de negar, não era exatamente surpresa o que a feria.

Era o cansaço. Era reconhecer, mais uma vez, que até o amor cobra seus tributos.

Não falaremos demais de suas lágrimas.

Algumas pertencem apenas a quem as recebeu no ombro.

Basta dizer que Lucas as conheceu. E que há momentos em que um filho, sem deixar de ser filho, torna-se abrigo.

Não, juiz. Não, conselheiro. Abrigo.

Graciana não chorava para destruir o pai diante dele, nem para pedir vingança, nem para transformar a dor em espetáculo. Chorava como quem, por um instante, já não conseguia sustentar sozinha o peso de ter sido tantas mulheres ao mesmo tempo.

Mesmo assim, nunca se separou.

Nunca deixou, João.

Nunca afastou os filhos do pai.

Nunca permitiu que a história construída com tanto esforço fosse tocada por mãos estranhas. Não por submissão simples. Não por cegueira. Não por falta de coragem. Se havia alguém capaz de partir, era ela. Já havia partido de países, nomes, casas e destinos. Mas escolheu ficar.

Essa escolha, como todas as escolhas profundas, tinha amor, orgulho, medo, dever, memória e uma parcela de sacrifício que talvez ninguém consiga medir de fora.

Talvez fosse mais um preço.

Ela conhecia preços. Pagara muitos.

Sofreu em silêncio, mas não viveu apenas de sofrimento.

Seria injusto lembrá-la assim. Houve alegrias. Muitas.

Houve viagens, mesas cheias, risos inesperados, roupas escolhidas com cuidado, tardes de sol, livros abertos, carros entrando e saindo na temporada, netos correndo pela casa, vozes chamando por ela de modos diferentes. Houve o milagre cotidiano de ver a vida insistir.

E então vieram os netos.

Com eles, algo nela se renovou.

Um neto não é apenas uma criança que nasce. É o futuro entrando pela porta com o rosto da família. É a prova de que a vida continua para além das perdas, das guerras, dos erros, dos amores incompletos, das escolhas difíceis.

Nos netos, Graciana viu uma alegria mais ampla que qualquer missão. Mais total que qualquer vitória. Aquilo que um dia ela defendera com armas, silêncio e sangue agora aparecia sem ruído, no corpo pequeno de uma criança dormindo, numa mão segurando seu dedo, numa risada atravessando a tarde.

Talvez tenha entendido, então, que nenhuma causa é maior do que a vida que consegue nascer depois dela.

Estar junto aos seus até o final foi sua última escolha.

Não houve grande cena. Não houve despedida teatral, nem frase definitiva capaz de explicar uma existência inteira.

A vida raramente concede esse tipo de perfeição aos que partem. Graciana se foi numa noite serena, como se finalmente aceitasse deitar as armas invisíveis que ainda carregava dentro de si.

Talvez tenha sonhado com vinhas.

Talvez com o deserto.

Talvez com Paris.

Talvez com os filhos pequenos outra vez, correndo por uma casa que já não existia.

Talvez com os netos, e com um futuro em que seu nome já não precisasse doer.

Ninguém pode saber.

Mas havia em seu rosto, ao final, uma serenidade que impressionou os que a amavam.

A morte, que tantas vezes rondara sua vida como ameaça, chegou enfim sem violência.

E, ao tocar seu rosto, não lhe deu espanto. Deu-lhe descanso.

A máscara final parecia guardar uma felicidade discreta, como se, no último instante, ela tivesse compreendido que o amor deixado no mundo era maior do que o peso levado consigo.

Seus filhos sentiram sua partida como se uma casa inteira tivesse ficado em silêncio.

Lucas, talvez, sentiu também o encerramento de um segredo.

Sofia, talvez, ouviu na ausência da mãe o chamado de todas as mulheres que seguem adiante sem saber exatamente de onde herdaram sua coragem.

Cada um chorou à sua maneira, porque os filhos nunca perdem a mesma mãe.

Cada filho leva consigo uma versão única daquela que partiu.

Mas Graciana não desapareceu.

Ninguém desaparece por completo quando plantou amor suficiente.

Permaneceu nos gestos dos filhos, nas histórias repetidas à mesa, nos objetos guardados, nos livros da pequena livraria, nos carros que um dia pareceram velhos demais para carregar tanto destino, nas fotografias de viagem, nas receitas lembradas pela metade, nas frases que voltavam sem aviso, nas manias herdadas, nos netos que talvez jamais conhecessem toda a extensão de sua história, mas ainda assim carregariam alguma coisa dela no sangue, no caráter, no modo de olhar o mundo.

Sua vida, vista de longe, talvez se pareça com um vinho antigo.

Começa na vinha.

Depois, a colheita interrompida.

Depois, a fermentação escura dos anos; a espera, o silêncio, o trabalho secreto do tempo.

Nem tudo que amadurece se torna doce. Algumas coisas tornam-se densas. Mais raras. Mais difíceis de explicar. Mais preciosas justamente porque não podem ser repetidas.

Assim foi Graciana.

Não deve ser lembrada apenas pelo que fez.

Nem apenas pelo que ocultou.

Nem apenas pelas dores que suportou.

No fim, o que permanece de uma vida não são as missões, os nomes falsos, as viagens, os negócios, as perdas, as vitórias ou mesmo as grandes decisões.

Tudo isso importa, mas tudo isso passa.

O que fica é mais simples e mais difícil: o amor que conseguimos deixar nos outros.

E Graciana deixou amor.

Deixou-o imperfeito, humano, às vezes ferido, às vezes silencioso, mas verdadeiro.

Deixou-o nos filhos que criou, nos netos que iluminou, nos lugares que atravessou, nas pessoas que protegeu, nas histórias que finalmente puderam ser contadas.

O passado dela foi enterrado nas areias do tempo.

Mas algumas sementes só germinam depois de soterradas.

E, muito depois que sua voz se calou, aquilo que ela plantou continuou vivendo.



Aviso de obra ficcional

Este livro é uma obra de ficção literária.

Ainda que alguns elementos possam ter sido inspirados em experiências pessoais, memórias, lugares, pessoas, sentimentos ou acontecimentos reais, toda a narrativa foi livremente recriada pelo autor. Personagens, diálogos, nomes, situações, datas, relações, instituições, localidades e acontecimentos foram alterados, condensados, imaginados ou ficcionalizados.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, bem como com fatos, lugares, instituições ou acontecimentos existentes, deverá ser compreendida como coincidência ou como resultado do processo artístico de criação, sem intenção de retratar, acusar, identificar, expor ou reproduzir fielmente qualquer pessoa ou episódio real.

Nada nesta obra deve ser interpretado como documento histórico, relato autobiográfico, biografia, confissão, depoimento ou reconstrução factual.

Esta é uma obra de imaginação.



Bibliografia

- BERGMAN, Ronen. **Rise and kill first: the secret history of Israel's targeted assassinations**. New York: Random House, 2018.
- BLACK, Ian; MORRIS, Benny. **Israel's secret wars: a history of Israel's intelligence services**. New York: Grove Press, 1991.
- BOSCH, Robert GmbH. **Bosch automotive handbook**. 10. ed. Hoboken: Wiley, 2018.
- BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- CHILTON BOOK COMPANY. **Chilton's auto repair manual**. Radnor: Chilton Book Company, 1975.
- EVANS, Richard J. **The coming of the Third Reich**. New York: Penguin Press, 2004.
- EVANS, Richard J. **The Third Reich in power, 1933-1939**. New York: Penguin Press, 2005.
- EVANS, Richard J. **The Third Reich at war, 1939-1945**. New York: Penguin Press, 2009.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.
- FREIDSON, Eliot. **Professional dominance: the social structure of medical care**. Chicago: Aldine, 1970.
- GILBERT, Martin. **Israel: a history**. New York: William Morrow, 1998.
- HARRISON, Tinsley R. et al. **Harrison's principles of internal medicine**. New York: McGraw-Hill, 1950.

HILLIER, V. A. W.; COOMBES, Peter. **Hillier's fundamentals of motor vehicle technology**. Cheltenham: Nelson Thornes, 2004.

LICHTENSTEIN, Kobi. **Krav Maga: o legado de Imi Lichtenfeld**. São Paulo: Imago, 2006.

MORRIS, Benny. **1948: a history of the first Arab-Israeli war**. New Haven: Yale University Press, 2008.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PORTER, Roy. **The greatest benefit to mankind: a medical history of humanity**. New York: W. W. Norton, 1998.

SANTUCCI, Tony E. **Automotive restoration guide**. Tucson: HP Books, 1998.

SEGEV, Tom. **1949: the first Israelis**. New York: Free Press, 1986.

SHIRER, William L. **The rise and fall of the Third Reich: a history of Nazi Germany**. New York: Simon & Schuster, 1960.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

O AUTOR



**Flávio Dellazzana - Stonehenge - Circulo Interno
Planície de Salisbury, Inglaterra - 2023**

Flávio Dellazzana nasceu em Chapecó, Santa Catarina, e cresceu em Itapema, no litoral catarinense. Formou-se em Ciências da Computação em 2000, atuou profissionalmente como DBA Oracle e, posteriormente, seguiu carreira como corretor de imóveis, experiência que ampliou seu contato direto com pessoas, histórias, escolhas, perdas, conquistas e projetos de vida.

Filho de Rosinha, que lhe transmitiu desde cedo o respeito pelas tradições judaicas, pela história de Israel e pela força espiritual da memória, e de um pai médico, de quem herdou a atenção à fragilidade humana, à dor, à cura e ao mistério do corpo, Flávio cresceu entre duas formas complementares de conhecimento: a tradição que preserva o sentido e a ciência que procura aliviar o sofrimento.

Essa dupla herança, espiritual e humana, simbólica e concreta, atravessa sua escrita. De um lado, a escuta dos textos sagrados, das narrativas antigas, dos nomes preservados pela memória e das perguntas que atravessam os séculos. De outro lado, a consciência de que todo símbolo, por mais elevado que seja, precisa tocar a vida real, a carne, a dor, a morte, a esperança e a cura.

Autor, pesquisador e estudioso da Maçonaria, das tradições iniciáticas e da história simbólica do Ocidente, iniciou sua trajetória maçônica em 2002.

Desde então, desenvolveu um percurso contínuo de estudo, formação, revisão ritualística, produção intelectual e transmissão responsável do conhecimento iniciático.

Ao longo de mais de duas décadas, sua atuação atravessou diferentes ritos e sistemas filosóficos, com especial dedicação ao Rito Adonhiramita, ao Rito de York, ao Real Arco, aos Graus Crípticos, às Ordens de Cavalaria, ao Rito Escocês Antigo e Aceito e a outras vertentes da tradição maçônica e paramaçônica. Participou da fundação de Lojas, da elaboração, tradução, adaptação e revisão de manuais ritualísticos, da formação de obreiros e de iniciativas voltadas à consolidação de uma linguagem ritual clara, fiel às fontes e acessível aos buscadores sinceros.

Sua formação em Maçonologia, História e Filosofia reforça uma vocação intelectual voltada à compreensão das tradições não como relíquias imóveis do passado, mas como linguagens vivas, capazes de iluminar as inquietações do presente. A essa formação soma-se o interesse permanente pela história, pelas viagens e pelos lugares onde pedra, rito, mito e memória ainda parecem conversar com o homem atento.

Como escritor, Flávio Dellazzana tem publicado obras dedicadas à Maçonaria, seus ritos, graus, instituições, símbolos e desdobramentos históricos.

